

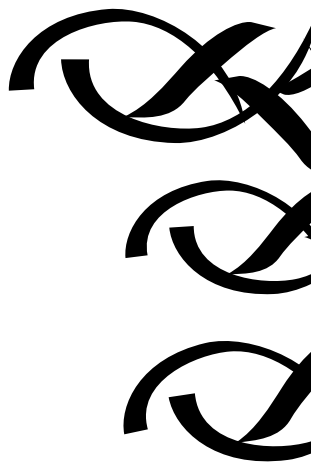
As Marés

Yara Sarmento

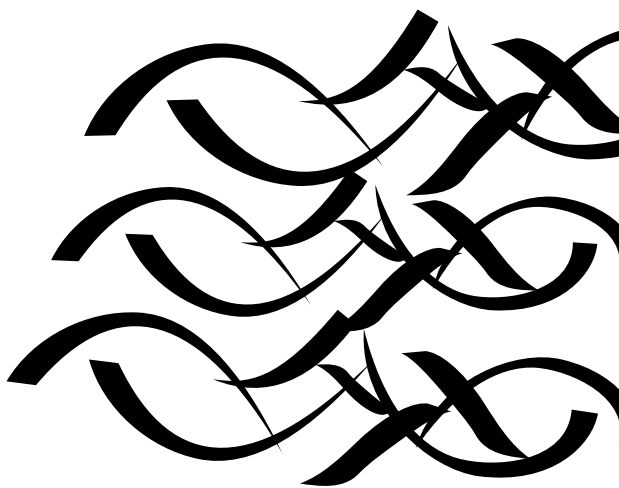


As Marés

Yara Sarmento



Curitiba | Abril | 2011

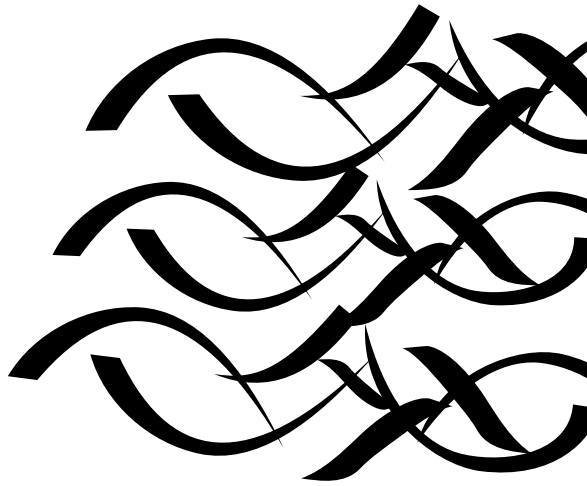


As Marés, resulta de escrivinhações que fiz quando Odelair Rodrigues, Regina Vogue, Gilda Elisa, Claudete Pereira Jorge e esta que vos fala, pensamos em montar um espetáculo de teatro. Em 2000 nos reunimos com Enéas Lour, que seria o responsável por selecionar nossos textos e dar-lhes carpintaria teatral.

Infelizmente, por questões financeiras, não pudemos seguir adiante. Foi grande a tristeza das “Deliciosas Cênicas”.

Este livro é fruto também do Blog “Sobre e Para Yara Sarmiento”, proposto por Vitoria Arabela Sahão e editado por Beatriz Barreto Brasileiro “Biazinha” Lanza em 2007, destinado – com o apoio das diretoras Lu Rufalco e Marisa Villela – ao acervo do Setor de Preservação e Memória do Centro Cultural Teatro Guaíra.

Com base no Blog, Mônica Drummond propôs que tentássemos a publicação dos textos, com apoio da Lei Municipal de Incentivo à Cultura - Mecenato. O projeto não foi classificado. A comissão responsável pela seleção na área de Literatura, entendeu que o encaminhamento do projeto foi



equivocado. Que deveríamos tê-lo dirigido à área de Patrimônio.

“Na Espuma das Ondas”, livro digital, foi lançado em novembro de 2009.

Participaram do processo: Vitória Sahão, Bia Lanza, Mônica Drummond, Bia Reiner, Marisa Villela, Célia Polydoro, Jane D’Avila, Rosirene Gemael, Valderez Pacheco, Maria da Graça Kindermann, Evelise Sydney Silva, Frederico Bittencourt e Cristiano Maingue. Foto: Marcos Borges.

Na abertura do livro “Na Espuma das Ondas” gravamos o prelúdio da ópera “Tristão e Isolda”, de Richard Wagner, com a Philharmonia Orchestra, sob a regência de Otto Klemperer.

As Marés, apresenta textos – revisados – do livro digital e outros textos inéditos.

Com minhas escritinhações – escrevo como falo – pretendo propor temas à reflexão, temas pra conversa.

Yara



Às minhas famílias Gomes Moreira / de Moraes Sarmiento.
Aos amigos – muito amados – sempre presentes.
Aos – queridos – companheiros de trabalho e de militância cultural.
Às pessoas que – com aleivosia – me despertaram pra luta.
(Ésquilo: “Sofrer para Aprender”)
A todos ofereço este trabalho.
A todos agradeço imensamente.

Sem o seu estímulo, Vitoria Arabela Sahão, este livro seria apenas sonho.
Obrigada “Vic de Samotrácia”.

Agradeço e muito, a dedicação da equipe.

Elisa Gonçalves Martins, você é imprescindível na minha vida.

Quero, de público, dar eternas graças à duas mulheres que me ensinaram como é a vida: Nerea Sarmiento, minha mãe, e à Beatriz Di Paolo Amaral, minha amiga inesquecível.

Beatriz Barreto Brasileiro “Biazinha” Lanza e Mônica Drummond, vocês são força motriz deste livro.

À Gisele Sarmiento, 70 vezes – obrigada!
Obrigada por tudo Nena Inoue – pequena flor de cerejeira.

Obrigadíssima à Marisa Villela, Adrianne Correia Pereira e a José Maria Correia, pelo continental suporte.

Agradeço ainda, à Fabiana Pires da Silva e à minha querida “mucama” Sôely Walguer Cordeiro, pelo apoio e pela paciência quando dos meus “ataques” de ansiedade mórbida.

Yara



Nos sonhos e na realidade dos dias, o deus nos faz renascer, nos transforma, apresenta-nos à “loucura sagrada”.

Filho de Sêmele e Zeus, é o condutor dos peregrinos a Elêusis, ao culto à Deméter, a senhora dos mistérios.

O deus nos liberta, nos impulsiona e nos conduz pra ânsia, pro prazer de viver.

O deus nos ama; nos resgata, como fez com Ariadne em Naxos.

Embragados com o vinho que jorra da boca do deus, queremos ir e vamos nas trilhas abertas por Dioniso – o do Teatro – pra, quem sabe, vislumbrarmos alguma coisa sobre os mistérios do existir.

Hermes Trismegisto, “O Três Vezes Grande”, traz a mensagem: escrevermos sobre o que pensamos, sentimos e aprendemos, pode ser o começo.

Yara



O QUE TEM PRA LER

Contos, crônicas, peça teatral, relatos de viagem, roteiro /
texto pra vídeo ou curta-metragem, entrevista,
depoimentos e meu histórico.

Apresentação - jornalista Rosirene Gemael _____	13
O Absoluto _____	16
Trilhos na direção do deslumbramento _____	37
Humanos e deuses navegam pelo Nilo _____	40
Ela. Olhos nos olhos dela mesma _____	50
"Sorria, você está na Bahia" _____	54
As irmãs _____	59
Por que? _____	70
Águas de azul profundo _____	75
O parto da aranha morta _____	85
Alguma coisa sobre Eva _____	90
Quem foi, quem é Lillith? _____	94
Nós, em Maria Rosa _____	97
Hatshepsut _____	102
A bíblica Jezebel _____	107
A porta _____	113
Bate / rebate _____	118
Horroroso _____	131
Momo _____	134
Machina Fatalis - Clitemnestra / a propósito de... _____	138
Convite à reflexão _____	152
As filhas de Lot _____	155
Somos todos antas astecas? _____	159
A senhora no andor _____	163
Barreado de Antonina _____	167
Via dolorosa _____	170
Depoimentos _____	174
Histórico _____	219



APRESENTAÇÃO

O livro nasceu do propósito da autora de montar uma peça que nunca foi ao palco, por falta recursos financeiros.

Todo mundo já ouviu pelo menos uma vez na vida, essas três primeiras linhas. Mas que ninguém se atreva a imaginar como a trama continua.

Aqui nada é linear. A história começa pelo meio. Lá para o fim tem uma cronologia na maior precisão, data por data.

Costura com requinte crônicas, conto – “O Parto da Aranha Morta” é singular – roteiros, peça de teatro, lembranças de viagens, mergulhos na mitologia. Respostas a uma entrevista, o transbordo de depoimentos.

Soma de modo único linguagem erudita e gíria deslavada. O tom é coloquial. Uma fala impressa cheia de força. É possível quase escutar a voz da autora. A pontuação revela pausas das quais ela não abre mão para enfatizar a ironia que virá a seguir, a postura crítica. Nada de meias palavras. Só palavras inteiras. Palavrões.

O globo gira ao contrário. E subverte a geografia. Egito, Grécia, Salvador, Antonina, Jardim do Éden vizinham como cercanias por onde ela levanta véus e reconta de olho no lado “b” da cidadania.

Entre os caminhos, idas e vindas a Antonina de “maria fumaça”, passeio de “feluca” pelo Nilo. Nas paradas, bolinho de graxa na estação na Serra do Mar, cordeiro ou cabrito com azeite de oliva na Grécia, o ritual do barreado em casa, panela aberta ao som de sinos e hinos.

Grécia e Egito. História da arte, mitologia, o modo de ver o belo, modos de ver e viver a vida. A natureza humana é miserável, ela enfatiza com sinceridade absurda. A mesma

que dedica ao poder público, à Justiça, às políticas culturais. O espírito dá muito trabalho. É mais fácil, mais cômodo ser apenas barro, aponta.

“Meu sobrinho Tutmósis exige o poder! Quer a dupla coroa e pra tanto arquiteta minha morte”, diz Hatshepsut, a mulher faraó desfazendo-se em fios que tecem a própria história.

Ora a autora narra, ora interpreta personagens, discurso na primeira pessoa. Assim reinterpreta Jezebel, Hatshepsut, Eva, Lilith. Clitemnestra fala pela voz de Odelaire Rodrigues, atriz e personagem na peça *Machina Fatalis*, inspirada na tragédia “Ifigênia em Aulis”, de Eurípedes.

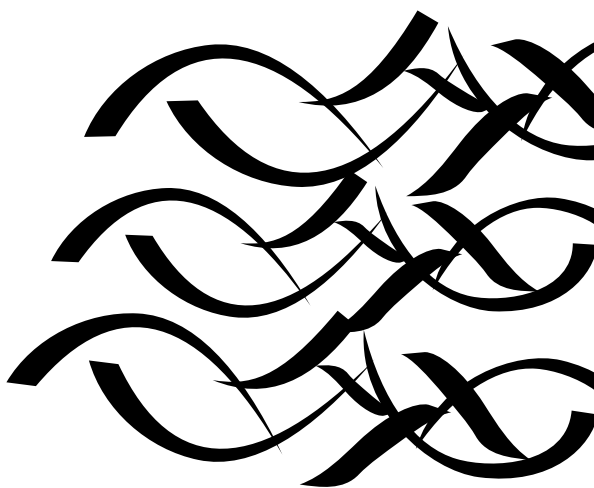
Ao tratar personagens por apelidos ou diminutivos – Cleópatra é Tia Cléo – Yara transforma o mundo, o Brasil, o Paraná em províncias habitadas por criaturas de culturas díspares mas não muito diferentes em sua essência.

Homossexualismo, preconceito, a mulher na história, a história da mulher. Um exercício de reflexão. De tomada de atitude. Compara Eva e Lilith. A coadjuvante e a protagonista. E dedica a Lilith o Nobel, o Oscar e o Troféu Gralha Azul desafiando as “moiras que tecem e tecem”.

A relação conflitante e apaixonada com um dos maiores amores: o Teatro Guairá. Por ele duelou nos palcos e principalmente nos bastidores e nos bares e nas esquinas e nas ruas...

Esta obra é o diário de bordo de uma ativista da palavra, da arte, da organização de artistas, técnicos e produtores. O diário de bordo de uma ativista da política cultural, da justiça. O diário de bordo de uma ativista da vida.

Rosirene Gemael



O ABSOLUTO

AS ESCRITURAS

Tonitruou a Voz: "Fiat Lux".

O breu resplandeceu com incontável número de pontos brilhantes.

Na Terra, centro do firmamento, Deus concentrou todas as Suas atenções.

Cinzelou os elementos, o tempo, as estações e os mais variados seres.

A serviço da "menina de Seus olhos", o Senhor criou o Sol e a Lua.

No meio dessa azáfama, que durou exatamente 7 dias, o Criador esculpiu no barro, primeiro o homem, depois a mulher.

AS IMAGENS / AS NARRAÇÕES

Sou apaixonada por documentários. Pela primeira vez, num trabalho científico, assisti extasiada como a obra é deslumbrante. As cores, esplendorosas. Os corpos celestes entrelaçam-se em estupendas formas espiraladas e outras. Os sistemas planetários mostravam-se estáticos e em harmonia.

A Terra (como será seu nome ou seu número, pros extraterrestres?), instalada num dos extremos da Estrada de Leite, inclui-se num sistema comandado por uma estrela de 5ª grandeza (como será uma de 1ª?).

O Sol canta, expelindo fogo. Sua luz ilumina, em graus, os planetas de seu séquito. Cada um deles me provoca mais que admiração, fascínio. É imbatível o que se adorna com anéis.

Na terceira esfera da estrela contemplei, emocionada, a combinação do branco com o azul, o verde e o bege. O quadro confirma, o gosto refinado do Artista. O toque do Gênio vê-se, também, na forma e nas cores do arco-íris. São lindíssimas as massas que podemos ver riscando o céu, com suas caudas prateadas.

Próxima a terceira esfera, sua única coadjuvante. Argêntea, nas suas diferentes entradas em cena, a Lua desempenha com maestria seus papéis. O ápice, a coreografia pras águas. Que assombro, as marés. Avançam e recuam. Recuam e avançam – como na vida – em cores e melodias que só Deus sabe criar.

Nos capítulos seguintes dos documentários – “O Universo” e “Como Nasceu Nosso Planeta” – impactada em minha profunda ignorância, vi e escutei como o conjunto cósmico movimenta-se com formidável velocidade. Como as massas nascem em explosões, desaparecem pulverizadas, formam outras. Como se empurram, se chocam, se dilaceram. Como devoram umas as outras – parece – competindo pelo papel de protagonista no espetáculo sideral (segundo os cientistas, tudo começou há 14 bilhões de anos).

Vi e escutei como as massas engendram negros buracos que sugam o que deles se aproxima (tudo é destruído no momento da sucção? No girar inimaginável? Nesse túnel existe portal de saída? No final do vórtice há outra dimensão?).

Vi e escutei sobre corpos sem conta, que descartados na composição das estrelas, constelações, nebulosas, planetas, voam desvairados em todas as direções, comendo pedaços, aniquilando o que tocam.

A REFLEXÃO

Como antes – com medo da heresia, da blasfêmia, do pecado, da culpa e do conseqüente castigo divino – não

quero pensar, mas penso. Como antes, quero acreditar; manter a fé no que me foi ensinado, mas duvido, questiono.

O pensamento, livre de amarras, corre em vários caminhos. Avança, tropeça, recua, volta a avançar.

No Universo, a beleza e o caos. Na Terra – conforme os cientistas, em seus 4 bilhões e 400 milhões de anos – a beleza e a violência. A vida e a morte. O renascer, pra seguir o mesmo périplo.

Como – parece – as coisas não saíram como Deus planejou, enfarando-se da Sua obra, dela não toma mais conhecimento?

Penso que O Absoluto não é “louco de pedra”, pra destruir as maravilhas que criou.

Considerando-se no que resultaram os seres que criou à Sua imagem e semelhança, o Onipresente – tendo-nos concedido livre arbítrio – concluiu que cometeu um erro?

Penso, O Absoluto / A Energia não erra.

O Absoluto não é bom nem mau. Não ama nem odeia. Ele é a Justiça. Sob este enfoque, Ele não tem “escolhidos” pro bem ou pro mal. Pra pobreza ou pra fortuna. Pra saúde ou pra doença. Pra sorte ou pro azar. Pra beleza ou pra feiúra. Pro sucesso ou pro fracasso. Pra felicidade ou pro sofrimento. Pra inteligência, genialidade ou pra pouca, muita, total falta de entendimento.

O Absoluto não joga jogos que não condizem com Seu status de Plus Ultra. O Onipotente não “disputa” a alma da Sua criatura com ninguém, muito menos, com “satã”.

O Justo, não nos faz purgar pelo que não sabemos que fizemos em “outras vidas”. A “purificação” da alma, em escalas, pra merecer o céu – sendo “a carne fraca” – é um ciclo sem fim e, Ele é Onisciente. Sendo assim, não existe “reencarnação”.

Penso que O Absoluto / A Balança, contabiliza como tratamos uns aos outros.

Nada está determinado, o “destino” é estória. Tudo

depende das circunstâncias.

A natureza manifesta-se por si mesma. Independe de outra força (em nossa empáfia e ganância, achamos que podemos dominá-la. Sua resposta aos abusos é implacável).

“Somos feitos da poeira de estrelas” (Carl Sagan).

Estamos por nossa própria conta e risco. Somos os únicos responsáveis por nossos atos. A energia que emanamos – e que volta – em nossos pensamentos, palavras, ações e omissões, é o peso e a medida.

Buda disse: faz o bem sem esperar recompensa ou por temor ao castigo.

Ai que preguiça!!! dizemos nós. O espírito nos dá muito trabalho. Pensar nos dá muito trabalho. Pensar exige tempo e, nós não queremos “perder tempo”. Temos que correr atrás do “pão nosso de cada dia”. Temos que nos divertir. É mais fácil, mais cômodo, sermos apenas barro.

Pensar dói, mas doem muito mais as consequências das nossas ações, quando feitas sob os efeitos da irresponsabilidade, da ignorância.

Cantamos: “dexa a vida me levá”. Muitas vezes, a vida nos leva direto pro brejo.

Deleitamo-nos em transitar pela banda podre, depois vamos à igreja – seja qual for. Rezamos. Oramos catarticamente (sem muito sucesso). Choramos soluçantes e caudalosamente, cheios de pena de nós mesmos. Dançamos e cantamos. Nos autoflagelamos. Meditamos horas sem fim. Acendemos velas de todos os tamanhos e cores. Fazemos “sacrifícios” com o sangue e a vida de animais e, em algumas ocasiões, até de humanos. Balançamos pra frente e pra traz. Tiramos os sapatos, ajoelhamos e nos curvamos batendo a testa no chão, em preces. Reunimo-nos pra invocar a presença dos mortos, querendo que nos contem o que sabem, que nos orientem nas estradas da vida.

Nós católicos, vamos à igreja “confessar”. Quem ouve o que relatamos – seja o que for – nos “absolve”.

Dizemos, distraidamente, sete ou dez Ave-Marias e, sem grandes arrependimentos, comungamos o Cristo. Achamos que estamos “com a alma limpa”, voltamos a pensar, falar, fazer as mesmas e/ou outras barbaridades e, novamente, vamos “confessar”.

Assim, levamos a vida até o fim de nossos dias.

Assistimos aos rituais achando que merecemos “milagres”. Achando que nossos interesses – nem sempre louváveis – serão atendidos. Que seremos “salvos do fogo do inferno”, na hora da nossa morte.

Com a maior cara de cimento armado – “espelho, espelho meu, existe alguém mais maravilhosa do que EU?” – pedimos, pedimos e pedimos. Nem sempre lembramos de agradecer. Aliás, a gratidão não é o nosso forte.

Não amamos ao próximo – muito menos – como a nós mesmos. Temos afeto, queremos bem, ou não, pessoas que convivem intimamente conosco.

“Nos achando”, amamos ao outro desde que a pessoa faça o que, como e quando queremos. Se não for assim, o “amor intenso e eterno” entra em colapso.

Como somos “magnânimos”, queremos agradecer aos muitíssimo próximos. Na maioria das vezes fazemos “mimos” às pessoas, porque isso NOS dá prazer. Muitas vezes, porque queremos alguma coisa em troca.

“Obrigada”, “por favor”, “com licença”, “bom dia”, “até logo”, “está bom, parabéns”, “seja feliz”, “desculpe”, “perdão”, são palavras que não temos o hábito de usar com frequência.

Na relação romântica, quando nos abandonam bradamos: “cobra, lagarto, percevejo”, você ME deu o fora??? EU, a/o melhor da espécie??? EU a/o melhor do gênero??? “Rato, aranha, piolho”, dei-lhe os melhores anos da MINHA vida, e é desse jeito que retribuí??? “Bactéria, vírus, parasita”, quero que você se arrebente!!!

A criatura amada passa a ser vista como inimiga.

Suas boas qualidades deixam de existir. Esquecemos que durante a relação, aceitamos os inúmeros defeitos do “ser amado” (e o “ser”, os nossos). A partir do “bom dia, passe bem!!!” enfurecidos, desenterramos a matéria podre com a intenção de demolir quem, há momentos atrás, era “a luz da nossa vida”.

Na paixão / tesão, quando não mais provocamos fogo nos “países baixos” do outro e somos deletados, enlouquecidos gritamos: “lesma, barata, ameba”, seus dias estão contados e são pouquíssimos os números. ME aguarde!!!

Caso, por este ou aquele motivo, somos chamados à reatar a relação – no ato – engolimos o ódio, as humilhações e recebemos com as pernas abertas, com o pênis rijo, aquele/a que, até instantes atrás, queríamos ver guilhotinado/a.

Quando somos nós que abandonamos, não ficamos nem um pouco preocupados com o sofrimento do ex-amado. Imensa pena, dizemos, acabou!!! Isso, quando nos dignamos a dar justificativas. Muitas vezes, nos pirulitamos sem dizer palavra.

Quem de nós já não protagonizou ou não assistiu esse filme?

Se pessoa querida fica doente, nos desesperamos - sim. Caso a situação de sofrimento se prolonga, em muitos momentos, impotentes, exaustos, um pouco incomodados com a quebra das nossas rotinas, “escapamos”. Chegamos até, em alguns instantes, a perder a paciência.

Quando a pessoa querida morre, choramos e muito a sua perda. Sentimo-nos aliviados porque o sofrimento de quem queremos bem, chegou ao fim. Também, porque chegou ao fim a NOSSA angústia.

Se somos NÓS os enfermos, pretendemos das pessoas queridas, paciência total, tempo integral e dedicação exclusiva.

Ainda, se alcançamos êxito em nossos fazeres; se

ocupamos importantes cargos, principalmente, aqueles de liderança, “inflamamos” e “flutuamos”. Esquecemos que a vida é uma roda gigante. Que no constante “giro” ficamos no alto, no meio, ao rés do chão. Esquecemos que estando no topo, podemos despencar em qualquer momento.

Além das ações destrutivas da própria natureza, estamos contribuindo de modo decisivo pra encerrar, rapidamente, o presente ciclo da vida em nosso planeta. Umas e outros, vazios de consciência, insistem em ignorar as catástrofes de toda ordem que já estão acontecendo. O trágico, é que todos e tudo estão indo de roldão.

Previendo a hora do “vamo vê”, alguns projetam fugir pro espaço.

Cientistas declaram que o espaço sideral é hostil aos terráqueos. Que a radiação, incinera. Que a falta de gravidade prolongada, é letal. Que os raios cósmicos, são fatais. Que, se apenas um dos bilhões de asteróides circulantes no espaço; se apenas um dos destroços/lixo que deixamos no céu, colidir com nossa nave – adios.

Que a volta, a entrada na atmosfera da Terra é momento crucial, tal a combustão que essa passagem provoca.

Que uma viagem tripulada ao vizinho Marte, não é coisa de semanas (Mercúrio e Vênus, a primeira e a segunda esferas próximas do Sol, são impossíveis pra nossa vida). O “planeta vermelho” não nos oferece oxigênio, não há água na superfície, nem o que possamos comer. Os estudos revelam que “o deus da guerra”, é um deserto gelado, constantemente tomado por terríveis tempestades de areia.

Cientistas opinam que antes de, no mínimo, 100 anos não haverá tecnologia pra pretendida debandada.

Diante desse quadro, confirma-se que somos uma espécie delirante e estúpida o bastante, pra autodevorar-se enquanto devora semelhantes e o planeta onde habita.

Pra não haver mal entendido, esclareço que neste

tema, não me refiro aos estudos, às pesquisas, às explorações, às descobertas que nos trazem conhecimento.

Os animais que nós, entupidos de arrogância, classificamos de seres inferiores, nos mostram, muitas vezes, que são mais inteligentes que a criatura humana. Vários deles, nos superam em lealdade, em sensibilidade.

Pelos motivos mais variados – muitos deles, sórdidos – fazemos guerra uns aos outros, sendo que já conhecemos as mais que trágicas consequências.

Pra satisfação de nossos interesses de umbigos podres, escravizamos, oprimimos, reprimimos, exploramos, impedimos de direitos, soterramos liberdades e a dignidade, fazemos “o diabo” àqueles que podemos dominar.

Pelas mais asquerosas razões, excluímos, enganamos, mentimos, traímos, abandonamos, usamos e abusamos, discriminamos, tripudiamos, assaltamos, caluniamos, humilhamos, torturamos, assassinamos quem podemos atingir.

Diante desse panorama, o que tem O Absoluto a ver com a natureza humana?

O espanto de todos os espantos, é saber que humanos torturaram e torturam, mataram e matam pessoas em nome de Javé, de Deus, de Alá e de tantas outras divindades.

O que tem a divindade a ver com essa ignomínia?

Como em nós a vaidade impera, preocupamo-nos – até mais que com nossa saúde – em “recauchutar” o corpo. Como os anos não passam impunemente, muitas das “marcas” deixadas pelo tempo, não desaparecem.

É claro que queremos ser jovens, lindos, irresistíveis. Que ficamos tristes com a decadência física. É claro que temos que cuidar do nosso corpo. Afinal é com ele que vivemos a vida, mas é fundamental também, darmos muita atenção ao nosso intelecto, à nossa psique, ao nosso espírito.

Penso que por meio desse cultivo, poderemos nos “aprumar” como pessoas neste mundo.

Quando morremos não há mais nada que possamos fazer. Não há mais nada que os vivos possam fazer por nós. Os fatos / nossas ações, estão consumados. De nada adiantam as missas, as orações, as velas.

A Balança / O Absoluto, não aceita lobbies. Aos vivos resta a saudade, resta o devido respeito à memória dos mortos.

Na hora do “pega pra capá” nós, na quietude física definitiva, já em processo de putrefação. Nós, o nada ou almas / espíritos, o que for, conheceremos a Verdade.

Atenção: muitas vezes dizemos “faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço”. O mundo está um esgoto a céu aberto, porque ainda não nos tocamos que Educação / Formação, é exemplo.

Falações iradas ou não, surras e castigos pouco resolvem. O “manual” está em como os pais, a família, os professores, os religiosos, os artistas e esportistas famosos, os políticos, os jornalistas, os escritores, os juízes, os promotores de Justiça, os policiais, os “chefes” e os colegas de trabalho, enfim, como cada um de nós nos comportamos.

Ouvi várias vezes, de diversas pessoas: “que mal eu fiz a Deus pra merecer este castigo?” Que audácia!!!

É ilusão idiótica pensarmos que podemos atingir O Absoluto com nossas omissões, nossa indiferença, nossas pequenas ou grandes maldades.

Nos ensinam os estudiosos, que temos em nós o bem e o mal. A luz e a escuridão. Depende de como agimos, A Balança fará Seu movimento.

Cuidemos pois, pra não ferir, não sacanear os outros. Como muitas vezes, ferimos, sacaneamos – sem compaixão – não é pro Absoluto que devemos pedir perdão – mas sim – pra quem machucamos, reconhecendo o que fizemos e, se ainda for possível, tratar de consertar o estrago.

Se somos nós os ofendidos, os prejudicados, queremos que se desculpem conosco. Se assim não for, na maioria das vezes, não queremos justiça, queremos vingança – “olho por olho, dente por dente”.

Em nossa arrogância não pedimos desculpas, muito menos perdão a quem fazemos sofrer. Muitas vezes, com peso na consciência, optamos pelo refúgio nas religiões, nas quais achamos que nossas más ações receberão – por intermédio daqueles que trabalham nesse ofício – o perdão, a misericórdia divina e Suas consequentes “graças”.

“Sacerdotes” dos variados credos, sabendo com quem lidam, capricham nas cerimônias: cenário, figurino, sonoplastia, coreografia, marcas de cena, aromas. Capricham nas interpretações teatrais em seus discursos. Alguns gritam, berram pra chamar maior atenção sobre o que estão falando.

Sabem que precisam alimentar o rebanho com dogmas, com o pavor do castigo – “temos medo, mas não temos vergonha” – com promessas de saúde, de amor, de prosperidade, em nome de Deus, em nome de Jesus. Que audácia!!!

Quanto mais “fé” – creio porque creio e ponto final. “Me engane que eu gosto” – maior o número de “igrejas”, de “sacerdotes” com poder e muito, muito dinheiro.

A manipulação é tão perversa que nos mostram Deus, como sendo um “mercador” sujeito a tráfico de influência.

Ouvi um desses “sacerdotes” no programa de TV, da sua igreja. Vou resumir a ópera: ...“façam uma doação em dinheiro, a exemplo de Jó (o bíblico) que constatemente ofertava holocaustos a Deus, considerando o número dos filhos que tinha. Fazia sua oferta correspondendo à idade de cada um deles”.

O “sacerdote” seguiu dizendo: “lembrem de trazer ou mandar o comprovante do depósito da doação. Agora,

vamos orar.” Fiquei estatelada!!!

O Antigo Livro que deveria deixar Deus “lindíssimo na fotografia”, apresenta a divindade judaico-cristã como um déspota. Omito quando podia e pode atuar, usando Seus divinos poderes. Absolutamente cruel e vingativo. Parcialíssimo em Seus favores. Bipolar em Seus humores.

Escribas e “sacerdotes” – como os gregos antigos – inventaram e inventam “divindade(s)”, de acordo com suas próprias imagens e semelhanças. Como sabem que a “sua divindade” não existe, cometeram e cometem as maiores sacanagens com seus seguidores, sem nenhum sentimento de culpa, sem nenhum temor ao castigo.

Escribas afirmaram e afirmam, que os judeus são o povo “escolhido” por Deus. Mais uma vez, Ele é mostrado como parcialíssimo. O povo judeu foi “escolhido” pra ser “melhor” que os outros povos? Não!! São seres humanos como todos nós. Então? Foi “escolhido” pra, ao passar dos tempos, ser massacrado sem nenhuma misericórdia? O Absoluto que nos livre desse Deus.

Quando em 1948 os judeus – merecidamente – conquistaram a fundação do Estado de Israel, os palestinos viviam naquelas terras há milhares de anos. Com todos os atozes sofrimentos que se abateram sobre o povo judaico, antes, durante, depois da diáspora, penso que seria natural fossem os israelitas um pouco mais tolerantes, um pouco mais solidários e, não infernizassem a vida de seus irmãos. Os povos árabes, os judeus, de acordo com a Bíblia, são todos descendentes do patriarca Abraão.

Os palestinos têm pleno direito ao seu Estado.

Agora, será que os palestinos não teriam maior sucesso em seus justos pleitos, se não usassem métodos terroristas?

Uma referência histórica, das mais lindas da humanidade, que ilustra e atesta a inteligência, o espírito iluminado das pessoas, foi a convivência harmoniosa entre

cristãos, muçulmanos e judeus, nas cidades andaluzas da Espanha.

Os distintos valores culturais e o desenvolvimento daqueles povos permanecem vivos até hoje. Testemunham esses valores as magníficas obras artísticas e arquitetônicas das cidades de Córdoba, Granada e Sevilha. Também, Toledo.

Em nome de Deus, os reis católicos de Castela e Aragão, Isabel e Fernando, com a cumplicidade do Vaticano, usando a famigerada Inquisição, dizimaram aquela harmonia, dizimaram aquela sociedade.

O chocante nisso tudo, é que a Igreja Católica Apostólica Romana “esqueceu” que Jesus, Maria, as mulheres do grupo e os apóstolos - canonizados pela Igreja - eram judeus.

Que indignação, quando vem à memória as crueldades, o abuso canalha do poder, o fanatismo criminoso, a ambição nojentamente extremada, o “diabólico” desejo de arrancar os bens materiais que pertenciam a outras pessoas.

Reitero, a Igreja formou quadrilha, com reis poderosos dos países onde estenderam as asquerosas garras da Inquisição.

Aproveitando a deixa: a Igreja Católica Apostólica Romana enfrentou cismas pelo comportamento calhorda de papas e suas camarilhas. A Igreja desmoralizou-se e perdeu clientela, também pela impunidade com a qual contemplou, no passar dos tempos, “sacerdotes” pedófilos, fazedores de filhos – em mulheres das mais variadas classes sociais – crianças não reconhecidas, crianças abandonadas pelo pai.

Desmoralizou-se pelo inaceitável apoio que deu ao nazismo, ao fascismo e suas atrocidades. Pelos assaltos praticados ou consentidos por “sacerdotes”, ao Banco do Vaticano.

Nós, os atontados, não nos damos conta que a extraordinária riqueza da Igreja – inclusive, suas magníficas

obras de arte – são frutos das doações dos fiéis. Ainda – muito de tudo – a História relata, vêm de impiedosos saques aos povos que o Vaticano pode dominar.

O cúmulo de todos os cúmulos, foram as prisões, os “cala a boca”, as torturas, os assassinatos na fogueira e por outros meios cruéis, de estudiosos que ousaram dizer: “o Sol não gira em torno da Terra, mas sim, a Terra gira em torno do Sol”. “A Terra não é o centro do Universo”. A cretinice é tanta que há muitíssimo pouco tempo – diante do óbvio – resolveram anistiar Galileu Galilei.

“Sacerdotes”, dos variados credos discursam contra o aborto. Pouco fazem pra ensinar as mulheres, sobre os métodos que podem evitar gravidez não desejada. Pra ensinar sobre a importância do planejamento familiar.

É “pecado” abortar, afirmam. Agora, não se vê com muita frequência, “sacerdotes” sensibilizados e atuantes por soluções, quando a mãe assassina seu bebê após o parto, quando joga o recém-nascido na lata de lixo, quando a mãe - muitas vezes impotente – “assiste” sua criança morrer de doenças curáveis e / ou de fome.

Aproveitando o momentoso assunto: estou de pleno acordo com a descriminalização do aborto. A questão é sobre a saúde de milhões de mulheres, em particular, daquelas miseráveis, pobres, de baixa renda.

“Sacerdotes”, de vários credos, em todas as oportunidades que encontram, discursam sobre sua desaprovação ao homossexualismo. Dizem que os homossexuais são possuídos pelo “diabo”. Que passarão a eternidade no último dos “infernos”, debatendo-se e urrando no meio de labaredas e tridentes. “Sacerdotes” e “sacerdotisas”, desde que inventaram “igrejas”, “deitam e rolam” entre o mesmo sexo nos bastidores. Pro público, “interpretam” “pureza”. Em “obediência” aos ditames de seu “credo” “banditizam” aqueles que são iguais à eles(as).

Que caras de granito!!!

Mantendo-se no radicalismo absurdo, "sacerdotes" se manifestam contra os avanços da Ciência. Exemplo: transfusões de sangue, pesquisas com células-tronco embrionárias, as quais podem combater enfermidades e salvar a vida de milhões de pessoas.

Interessante observar: a Igreja Católica Apostólica Romana vendo esvair-se, como água entre os dedos, sua gigantesca clientela na direção das igrejas evangélicas, tratou de copiar-lhes as performances.

Nos programas de televisão, tanto católicos como evangélicos, "sacerdotes" dão shows de falação, de músicas ao gosto da plateia, de espetaculares sessões de promessas e/ou de "curas". Em algumas igrejas, as apresentações têm até animador de auditório.

Pra que possamos refletir com maior clareza sobre a questão religiosa, lembremos que Luthero, Calvino e outros promotores da Reforma do Cristianismo, o fizeram em combate aberto contra as continentais sacanagens do Vaticano: vendas de indulgências, de cardinalato e outras. Também, contra a alta rotatividade da mulherada entre "sacerdotes", "celibatários", "isentos" da humana necessidade de fazer sexo.

Protestantes, por sua vez, mantiveram e extremaram o discurso sobre o "pecado", "a culpa", "o demônio", os "horrores do inferno".

Igualmente cruéis, muitos promoveram, no passar dos tempos, torturas aos que "pecavam"; promoveram massacres contra aqueles que não "temiam", não "louvavam" a Deus e a Jesus, da forma que impunham.

"Sacerdotes" protestantes e evangélicos, cobraram e cobram de seus crentes – muitos deles, pessoas simples, pobres, de baixa renda – o dízimo, ou seja, 10% sobre o que recebem mensalmente, pelo trabalho que fazem pra sobreviver. Isso, sem falar nas doações constantemente solicitadas, nas vendas de um tudo, aos que têm fé.

Na Igreja Católica, esse “achaque” não foi e não é bem recebido. Assim, com um pouquinho mais de pudor, faziam e fazem coleta de dinheiro. O fiel dá quanto quer dar, e se quiser dar. Nas lojas, as “reliquias”, as lembrancinhas “bentas” são compradas se o fiel assim o desejar.

Pergunta: esses “sacerdotes”, dos variados credos, temem, amam, adoram a Deus, a Jesus?

Atenção: as três religiões monoteístas, viveram e vivem rompimentos na disputa pelo poder. O Judaísmo, com suas ramificações. Os muçulmanos divididos entre xiitas, sunitas e outros posicionamentos. Os cristãos divididos entre católicos, ortodoxos, carismáticos e outros. Entre várias igrejas protestantes. Milhões de igrejas evangélicas.

Qual delas “fala” e “cura” em nome de Deus? Em nome de Jesus?

É difícil escolher entre elas porque todas se dizem “a verdadeira”. Todas garantem que Deus e Jesus lhes deram “procuração” pra que usem os Seus nomes.

Curas e mais curas foram, são e serão feitas – fora da Medicina – inclusive em si mesmas, por pessoas que possuem extraordinária força mental. Essa força, essa formidável energia – que pode funcionar pra tudo – independe da divindade. Reitero, O Absoluto é a Justiça, portanto, Ele não protege uns em detrimento de outros.

Escribas, “sacerdotes” e camarilha determinaram e determinam que a mulher (em muitos países, até nossos dias), não é ninguém. Existe, somente pra satisfação sexual do macho, existe pra ser empregada doméstica, enfermeira, parideira de, preferencialmente, machos, existe pra ser cumpridora de ordens, e de tudo o mais que o homem desejar. Se assim não for, será severamente punida.

Alá é grande. Alá é a Justiça. Com base no que os muçulmanos acreditam com relação à morte, penso que aos perversos Alá não reserva paradisíacos jardins, com límpidas e frescas águas de nascentes. Aos perversos Ele não reserva

o mel das tâmaras e, muito menos, deslumbrantes mulheres virgens. Pra esses, certamente, será a Geena.

Como o Antigo Livro, no passar dos séculos, levantou questões sobre o Deus vigente naquela época, escribas decidiram elaborar o Novo Livro. Deus, entretanto, continua sendo descrito como o Senhor da Intolerância.

Segundo as escrituras, Deus, farto das crueldades feitas por Suas criaturas, só concordou com a “redenção dos nossos pecados”, porque Seu Filho muito amado, se ofereceu pra sofrer por nós pobreza, traições, humilhações, dores indescritíveis e uma morte que ninguém merece.

Quando o Filho, no Monte das Oliveiras, suando sangue, pediu ao Pai “afasta de mim este cálice”, o Misericordioso em vez de manear na dose, transbordou o copo.

Já na cruz, Jesus em extrema agonia, perguntou ao Pai: “por que me abandonaste?”, o Misericordioso não se deu ao trabalho de justificar, quis assistir ao inominável espetáculo, até o seu final.

Caso Jesus não tivesse suportado os suplícios da Paixão, o Misericordioso teria rompido o “acordo” com Seu Filho, pela “salvação das almas”? teria, pra todo sempre, deixado Suas criaturas – culpadas e inocentes – fritarem-se?

Escribas, “sacerdotes” e bando, querendo, como sempre, explicar o inexplicável – sobre o campo do espírito, da alma e de tantos outros, ninguém nunca soube e não sabe, na verdade, coisíssima nenhuma. Temos, tão somente, teorias, teses, hipóteses, “achismos”. Temos somente, “eu creio que...” – colocaram e colocam o Senhor do Universo como um frágil e despreparado gladiador. Descrem o Onipotente na “eterna luta” (até o momento, perdendo), com “lúcifer, o anjo rebelde” e seus comandados, contra o mal que é “insuflado” em Suas criaturas, pelo “senhor das trevas”.

Sabendo da imbecilidade humana, escribas,

“sacerdotes” e asseclas responsabilizaram e responsabilizam “os anjos caídos”, pelos nossos “pecados”, pelas nossas crueldades.

Como pro mal que fazemos sempre houve, há e haverá duras respostas – é a lei da natureza: “colhemos o que plantamos” – os “espertos” usam a mais forte razão pra submissão humana: o medo, o pavor.

Se o Todo Poderoso não consegue dominar o “demônio”, “sacerdotes” – pó de lama, como todos nós – têm “armas” pra enfrentar e vencer “satanás”?

Pela imagem que mostraram e mostram de Deus, não O amamos. Repito, temos interesses nos benefícios que poderemos receber por Sua bondade. Temos medo Dele, e temos pavor do poderoso “deus do inferno”.

Estamos no meio do oceano, sem “boia”.

Como, na maioria das vezes, não usamos nossa capacidade de raciocínio, engolimos como água essa conversa, o que nos faz ainda mais miseráveis em nossa condição humana.

Só por que cremos em Deus, dizemos as orações de praxe, cantamos hinos, participamos de rituais, pagamos tributos às igrejas, estamos “cultivando nosso espírito”? “Seremos salvos”?

Nós, barro, se esculpido, burilado, mesmo que não conheçamos, mesmo que não acreditemos na existência de Deus / deuses, podemos cultivar nosso intelecto, nossa psique, nosso espírito. Podemos ser “salvos”. Podemos viver com decência, com solidariedade. Podemos coexistir pacificamente. Podemos ter prazeres, alegrias e momentos de felicidade, em harmonia com nós mesmos e com os outros.

Utopia? É, mas não precisa ser.

Existiram e existem religiosos que viveram, vivem e, que orientaram, orientam seus seguidores conforme as sábias lições de seus mestres, de acordo com as lições de

Jesus. A esses religiosos, eu respeito e admiro.

Não importa se Maria era virgem ou não. Não importa se Jesus é, ou não, o número dois da trindade católica. Se foi humano ou extraterrestre. Se teve filha, ou não, com Maria Madalena, a que foi formidável apóstola. Se ressuscitou, ou não, dos mortos. Se era bonito ou feio. Se era, cinematograficamente, loiro com olhos azuis ou era moreno com cabelos negros encaracolados e com olhos escuros.

Jesus é venerável pelos ensinamentos que nos deixou.

Tenhamos olhos pra ler e enxergar, ouvidos pra escutar. Estudemos a História, as filosofias, as lições dos grandes mestres. Reflitamos, conversemos sobre elas. Exercitemos nossa capacidade de discernimento. Revisemos nossos hábitos.

“Entre fezes e urina, nascemos”. No rolar da vida, se quisermos, podemos nos libertar da merda e do mijo. Parar pra pensar, é como tomar um gostosíssimo banho em água farta e limpa.

Penso que a chave da vida, que o prazer de viver, podem estar – reitero – em cuidarmos da energia que nossa mente emana, repito, energia que vai e que volta.

A chave e o prazer, podem estar em exigirmos liberdade e justiça ampla pra todos. Em não darmos cobertura pra safado, seja quem for. Em tratarmos as pessoas com gentileza, com atenção e com delicada sinceridade.

A chave da vida, o prazer de viver podem estar em percebermos que a vida tem hora pra doçura e hora pro esporro. Em seguirmos o exemplo de Jesus: porrada / falação dura, em cima dos vendilhões do Templo.

A chave e o prazer, podem estar em agirmos e reagirmos em defesa de direitos, do cumprimento de deveres. Em aprendermos a apreciar, em apoiarmos, difundirmos as artes. Os artistas contribuem pro refinamento

de nossa sensibilidade / emoções. Contribuem pro despertar de nossa capacidade de raciocínio. As artes nos dão inestimáveis lições de vida.

A chave e o prazer podem estar em cultivarmos amizades – incluindo aqui a família (quem não tem amigos não tem nada. Próximos ou distantes, sejamos amigos como Elliott e o E.T.).

A chave e o prazer podem estar em participarmos de ações em favor do coletivo. Em não confundirmos generosidade com idiotice. Em não nos deixarmos levar pelos “espertos”/safados que nos rodeiam. Em observarmos o que acontece no dia a dia, à nossa volta e no mundo. Em nos distanciarmos dos fanáticos, dos radicais, dos enganadores.

A chave e o prazer podem estar em ganharmos nosso dinheiro honestamente. Em honrarmos os compromissos que assumimos. Em sermos absolutamente intolerantes com a violência, com os crimes, com a impunidade.

A chave e o prazer podem estar em procurarmos aprender, aprender e aprender.

A chave e o prazer podem estar em cumprirmos as leis. Se a lei não é boa, vamos propor aos nossos representantes no Legislativo, as mudanças que se fazem necessárias. Em fazermos nosso discurso coincidir com nossas ações.

A chave e o prazer podem estar em procurarmos escutar – na conversa – o que as pessoas estão dizendo. Temos o péssimo hábito de falarmos enquanto o outro fala, aniquilando assim a possibilidade da troca de ideias.

A chave e o prazer podem estar em não querermos ser “espertos” com os outros (idiotas somos nós, quando achamos que as pessoas são idiotas. O “esperto”, mais cedo ou mais tarde, de um modo ou de outro, sempre escorrega e se espatifa no chão).

A chave e o prazer podem estar em não esquecermos o bem que nos fazem, e quem o faz. Também está em

considerarmos que a pessoa pode até nos “perdoar” pelo mal que fazemos, entretanto, a “criatura de Deus” não esquece, e no momento oportuno dará o troco.

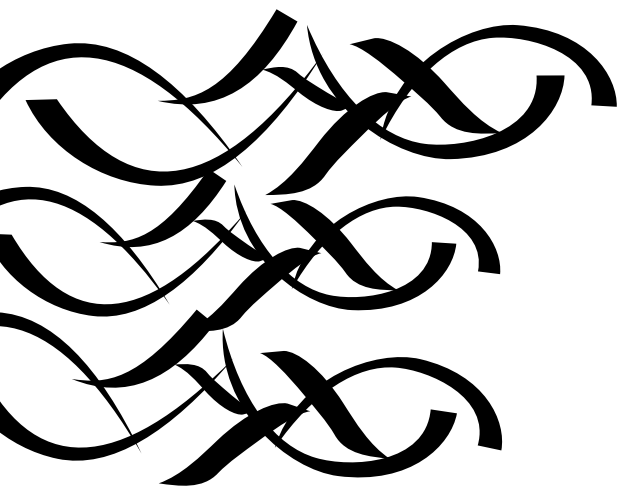
A chave e o prazer podem estar em conversarmos com nós mesmos, sem autopiedade. Em conversarmos com as pessoas. Em conversarmos com quem pensa.

A chave da vida e o prazer de viver podem estar em termos respeito por nós mesmos, por todos os seres e pelo nosso planeta.

Utopia? É, mas não precisa ser.

O passado já foi. Que nos sirvam as lições. Do futuro – aqui e além – não sabemos.

Pra nossas escolhas de vida, resta-nos – tão somente – agora.



TRILHOS NA DIREÇÃO DO DESLUMBRAMENTO

A menina morou em Antonina com a avó e a tia, até os 10 anos de idade. A partir daí, veio viver com os pais em Curitiba.

A notícia de que iam passar o final de semana na Capela, fazia da guria a alegria personificada.

Sentia falta dos parentes, dos amiguinhos, companheiros de toda sorte de estripulias. Sentia falta do mar. Da ida aos sábados, com o primo, pra casa da tia onde ferviam no gigantesco quintal, cachorros, passarinhos, galinhas, patos, perus, cavalos, porcos, bois / vacas e árvores frutíferas. Era o máximo comer a fruta empuleirada no pé.

Havia ainda uma biblioteca. Os livros que ensinavam sobre o Egito e a Grécia eram os preferidos.

No dia da partida, os três apressadamente dirigiam-se à estação ferroviária. Era fundamental ocupar as poltronas que permitiam apreciar a paisagem.

Mãe e filha, já acomodadas. O pai ficava na plataforma fumando e conversando com amigos.

Quando o trem começava a movimentar-se, puxado pela “maria fumaça”, o pai ainda na estação, balançava o braço no gesto de adeus.

A menina gritava: pai, entre no trem! Começava a chorar e pedia pra mãe que o chamasse. O trem já havia saído da plataforma. Em lágrimas, a menina achava que o pai não iria com elas. A mãe, sorrindo, procurava acalmar a criatura. De repente, como milagre, ele aparecia. A menina abraçava o pai que ria satisfeito com o sucesso da “gracinha”.

A cena se repetiu três vezes. A menina – burrinha – acreditava e fazia sua sessão de choro.

A “maria fumaça”, à toda, soltava fagulhas que obrigavam os passageiros descer o vidro da janela.

Em todas as paradas, pessoas vendiam de um tudo.

O pai comprava amendoim torrado com casca, embrulhado em cones de jornal. Fora o funcionário da rede que passava com seu tabuleiro de doces. A menina queria sempre cocada e doce de abóbora. Afinal, aquele era um dia especial.

A parada mais esperada era a estação do Marumbi. Ali faziam o famoso “bolo de graxa”. Os passageiros desciam correndo pra comprar a iguaria. Ensopado de banha – à época, ninguém dava bola pra isso – a delícia das delícias.

Desse ponto em diante, começava o espetáculo da natureza e da engenharia. A floresta, imponente. Linda, elegante em suas brancas espumas, a cascata “Véu de Noiva” fazia sua performance.

Quando o trem entrava nos túneis, aquele freje.

Na travessia da Ponte São João, silêncio. Medo e deslumbramento.

A menina, que já sofria de acrofobia, pedia à mãe que a segurasse pra que pudesse ver, no fundo do precipício, o rio correr entre as pedras.

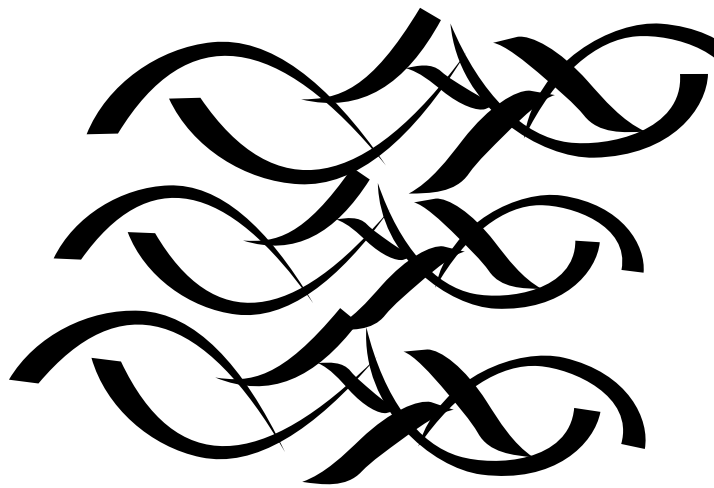
O trem chegava em Morretes, charmosa com seu casario colonial e o rio Nhundiaquara. Naquela estação, o comboio se separava: Antonina / Paranaguá.

A máquina movia-se aos trancos, a caminho da querida “terrinha”. A emoção acelerava o coração da guria.

A estação, antiga e encantadora.

Mais encantadora ainda, a Matriz de Nossa Senhora do Pilar, padroeira amada.

A menina estava em casa. Rapidinho, calçava seu tamanco de madeira e – plac, plac, plac – ia ver o mar.



HUMANOS E DEUSES NAVEGAM PELO NILO

O interesse pela História; Arte / Cultura, Mitologia e pela Arqueologia, levou a moça quatro vezes ao Egito.

O que pôde saber e conhecer escancarou-lhe novos conceitos de beleza, outras visões sobre a vida.

O Egito, sob a ditadura de Hosni Mubarak desde 1981, padecia os efeitos trágicos da falta de alternância de poder.

As mulheres vivendo segundo a lei muçulmana / o Corão, cobrem-se sob o véu, sob o chador. Pra nós ocidentais, a situação presenciada num grande conjunto, traz desalento na medida da submissão que devem aos homens da família, ao marido.

O CAIRO

Capital do país desde o ano de 973 d.C., assusta e fascina. Vista de cima em sua cor ocre, serpenteada pelo rio, nos preenche de emoções. Nos caminhos, a sujeira e o abandono.

As pirâmides, a esfinge – dizem ser o rosto de Kefrén – e o Templo Funerário desse faraó, no platô de Gisé. A grande pirâmide, maravilha do mundo antigo e de todos os tempos. Morada após a morte dos faraós da 4ª dinastia, Keops, Kefrén e Mykerinos - 2700 a.C..

Tudo que se diga não descreve a monumentalidade do sítio. Há que respirar a atmosfera, sentir a energia.

Os extraterrestres realizaram tais obras? Orientaram aqueles homens na construção? É possível, mas alijar da obra o valor humano, nos deixa fora do processo evolutivo como pensamos ter percorrido.

A moça, achando que podia, quis conhecer a grande pirâmide por dentro. O primeiro lance de escada já lhe tirou o entusiasmo. Absolutamente íngreme, os degraus são de

trilho ferroviário. Em um minuto, toda a água de seu corpo pirulitou-se, tamanho era o calor. Vencido o primeiro desafio, viu o que estava à frente. Com cara de ostra pediu ao guia pra voltar. A descida é feita de costas. A céu aberto, beliscou-se pra ter certeza que estava viva.

Obrigatória é a visita à mesquita de Mehmet Ali, erguida em alabastro - 1801. Comandante da ocupação otomana, reverenciou Alá de todas as formas devidas à divindade.

A moça não é fanática por compras, mas fez questão de passear pelo mercado aberto Khan El-Khalili, século 14. Um festival de lojas, lojinhas, oferecem o que se possa imaginar. O que encanta também são os homens vestidos de galabiehs, aliás, como em todo o país. Camisolões em puro algodão da terra. Especialistas em sol e calor, sabem que é preciso proteger a pele.

Os egípcios, árabes que são, deliciam-se à mesa com os pratos que aqui conhecemos.

Imperdível, o Museu Nacional. É o mais rico do planeta. Entre as suas extraordinárias 100 mil obras, o tesouro real de Tanis e o tesouro de Tutankamon - 1703 peças.

A tumba do faraó menino da 18ª dinastia – a de nº 62 – foi descoberta intacta. O trono, os sarcófagos e a máscara mortuária provam o extrapolado talento dos artistas da Corte.

Sala das múmias. Faraós, inclusive Ramsés 2º com cabelos louros. Imortalizados resultado de fabuloso trabalho, cujos segredos até hoje não foram revelados.

Julgada é a alma pelo peso do coração – das ações, das omissões – representado por um escaravelho, em contraponto com a pena branca de Maât – símbolo da deusa da Justiça. No Papiro do Julgamento Final foi desenhado o crucial momento.

A moça foi ao Museu Islâmico. Acervo único em sua importância e obras de arte. Na biblioteca, 130 mil volumes. Os livros exibem ilustrações espetaculares.

Visitou a Cidadela, fortaleza construída por Saladino em 1171. Os mamelucos nela residiram.

Há que conhecer no bairro copta, a Igreja de São Marcos e a sinagoga. A moça ficou paralisada diante da Torá, século 5º a.C., escrita na pele de gazelas. Idem, com o manuscrito chamado “Atlas de Moisés”.

Impressionante, a Cidade dos Mortos. Destaque pra mesquita / mausoléu de Qait Bey, uma das maravilhas da arte árabe do século 15. Os túmulos são tão grandes que se tornaram casas pras pessoas pobres. O cemitério transformou-se em fervilhante cidade.

Nos arredores do Cairo, em pleno deserto, o Fayyum. Rasgando o tapete de areia, um oásis com pomares belíssimos. Denominado Terra do Lago, foi lugar de recreio de faraós. Do período greco-romano, o Museu guarda sarcófagos e / ou tampas com máscaras mortuárias pintadas - “Os Retratos de Fayyum”.

Como não podia deixar de ser, a moça visitou Memphis, a primeira capital faraônica e sua necrópole. Estonteante é a estátua gigantesca – deitada, em alabastro, de Ramsés 2º. No pátio, está impoluta a esfinge com o rosto de Hatshepsut, a única mulher faraó, com barba postiça trançada e tudo que tinha direito.

Em Sakara, Imhotep, arquiteto, médico e sacerdote, erigiu a primeira pirâmide em pedra e o Templo Funerário pro faraó Djoser, em 2800 a.C.. Nas paredes da Pirâmide em Degraus, foi escrito o Livro das Pirâmides, o primeiro do mundo.

No sítio, “mastabas”. Sepulturas que contam sobre a vida do morto em afrescos, esculturas, altos / baixos relevos. A que guarda a múmia de Idut, filha do faraó Unas da 5ª dinastia, emociona pelas cenas apresentadas.

Uma delas é a da fêmea hipopótamo que está parindo, à beira do rio. Um crocodilo abocanha o recém-nascido. O desespero da mãe nos faz chorar junto com ela.

Do Cairo, numa viagem de 12 horas de carro, a moça foi a Tell El-Amarna. Amenofis 4º – 1364 a.C. – abandonou Tebas, o deus Amon e seu poderoso clero. Fundou a cidade o mais distante que pôde e denominando-se Akenaton dedicou-a ao Sol – Aton. Fez a divindade ser representada pelo disco solar que derrama raios, tendo ao final Ankh – a chave da vida.

A bela esposa real Nefertiti deu-lhe seis filhas. Esculpido por Tutmés, seu busto, uma obra-prima, faz parte do acervo do Museu Egípcio de Berlim.

Com a morte do soberano, Amarna foi completamente destruída. O nome do faraó, raspado. No reinado de Tutankamon – seu filho com uma esposa secundária – Amon voltou a imperar em Tebas, portanto, em todo o Egito.

Mesmo a cidade tendo sido arrasada, a moça quis estar lá. Sentir a energia daquele lugar. Imaginar, in loco, como foi a vida do faraó renovador de credo e de costumes.

No deserto, o sítio arqueológico de Dashur, onde o pai de Keóps – faraó Snefru – construiu sua pirâmide rosada e a que ficou inclinada.

ALEXANDRIA - O DELTA

No mar Mediterrâneo, a cidade fundada por Alexandre, o Grande, em 356 a.C., impacta por sua história e lindeza.

Após a morte do macedônio, assumiu o poder a dinastia iniciada por Ptolomeu 1º Soter.

O rei e seus sucessores fizeram da cidade o centro intelectual do mundo helenístico. Até hoje é louvada pela Biblioteca e o Farol – uma das sete maravilhas do mundo antigo. Sua fama vem também, por Cleópatra 7ª, filha de Ptolomeu 12. Inteligente, culta, irresistível, competente, deu ao Egito uma de suas épocas de ouro. Quis o poder a

qualquer preço. Mandou matar o irmão e manteve o trono seduzindo Julio César e, depois, Marco Antônio.

Vencida na Batalha de Átio por Otavio – Antônio suicidou-se – Cleópatra frustrou as intenções do general romano – que seria o futuro 1º Imperador – de aprisioná-la, humilhá-la quando do desfile triunfal do vencedor, em Roma. Sabendo que seria inexoravelmente executada, paramentada como a grande rainha que era, deixou-se picar, aos 38 anos, por uma áspide – 30 a.C.. "Tia Cléo", não era fraca!!!

Faruk possuía em frente à praia o suntuoso Palácio Montazah – o Jardim, onde formalizou em 1952 sua abdicação à Coroa. Último rei do Egito, dizem, vivia como um faraó.

O que a moça visitou: o Museu Greco-Romano. A Coluna de Pompeu, um dos triúmviros. Pompeu, o grande general romano, teve sua cabeça cortada por ordem de Ptolomeu 13, que pensou que com a degola agradaria a César. Dançou. César, conquistador do Egito, tinha enorme respeito pelo ex-amigo. O rei teve o pescoço rasgado de cabo a rabo.

Conheceu as Catacumbas de Kom El-Chugafa. O anfiteatro romano e o Museu das Jóias da Família Real.

Nos arredores, Abukir, onde Napoleão derrotado pelo almirante inglês Nelson começou, com certeza, a sentir seu império caminhando pro brejo.

A moça viajou pra El-Alamein, no deserto. Sob o comando do marechal nazista Erwin Rommel, o Africa Korps tomou na tarraqueta em razão da competência do 8º Exército Britânico, sob as ordens do marechal Montgomery, em 1942. Visitou o Museu Militar e o cemitério inglês. Num monumento elaboradíssimo, os túmulos dos alemães.

Bacana lembrar – a moça não conheceu – que no Delta encontra-se a cidade de Rosetta, hoje Rashid. Um soldado do exército de Bonaparte, descobriu em 1799 a

famosíssima Pedra que permitiu Champollion decifrar os hieróglifos. A estela está exposta no Museu Britânico, em Londres.

O VALE DO RIO - "O EGITO É UMA DÁDIVA DO NILO"

Luxor, a antiga Tebas faraônica – 1580 a.C. – resplandece em dois templos. O que leva o nome da cidade, dedicado a Amon, o deus dos deuses, à sua esposa Mut e a seu filho Jonsú – a trindade tebana. Ainda sente-se nos monumentos a magnificência daquela época. Dá vontade de tirar a sandália e o boné pra entrar no sancto sanctorum – o tabernáculo, onde ficava a estátua da divindade.

Um corredor de 3 km – avenida triunfal – com esfinges de cabeça humana liga-o ao Templo de Karnak, também domínio de Amon – 2060/1780 a.C. – cujos muros eram cobertos de ouro. Colunas com hieróglifos, altos e baixos relevos, os obeliscos idem, esculturas, a avenida das procissões com esfinges cabeça de carneiro, o lago sagrado em forma de meia lua que exhibe em sua margem, um enorme escaravelho em granito rosa.

Hatshepsut, a única mulher faraó, "deitou e rolou" nesse Templo. Seu obelisco é o maior entre todos. Em outro, fez esculpir sua imagem ajoelhada e coroada com as duas plumas altas, símbolo do todo-poderoso.

Passear de feluca, antigo barco à vela, é o momento de viver o Nilo. Na tórrida temperatura, a brisa nos salva.

À curta distância de Luxor, o Templo de Abydos. Em louvor a Osires, deus dos mortos, foi levantado pelo faraó Seti 1º, pai de Ramsés 2º, 19ª dinastia. Os afrescos conservam suas cores. No Corredor dos Faraós, estão anotados 76 nomes. Hatshepsut e Amenófis 4º - Akenaton, não estão na relação.

Desde sempre com a nossa mesquinha, queremos manipular a História. Nada como um dia depois do outro.

O Templo de Dendera homenageia Hátor, a deusa

com cabeça de vaca. Representa o amor, a alegria. “A Dourada”, porta o sistro, instrumento musical sagrado.

Na margem oeste do rio, os Vales dos Reis e das Rainhas. Necrópoles de Tebas, ostentam monumentos impressionantes. Imperdível, a tumba de Tutankamon. Afrescos e relevos descrevem a vida do soberano. A múmia do menino faraó, que faleceu aos 18 anos, permanece em sua sepultura, exposta.

Pra moça, a tumba de Nefertari – grande esposa real de Ramsés 2º – não tem rival.

O auge da visita à margem ocidental, Deir El-Bahari, “O Sublime do Sublime”, Templo Funerário de Hatshepsut. A imponência, a beleza arquitetônica, o impacto dos relevos e esculturas, fazem a mandíbula desabar.

Em barco a moça fez o trajeto Luxor - Assuã.

Do deck coberto apreciava as plantações, os camponeses / “felás”, os vilarejos, os dias ensolarados, as noites sem igual.

A moça, romântica, enquanto assistia ao espetáculo das margens, impregnava-se da voz de Om Kolthom. A cantora, idolatrada pelos árabes, mereceu funeral de faraó, no Cairo.

Depois do jantar, o show. O número estelar, dança do ventre. As bailarinas em trajes de odalisca, luziam meneios impossíveis pro corpo humano. A música eletrizava os passageiros.

Às oito da matina saiam pra visitar os monumentos. Às nove e meia, no máximo, estavam à bordo. O sol, o calor, matadores. Tomavam chá de limão fervente e enxugavam o suor com toalhinhas umidecidas com água de rosas, quente. Adeus sede, adeus suor. Os egípcios sabem das coisas.

Na primeira descida, o Templo de Esna, domínio de Jnum, o deus cabeça de cordeiro que representa a fertilidade. No “bosque de colunas”, os capitéis refletem magistralmente a flora egípcia.

Segunda parada: o Templo de Edfu, dedicado a Hórus cabeça de falcão. Filho de Isis e Osires, casado com Hátor, é divindade solar. Tão poderoso que o faraó era denominado "Hórus Sobre a Terra". Na entrada do monumento, uma tumbante estátua do deus.

Entre tudo, admira-se o suporte da "barca sagrada", extremamente polido, brilhando na penumbra. A parede onde está relatado o combate de Hórus com Set, Irmão de Osires. O deus maligno desejava Isis e pra tê-la, esquartejou Osires, espalhando seus pedaços. Isis, inconsolável, saiu em busca do marido por todo o Egito e encontrando os pedaços, o recompôs. Hórus vingou-se do ultraje exterminando Set, mas na batalha perdeu um olho. Tido como amuleto – "O Olho de Hórus" – é portado ou mostrado por muitos dos que pretendem proteger-se do "olhar de seca pimenteira".

Atracado o barco, foram ao Templo de Kom-Ombo. Imperavam os deuses Sobek cabeça de crocodilo, o garante da fertilidade, e Haroeris cabeça de falcão - Hórus na adolescência. O Templo ostenta 2 portas. Fantástico corredor nos conduz ao sancto sanctorum.

Numa das paredes do Templo aprecia-se hieróglifos que, segundo o guia, relatam sobre cirurgias no cérebro. Baixos/altos relevos nos mostram os instrumentos utilizados.

Visitaram a Ilha de File, morada da deusa Isis. O sítio congrega vários monumentos em torno do Templo à "Mãe Universal".

Assuã. Foram à canteira de granito de onde extraíam monolitos pras obras artísticas e à construção dos templos. Viram a grande represa construída a partir de 1971, no governo Nasser.

Quem quis – e a moça estava louca pra ir – em 40 minutos de vôo, chegou ao deserto da Núbia. Às nove horas, 50 graus.

Como é fabuloso Abu Simbel, o Templo que Ramsés 2º – 1290 / 1224 a.C. – construiu pro seu próprio culto. Na

fachada, quatro esculturas de 20 metros de altura, do faraó. No interior tudo o louva. Tudo prova seu poder.

Uma parede inteira registra a vitória do soberano na célebre "Batalha de Kadesche", contra os hititas. Vê-se, ainda, numa estela, o primeiro tratado de paz da humanidade.

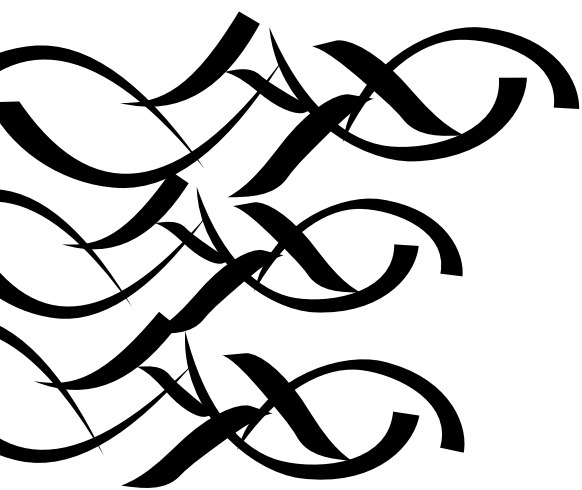
O mais incrível, as 4 esculturas no fundo do Templo. Representam Amon com suas duas plumas altas; Rá-Horakhti – o sol com seus primeiros raios; Ptah, o deus da criação com sua coifa branca e, deus que também era, o faraó.

Nas datas do nascimento e da coroação de Ramsés, o sol nascente penetrava no Templo e num caminho em linha reta iluminava as figuras. Ptah ficava fora da luz uma vez que é "o oculto". O conhecimento e o talento dos construtores exigem palmas e bravos, de joelhos.

Quando da construção da grande represa, o sítio ficaria submerso. Como, felizmente, entenderam que isso seria um crime sem perdão, a UNESCO transportou o monumento, peça por peça, pra lugar seguro à margem do lago. Com absoluto brilhantismo, mantiveram a performance do sol, nas mesmas datas.

Ao lado do grande edifício, o faraó construiu o Templo de Hátor em memória da sua grande esposa Nefertari. Seis estátuas do soberano; duas da rainha e outras de seus filhos, adornam a fachada. A mulher amada, com o figurino e os adereços da deusa.

A moça quer voltar um dia. Alagada de amor e respeito eternos, diz: Egito, bendito seja!!!



ELA. OLHOS NOS OLHOS DELA MESMA

Aos olhos das pessoas, era inteligente, bem informada, de fino gosto, de fino humor. Competente e dedicada ao trabalho.

Aos 23 anos tinha conquistado o respeito dos colegas, do patrão.

Não tinha interesse em fazer amigos na empresa, em lugar nenhum. Suas relações eram superficiais.

A família não morava em Curitiba. Pequenos agricultores. Os contatos, por telefone, em raras ocasiões.

Casou aos 25 anos. O rapaz – educado, decente, de família rica, profissional respeitado – estava apaixonado. Ela queria dinheiro e ascensão social. Teve uma filha exclusivamente pra garantir, no caso de separação, vínculo monetário com o moço. Achou que essa união seria um excelente negócio.

Como não o amava, na intimidade começou a revelar seu temperamento de Cérbero. Tratava-o aos coices e a filha, como um estorvo.

Com os amigos do marido, encantadora.

Depois de vãs tentativas de convivência civilizada, o rapaz concluiu que se equivocara de pessoa. O que sentia por ela esgotava-se dia após dia. Percebeu, profundamente triste, que era mulher de várias caras.

As discussões constantes ao passar do tempo, baixaram de nível. Insultava-o de tal forma que, ferido, saía de casa.

Exausto de assistir suas performances, de sofrer suas grosserias, da indiferença com a qual lidava com a menina, decidiu que era hora de sair de cena.

A notícia do divórcio, caiu como um meteorito. Ela acreditou que poderia massacrá-lo impunemente.

Sentindo o barco afundar, tentou representar a

arrependida. Irredutível, o rapaz fez valer sua decisão.

Enfurecida por ver que não seria mais a “rainha da festa”. Por saber que as mordomias estavam batendo asas e voando. Que seu prestígio no grupo do ex-marido e no trabalho – os detalhes sórdidos da vida das pessoas correm na velocidade da luz – iria pras cucuias, achou que pra ficar bacana na foto, devia contar estórias escabrosas sobre o rapaz. Os que o conheciam sabiam que se tratavam de mentiras, próprias de gente desqualificada. Indignados, alardeavam a patifaria onde quer que o assunto fosse ventilado.

Aos olhos das pessoas passou a ser vista como uma cloaca.

Chamada à atenção pelo patrão – estava negligenciando suas responsabilidades – desvendou sua falta de caráter. Do fino humor saltou pro sarcasmo. A situação tornou-se insustentável. Foi demitida.

O rapaz, generoso, deixou tudo pra ela. Vendendo-se no fosso vendeu a casa, as joias e o carro. Obrigava-se a enfrentar filas e locomover-se em ônibus entulhados.

Inconformada por não poder manter seu padrão de vida, empurrou a filha pro pai e dela esqueceu.

Sempre aproximando-se das pessoas por interesse, encontrou um homem achando que era outro pato. Pura aparência, o cara era tão ou mais “intérprete”, tão ou mais ganancioso que ela. O “esperto” instalou-se em seu apartamento.

Desempregada, vivia de bicos.

Como estava acostumada e não podia conter-se, provocava o amante pra discussões que nem se pode descrever. Ele, que não tinha a educação do outro, enchia-lhe a cara de porradas.

Com o rosto deformado não saía de casa. Sem seus bicos não entrava dinheiro. O gostoso não punha a linda mão no bolso.

Endividada, às portas do desastre, tomava dinheiro emprestado. Pagar não estava em seus planos. Esgotadas as possibilidades de achaque, recorreu ao ex-marido. Despudoradamente, não cumpriu o combinado. A fonte secou.

O bonitão tomava-lhe a grana. Ela babava de tesão pelo calhorda, e pra tê-lo fazia qualquer negócio.

Vendo que daquele mangue não sairia mais caranguejo, ele juntou suas coisas, jogou a chave no chão e sem dizer palavra, bateu a porta.

Certa que ele voltaria – como em outras vezes – esperou. Depois de uma semana começou a procurá-lo. Quando sentiu, mesmo, que a relação já era, o sono também pirulitou-se.

Culpou Deus, o diabo, o mundo.

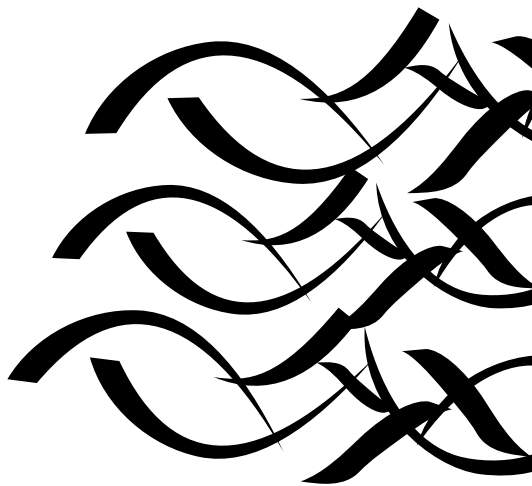
Numa noite dessas insuportáveis, no primeiro clarão da manhã, mesmo que estivesse gelada e chuviscando, saiu de casa.

Chegando à Praça Tiradentes, viu sentada num banco uma velhinha no último grau da miserabilidade. Surpreendentemente pra ela mesma, seu coração pesou.

Jamais tinha se debulhado em lágrimas como naquele momento. Ainda chorando voltou pra casa.

Atirada na cama começou a conversar com ela mesma. Flagrou que o panorama visto da ponte não era nada bonito. Como num estalo, percebeu que suas escolhas tinham sido – só – em favor do seu nariz.

Disse em voz alta: a vida cobra e cobra os tubos. Preciso mudar de rumo. Será que ainda posso recomeçar?



“SORRIA, VOCÊ ESTÁ NA BAHIA”

As moças decidiram passar o Natal e o Réveillon em Salvador.

Chegaram ao destino com o pé feito um leque. Já se encantaram com a paisagem vista da estrada – aeroporto / centro. O túnel de bambuzal e as dunas, deram mostras do que viria.

O hotel, um casarão do início do século passado, ofereceu um clima familiar.

A proprietária – arquiteta e paisagista – cuidou pra que cada um dos ambientes fosse acolhedor. Que cada detalhe fosse de muito bom gosto.

O jardim exibia sua decoração natalina, com anjos e sinos em terracota. Sendo também o lugar destinado aos fumantes, em solidariedade à que é viciada, foi muito frequentado pelas quatro. Árvores, flores e passarinhos mil – um primor.

O apartamento de duas delas descortinava-se pra uma mangueira pródiga, pro mar e pra torre da Igreja de Santana do Rio Vermelho. Na hora do Angelus os sinos badalavam a Ave Maria de Gounot. Emocionante.

No crepúsculo, o sol retirando-se atrás do mar entre cores e mais cores, levou a plateia ao êxtase.

Longo cedo – sob o sol impiedoso e um calor senegalesco – foram rever / conhecer o que a cidade tem de imperdível.

Os soteropolitanos são gentis e engraçados. As moças gostaram de estar com eles.

Em 10 dias de visita puderam, também, apreciar os arredores cheios de beleza e história.

Na Praia do Forte, atravessaram corredor arborizado e florido, onde vende-se rico artesanato. Ao final, a sede do

Projeto Tamar com suas tartarugas. De todos os tamanhos, horrívelzinhas e sedutoras.

Conheceram naquelas bandas a Fortaleza de Garcia D'Ávila, construída entre os séculos 16 e 17. Contam que é o único castelo feudal das Américas.

À frente das ruínas, uma monumental figueira-brava vigorosa em seus mais de 100 anos.

Sempre com muita fome e sede, mergulharam nos pratos típicos, nos doces – irresistíveis – em muita água de coco, em muita cerveja.

O Pelourinho remete-nos aos tempos de glória, à humilhação, ao sofrimento de escravos. Que vergonha!

As igrejas restauradas – são enlouquecedoras em seu esplendor. Os museus, pelos seus acervos. Arquitetura, esculturas, pinturas, azulejos, mármore, cristais, porcelanas, prata, ouro, pedras preciosas, jacarandá.

Entre outras, as moças destacam a Igreja de São Francisco e a de Nossa Senhora da Conceição da Praia. Ficaram impressionadas, no Convento do Carmo, com a escultura em tamanho natural, de Jesus açoitado. O sangue é representado por gotículas de rubi. O artista foi magistral.

Outra atração mais que simpática, as baianas à caráter, multicoloridas com seus tabuleiros ou apenas zanzando pra fotos.

Foram ao Dique do Tororó. Dentro da lagoa, estão lindas esculturas dos orixás – divindades cultuadas no Candomblé.

Espetacular a paisagem vista do Elevador Lacerda e de suas passarelas. Na cidade alta a praça, onde admira-se a escultura do 1º governador geral do Brasil, fundador de Salvador – Thomé de Souza/1549.

Imperdível é a Praça Castro Alves, onde os brasileiros homenageiam o grande poeta abolicionista. A paisagem, mar, casario, ilhas, é estonteante.

Choque fulminante, o abandono de igrejas, monumentos, casarões. É um absurdo permitir que

desmoroquem.

Outro impacto, a sujeira ambiente. No entorno do Mercado Modelo – com suas peças artesanais interessantíssimas, seus restaurantes e bares – amontoados de lixo acumulado. O fedor do inferno.

As moças, horrorizadas, discursaram sobre a cretinice dos políticos, sobre o descaso geral.

Aonde estão os professores que deveriam ensinar seus alunos sobre os malefícios da porquice? E esses, por sua vez, familiares e amigos?

As moças foram passar a noite de 31 num restaurante, na praia do Farol da Barra.

A avenida foi fechada pro trânsito de automóveis. À pé, a caminho do local, viram um sem número de barraquinhas que vendiam de um tudo. Às 22 horas já era um aterro de lixo.

No Morro do Cristo e na praia não se podia contar as pessoas. Na areia, acampadas, estavam prontas pra saldar Yemanjá, pra assistir o show dos fogos de artifício. A Lua Azul, plena, cinematográfica em 3D.

Um hora do Ano Novo. As moças viram a praia e o mar cobertos com toda sorte de coisas. Do chiqueiro nas ruas, nem falar.

No ponto combinado, as moças esperavam o táxi contratado, no meio de um festival de imundices. O engarrafamento provocou ritmo de caravana no deserto.

O povo corria “atravessando” as pessoas na disputa por lugar nos ônibus, aos gritos, aos cotovelaços. Os veículos, transbordando de gente, mal conseguiam movimentar-se.

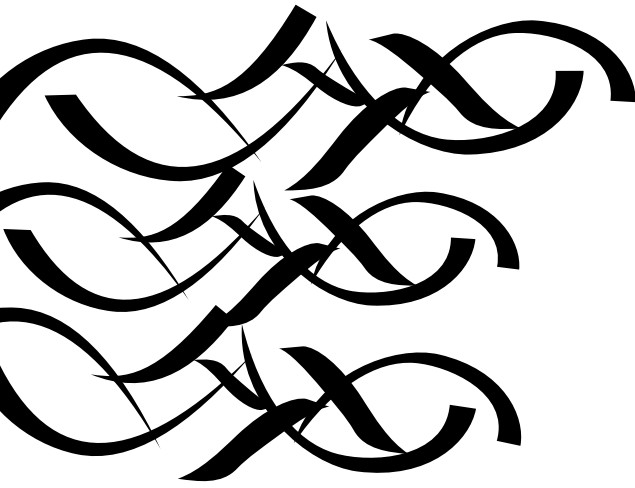
Suada, exausta, com um mau humor insuportável até pra ela mesma, a moça sentou no meio-fio da calçada com sua bata de seda azul bebê. Não se importando com a areia nem com o que ali tivesse, chafurdou ela também na sujeira.

Após um hora e 55 minutos, o encantador Eduardo

chegou cheio de desculpas. No ar condicionado e confortavelmente instaladas, os ânimos arrefeceram. A caminho do hotel puderam, com prazer, apreciar a paisagem, a multidão alegre transitando.

Depois de um banho restaurador, a moça na janela fumou o último cigarro da noite.

Lembrando o que viu, descarregou: somos mesmo um povo subdesenvolvido, necessitado de tudo. Vamos continuar na indigência, se não levantarmos o fiofó da cadeira, já.



AS IRMÃS

Roteiro inspirado no trabalho de teledramaturgia realizado por Lilian Fleury Dória, pro seriado da TV paranaense "Pista Dupla" - Canal CNT.

Roteiro e texto: Yara Sarmento.

Videozinho ou curta-metragemzinha local, como diz meu querido "tio" Enéas Lour.

Elenco: quatro atrizes e dois atores.

Personagens:

Delcy

Luciana

Nena

Lala

Feliciano

Claudio

Cena 1.

Curitiba. Externa. Praça Santos Andrade.

(Delcy está atravessando a Praça, a caminho da Delegacia de Polícia onde Feliciano, o delegado, trabalha. Delcy aprecia a Praça, o Teatro Guaíra e a fachada da Universidade Federal do Paraná. A câmera identifica o nome da Praça, e de cada um dos edifícios).

Cena 2.

Curitiba. Interna. Delegacia de Polícia.

(Delcy está à porta da sala de Feliciano).

DELICY: Boa tarde, doutor!

FELICIANO: Minha querida, entre (levanta pra beijar e abraçar Delcy). Estava com saudades madrinha. Como estão as coisas?

DELICY: Tudo bem. Trabalhando como sempre. Você sabe, Oraci faleceu faz três meses. Sinto muitíssimo a falta dele.

FELICIANO: Tio Oraci está fazendo falta pra mim também. Éramos amigos. O Paraná perdeu um de seus médicos mais importantes, e um de seus mais brilhantes poetas.

DELICY: Isso é verdade, Feli. E Luciana?

FELICIANO: Está em trabalho externo. As coisas não estão fáceis. Faltam verbas, pessoal habilitado, equipamentos. Há muita corrupção, muito tráfico de influência.

A violência, as drogas, o contrabando de armas comem soltos, deixando a população no salve-se quem puder. Nós fazemos o trabalho possível e o impossível. Mas, não está bastando.

DELICY: Estamos vivendo tempos abismantes. Hoje, mata-se as pessoas com a simplicidade como bebemos água. Ninguém está seguro em lugar nenhum.

Feli meu querido, você sabe que eu me preocupo muitíssimo com o seu trabalho. O banditismo está fora de controle. O que horroriza é a crueldade dessas pessoas. Pedofilia, homofobia, maus tratos às crianças, às mulheres, aos idosos. Os problemas criados pelo uso das drogas ...

FELICIANO: O crime organizado está dominando tudo. São toneladas de drogas, de armas que alimentam a violência. O contrabando descarado, que prejudica o país. Nossas fronteiras estão abertas pra todo tipo de delinquência.

DELICY: E a calamidade do trânsito? Motoristas e pedestres não respeitam a própria vida e, muito menos, a dos outros.

FELICIANO: Resumo da ópera madrinha, a vida continua sendo um safari africano, muita beleza e a morte espreitando o tempo todo. A diferença, é que hoje não há guias que, realmente, conheçam e nos indiquem os caminhos.

Querida, vai ficar hoje em Curitiba? Podemos jantar juntos.

DELCY: Estou voltando pra casa. Soube que você vai à Antonina, no fim de semana, pra reunião com os delegados do litoral. Você e Luciana podem ficar lá em casa.

Domingo, se vocês ficarem, faço um Barreado com todo o ritual.

FELICIANO: Barreado e tudo? Grande ideia madrinha.

DELCY: Está combinado. Por favor confirme. Vou convidar também alguns amigos. Espero vocês no sábado, com um camarão no capricho pro jantar.

FELICIANO: Perfeito! Boa viagem madrinha! (levantam. Beijos/abraços).

Corta.

Cena 3.

Curitiba. Interna. Apartamento de Nena.

(É a irmã mais velha de Delcy. Ouve música. Está agitada, fumando e bebendo. Toca a campainha. Nena estremece. Olha pelo “olho mágico”. Fica enlouquecida. Abre a porta. Lala é fina e elegante. Claudio está bem vestido. Entram. Parados na sala, olham com desprezo pra Nena. Ela fecha a porta).

NENA: (com medo, mas cínica) Fiquem à vontade. É um grande prazer receber os amigos. Você Lala, como sempre, com a aparência de uma dama. Querem beber o quê? (os visitantes permanecem em pé).

LALA: (sem paciência) E você, sempre bancando a graciosa. Nena, você sabe o que fez ontem à noite, não sabe? Sua irresponsabilidade quase transformou nossa operação em desastre. Se Claudio não estivesse atento, teríamos perdido 20 milhões de dólares.

Essa foi a segunda vez que você falhou conosco. Vai nos pagar 200 mil reais. Foi o valor do suborno. Preste atenção Nena, você não vai receber sua parte no negócio.

CLAUDIO: (duríssimo) Você salvou sua pele na primeira mancada, porque extorqui de sua irmã a grana pra nos pagar. Queremos e logo os 200 "paus". Você paga ou eu mesmo, mando sua carcaça pro inferno. Está entendendo, cadela?

NENA: (senta no sofá. Apavorada, mas tentando demonstrar alguma segurança). Reconheço que, mais uma vez, pisei na jaca. Fiquem tranquilos, a organização não perderá nada. Preciso de uns dias. Vocês terão o dinheiro.

LALA: 200 mil reais na segunda-feira. Como você disse, terá o grande prazer de nos receber às 21 horas. Ficou claro?

CLAUDIO: Você conhece as regras do jogo. Outra coisa, bêbaba safada, você está fora da organização.

(Lala olha friamente pra Nena. Claudio abre a porta. Sorri cinicamente. Vão embora deixando a porta aberta. Nena está estatelada. Fecha a porta e encosta nela).

NENA: 200 mil reais até segunda-feira? Só se eu cagar essa grana.

Corta.

Cena 4.

Antonina. Interna. Casa de Delcy.

(Delcy está deitada no sofá lendo um livro. Toca a campainha. Delcy abre a porta. Nena entra. Está bebum. As irmãs se olham. Nena com um sorriso ultra cínico, senta numa poltrona. Delcy no sofá).

DELICY: O que foi desta vez, Nena?

NENA: (desaforada) Preciso de 200 mil reais. Nota viva. Você vai resolver isso pra mim!

DELICY: Há seis meses vendi o apartamento que Oraci e eu tínhamos em Curitiba. Dei-lhe o dinheiro pra que não fosse linchada, por essa corja com quem está metida. Nena, caia na real, eu não tenho um cachorrinho que defeca ouro.

Minha irmã, acorde enquanto é tempo. O que você está fazendo é criminoso. Lembre-se do filho de Denise.

Dezesseis anos. Morreu de overdose de crack. Você não se sensibiliza com o sofrimento das pessoas?

NENA: Y a mi que me importa!!! Essa gente solta os filhos na rua, sem diálogo, sem acompanhamento, depois vem com lágrimas, gritos e sussurros. Delcy, não vim aqui pra falar sobre os cachos de Sansão. Como da outra vez, minha vida depende desse dinheiro.

DELICY: Eu não consigo entender você. Com todas as condições pra viver bem, pra viver decentemente. Se não pensa nas pessoas que está prejudicando, pense em você. Um dia desses acaba presa ou morta.

Não existe segredo no planeta Terra. Você lembra o que me dizia, quando éramos adolescentes? "Quem vacila a barata come!" Minha irmã, "cuidado com os idos de março".

NENA: Ai, que preguiça!!! Você ainda não sabe, que neste país, quem tem dinheiro não vai pra cadeia? O chefe da organização é bilionário. Muita gente poderosa lhe dá total cobertura. O grande e reverenciado empresário protege sua trupe.

Viva você sua vidinha "respeitável" e medíocre, e deixe que eu viva a minha como me der nas bolas (levanta. Para na porta). Domingo volto no final da tarde. Esteja em casa e com o dinheiro na mão, certo maninha? Como dizia tio Eurico: Auf Wiedersehen.

DELICY: Nena, por favor me escute. Pare de beber! Faça tratamento. Eu pago uma boa clínica pra você.

NENA: (responde grosseiramente) Que clínica bosta nenhuma. Não se meta na minha vida. Se toca mulher! Não havendo consumo de drogas, não há comércio, não há tráfico.

Se o problema a preocupa tanto, por que não faz campanha pública pra "salvar" essa gente?

DELICY: É exatamente o que estou fazendo.

NENA: (rindo) Até domingo com novas atrações, tá? (faz sinal de tchau e vai embora).

(A câmera fecha em Delcy angustiada).

Corta.

Cena 5.

É sábado. Manhã. Externa. Estrada pro litoral.

(Luciana e Feliciano estão a caminho de Antonina. Música. Sem áudio. A câmera mostra os pontos mais bonitos da Serra do Mar. Na passagem por Morretes – identificar o nome da cidade – a câmera mostra o rio Nhundiaquara, o casario, a Igreja de Nossa Senhora do Porto).

Na chegada em Antonina – identificar o nome da cidade – a câmera mostra a Estação Ferroviária, a Praça Coronel Macedo, tendo ao fundo a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar).

Corta.

Cena 6.

É sábado. Antonina. Casa de Delcy.

(Luciana e Feliciano estão entrando na casa. Beijos / Abraços. Música. Sem áudio).

FELICIANO: Madrinha, estamos em cima da hora pra reunião na Delegacia.

LUCIANA: Essa operação planejada e realizada em conjunto, vai facilitar muito as investigações. Temos que guinchar essa caterva, o quanto antes.

DELCY: Feli, desculpe perguntar. Qual é o caso?

FELICIANO: Tráfico de drogas (Delcy desmonta).

DELCY: Espero vocês pro jantar (Delcy está profundamente triste. Tenta não fazê-los perceber. Os dois beijam Delcy e saem).

Corta.

Cena 7.

É domingo. Antonina. Manhã. Casa de Delcy.

DELCY: Façam bom passeio. Vocês sabem, Antonina tem lugares lindos pra se ver. Divirtam-se!!

A câmera vai fechando em Delcy.

Corta.

Cena 8.

É domingo. Antonina. Manhã. Externa.

(Giro pela cidade. Música. Sem áudio. Podem ir à Igreja de Nossa Senhora do Pilar – vista linda pro mar e uma parte da cidade. Podem ir à Ponta da Pita. Podem ir ao trapiche próximo ao Mercado Municipal – vista pra Igreja Matriz e casario. Podem ir à Fonte da Carioca).

Corta.

Cena 9.

É domingo. Antonina. Manhã. Externa.

(Rua Doutor Carlos Gomes da Costa. A câmera pode mostrar a Igreja de São Benedito. Na frente do Teatro Municipal – a população pode ser convidada pra participar da cena – assistem a apresentação da FILARMÔNICA ANTONINENSE).

Corta.

Cena 10.

Churrasqueira da casa de Delcy.

(A panela de Barreado – com o lacre de farinha e folha de bananeira – está no fogão e uma mesa grande, posta. Os convidados tomam aperitivos e conversam animados. Música. Sem áudio).

DELCY: Pessoal, o Barreado vai ser servido (abrem a panela. Entra o Hino de Antonina. Os convidados cantam e dançam. Soltam foguetes. Tocam o sino. Rola o almoço. O GRUPO DE SERESTA canta a “Valsa de Antonina”).

Corta.

Cena 11.

Final da tarde. Churrasqueira da casa de Delcy.

(Os convidados foram embora. Delcy e os policiais conversam à mesa).

LUCIANA: Realmente, o Barreado é glorioso! Quando fizer outra vez nos convide.

FELICIANO: Esse ritual é o máximo! Coisa de "capelista", sempre festança. Quando tio Oraci era vivo fizemos grandes comilanças nesta casa. Não sei como cabia tanta gente. Dias inesquecíveis!

(Delcy está ultra ansiosa).

DELICY: Feli, você lembra de minha irmã?

FELICIANO: Vagamente. Quando eu a conheci, era menino. Lembro que tio Oraci não gostava dela, dizia que era uma tremenda trampa. Nena ainda mora no Rio de Janeiro?

DELICY: Morou. Depois foi pra Europa. Há muito tempo não tinha notícias dela. Voltou pra Curitiba há seis meses. É interessante como as coisas acontecem na vida da gente. Vocês aqui e...

(Nena aparece na entrada do pátio da churrasqueira. Está briaca. Vê que a irmã não está sozinha. Fica furiosa, mas procura disfarçar).

NENA: (simpaticíssima) Boa noite! (falando com Delcy) Não sabia que você estaria com visitas. (pros outros) Desculpem, não quero parecer indelicada, mas tenho um assunto particular e urgente, pra tratar com minha irmã.

LUCIANA: Fiquem à vontade! (levantam da mesa).

Corta.

Cena 12.

Churrasqueira da casa de Delcy.

NENA: (dura) Vá buscar o dinheiro e faça a coisa de jeito que esses babacas não percebam.

DELICY: Você vai acabar dando com a cara na parede!

NENA: (grosseiramente) Interessa!!! Quero a grana. Não tenho tempo pra conversa mole.

Corta.

Cena 13.

(Luciana e Feliciano observam Nena).

LUCIANA: Feli, essa mulher não se parece com aquela que estamos investigando?

FELICIANO: É parecida sim. Não quero ser precipitado, mas Nena sempre foi uma safada de primeira.

LUCIANA: Se não for ela, é irmã gêmea.

Corta.

Cena 14.

Churrasqueira da casa de Delcy.

(Sequência da cena com as irmãs conversando).

NENA: Está esperando o quê? Mexa-se!

DELICY: Por tudo que já disse, não vou lhe dar dinheiro nenhum.

NENA: (vai bater na irmã. Se toca que não estão sozinhas) Vou falar pela última vez, a grana porra!!!!

DELICY: Lugar de traficante de drogas, é na cadeia.

NENA: (sarcástica) O que está pensando fazer? Vai me denunciar pra polícia? Olha só a audácia!!! Você não faz ideia com quem está lidando. Acho que não é tão burra assim, pra por seu pescocinho na guilhotina, ou é?

DELICY: Vou por "meu pescocinho na guilhotina", sim. Não vou lhe dar a "porra da grana". Isso, talvez, salve vidas.

Feli, Luciana, por favor, venham aqui (eles correm na direção das duas).

NENA: (sorrindo, se fazendo de desentendida) Pra que essa gritaria minha irmã? Morreu alguém?

DELICY: (absolutamente arrasada) Perdão minha irmã, mas é a única coisa decente a fazer. Feli, Luciana, Nena faz parte de uma quadrilha de traficantes de drogas.

NENA: (com ódio mortal, perdendo completamente o controle avança pra bater na irmã. Feliciano segura Nena).

Desgraçada, você vai comer merda por isso. Aguarde!!!

FELICIANO: Madrinha, sinto muito pelo que está acontecendo. Nena é uma das pessoas que estamos investigando.

LUCIANA: (abraçando Delcy) Amiga, você está certa. Vamos mantê-la a par sobre o andamento deste caso. Não se preocupe, Feliciano providenciará proteção pra você. Obrigada por tudo!

(As irmãs se olham. Uma com ódio, a outra com profunda dor. Música. Sem áudio).

Corta.

Cena 15.

Curitiba. Interna. Na Delegacia, uma semana depois.

FELICIANO: A operação foi perfeita. Conseguimos acabar com o bando. Obrigado pelo empenho gente! Sou um cara de sorte, por ter vocês na minha equipe. Amanhã a notícia estará circulando. As pessoas precisam ter consciência, de que é fundamental participar da luta pelo direito à paz e à vida. Bandido, seja quem for, merece gaiola.

(Música. Sem áudio. Continua o papo dos policiais na Delegacia).

FIM



POR QUE?

Alguém em sã consciência põe a bunda em formigueiro? As bolas na guilhotina?

Alguém em sã consciência se entrega ao apedrejamento público?

Alguém em sã consciência se expõe, sabendo que muitos vivem sob os mais cáusticos preconceitos?

Alguém em sã consciência deixa passar batida a vergonha da família? O repúdio daqueles que ama?

Alguém em sã consciência sente-se confortável sendo chamado de bichona, de viado escroto? De fanchona, sapatão, machorra?

Ninguém, gozando de lucidez, atira-se às feras ensandecidas que passam o tempo neste planeta, só pra escandalizar a burguesia.

Esse périplo perverso que, lamentavelmente, ainda acontece, vem da afirmação: sou homossexual. Sou lésbica. Sou gay.

Que grande catástrofe pras pessoas, pro mundo, há neste fato? O que deve valer é o caráter das pessoas.

Esfolo à morte minha alma, mas quero viver o que sou.

Bobagem dizer que se “escolhe”, que se dá “preferência” – no amor e no sexo – à pessoa do mesmo gênero. É questão de natureza.

Não estou falando de sexo comércio, do sexo curiosidade, do sexo festa / baile, como diz meu querido amigo Christo Dikoff.

A coragem pra “sair do armário” e enfrentar a ignorância e a crueldade de muitos, vem de se assumir, de saber que é impossível fugir de si mesmo, do que se é. Os que tentam camuflar, esconder seu eu, descem as rampas do inferno que Virgílio mostrou a Dante.

A revelação sobre o que somos quase sempre provoca o medo de chocar familiares, de perder amigos, do afastamento de pessoas queridas que não querem ser vistas como “caranguejo do mesmo saco”. Mais assustador, ainda, que pensem ser nosso carinho, nossa amizade, jogo de sedução.

Muitos têm medo das consequências de assumir-se, e é pra ter medo mesmo. Muitas pessoas, no particular, nos mostram simpatia. Em público, desempenham cortês ou grosseiro distanciamento. Por isso, custa-nos muito revelar a verdade.

Por que? Ninguém responderá, com absoluta certeza, porque essa ou aquela pessoa é homossexual.

“Ser ou não ser... Eis a questão!” Com esta fala de Hamlet, há séculos, Shakespeare propôs esta reflexão.

Aceitar-se no que não pode ser mudado – e que não provoca danos a ninguém – poder viver sem mentiras, simulações, dissimulações, sem ter que nos refugiar em esconderijos, é um direito.

Um número incontável de mulheres e homens do mundo inteiro, estão na mesma estrada. Barreiras todos encontram. Pra nós, são mais altas e mais largas.

Sendo homossexual, a mulher é condenada quatro vezes. Nasceu fêmea, é homo, não serve ao macho, não reproduz a espécie.

A recompensa é que pra mulher homossexual a relação amorosa, quase sempre, faz aflorar sentimentos mais profundos, mais duradouros. Quase sempre temos o mesmo entendimento das coisas, as mesmas experiências, a mesma sensibilidade, a mesma suavidade, o mesmo carinho no tratamento, os mesmos “chiliques”. Como sabemos as soluções pros “pitis” – querendo – podemos transformar pântano em mar de rosas.

Nessas águas, a amada é o paraíso. A voz, violinos ao entardecer no verão. A pele, puro terciopelo. O sorriso

desponta real, contaminante, branco e lindo como a espuma das ondas. O toque, de serafins e demônios, na medida certa, do jeito certo, na hora certa, nos lugares certos.

Por que não podemos amar, ser felizes, sem passarmos por discriminações, desqualificações, grosserias? Sem termos a vida em risco? Sem sermos vistos – generalizadamente - como doentes, tarados? Sem senso de oportunidade? Sem limites? Sem respeito por si mesmo e pelos outros?

Por que alguns “normais” nos olham com desprezo, ironia? É salutar lembrar, senhoras e senhores, que em suas famílias também existe gente com variadas naturezas e comportamentos. Muitos não só “trancam-se no armário”, mas em cofres invioláveis de onde não querem sair nem à bala. Fazem o que querem fazer, escondidos. Solteiros ou casados, de dia ou à noite, fogem pra encontrar-se.

“Tapar o sol com peneira” e só ver, criticamente, o que acontece na vida dos outros, é prova de cretinice.

“Eu sei e sei que você sabe que eu sei. Eu sei que você sabe e faz de conta que não sabe”. Esse é o jeito de muitas pessoas tratarem desse e de outros assuntos. Essas, sofrem e nos fazem sofrer a dor dos sufocados.

Alguns homossexuais podem ser repugnantes. Alguns heterossexuais podem ser de distinguida qualidade. E vice-versa.

O preconceito, a crueldade de muitos não nos manterão pra sempre, nas coxias da vida.

Queremos, estamos e estaremos em cena, com a cortina aberta, afirmando nossa existência.

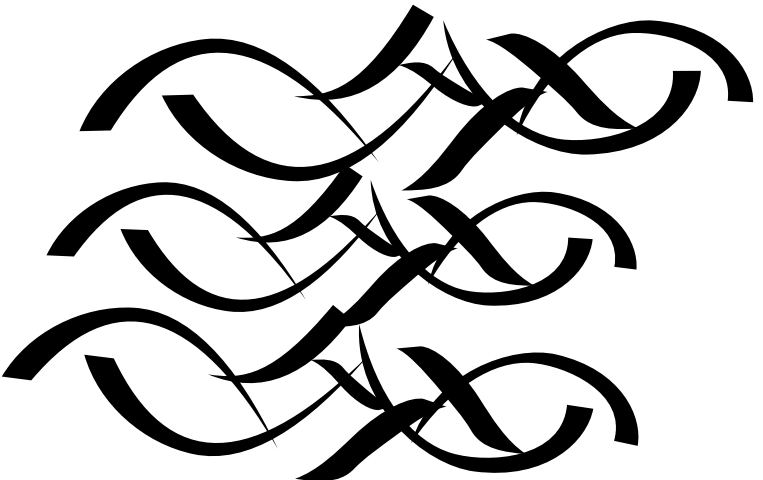
É hora de aterrizar na real. De desvencilhar-se da burca que dificulta a visão. De viver com a cabeça e o espírito abertos. É hora de deixar as pessoas adultas amarem a quem quiserem amar.

Todos nós integramos o mesmo elenco. Talentosos ou canastrões.

Sejamos homossexuais, bissexuais, heterossexuais, transexuais. Mulheres ou homens. Crianças, adolescentes, adultos, velhos. Sejamos negros, brancos, orientais, mestiços, naturais da terra. Sejamos ciganos ou “gadjos”. Sejamos judeus, cristãos, ateus, muçulmanos, adeptos das religiões afro-brasileiras, budistas, etc. Pobres ou ricos. Republicanos ou monarquistas. Magros ou gordos. Comunistas ou capitalistas. Sejamos bonitos ou feios. Sejamos saudáveis ou enfermos. Sejamos arqueólogos, advogados, coletores de lixo, artistas ou sem profissão definida. Inteligentes ou destituídos. Estamos todos na mesma peça.

O espetáculo – sempre um trabalho de equipe – tem que valer o esforço homérico, que nos obrigamos a fazer pra levá-lo ao palco, com dignidade. Com decência.

Aproveito a ocasião, pra declarar que sou a favor da união civil entre homossexuais. É direito de cidadania.



ÁGUAS DE AZUL PROFUNDO

A mãe, a prima e a moça foram à Grécia em excursão. Poucos dias em Atenas, o essencial foi visto na correria.

O barco – cruzeiro de sete dias – singrou o Mediterrâneo a caminho do Cairo. Abrindo mão de outras atividades, a moça ficava na mureta apreciando o azul profundo das águas. Tom de azul, nunca visto.

O barco atracou em Porto Said. O ônibus que levava os passageiros ia escoltado pelo exército. O mar – como hoje – não estava pra peixes.

Na sequência do roteiro, Israel. Jerusalém: no vapt-vupt depois de percorrer a Via Dolorosa, chegaram na Igreja do Santo Sepulcro – o Gólgota. Visitaram o Jardim das Oliveiras.

Muro das Lamentações: no Monte Moriá, Isaac foi salvo pelo gongo de ser executado pelo próprio pai Abraão, de quem Javé exigiu prova de fidelidade. Javé, sabendo de todas as coisas, precisava fazer o velho passar por esse brutal sofrimento? No mesmo Monte, Davi construiu uma tenda pra proteção e louvação da Arca da Aliança, receptáculo das Tábuas com os Dez Mandamentos. Salomão, seu filho, construiu suntuoso Templo com igual intuito. O edifício foi destruído por Nabucodonosor, o rei que levou o povo judeu escravizado pra Babilônia.

Herodes, o Grande, arquitetou o segundo Templo ainda mais deslumbrante. Nos anos 70 d.C., o imperador Vespasiano e seu filho Tito – em resposta às revoltas do povo contra os invasores romano – incendiaram e demoliram tudo. Da Arca e das Tábuas não se sabe o destino. Restou uma pequena parte da muralha que, pela crença religiosa e pela história, é de tirar o fôlego. Lugar de orações e cerimônias. Homens de um lado, mulheres do outro.

Dentro do Muro avista-se mesquitas. O Domo da

Rocha – no mesmo Moriá, de onde Maomé subiu aos céus – é esplêndido. A cúpula de ouro resplandece dominando a cidade.

O marco da ocupação romana está na Fortaleza Antonia. Ali, por ordem de Pilatos, Jesus foi flagelado, coroado com espinhos. Ali, Pôncio mostrou ao povo o supliciado: “ecce-homo”. Dizem que Sant’Ana e Joaquim, pais de Maria, estão ali enterrados.

Na cidade sagrada pras 3 religiões monoteístas, elas conheceram, na muralha da cidade, a Porta de Damasco. Paulo de Tarso, passou por ela em missão de caça aos cristãos. A Voz dentro de uma luz estonteante, perguntou: “Saulo, Saulo por que me persegues?”. Convertido, tornou-se o novo apóstolo.

Paulo juntamente com Pedro, fizeram nascer a Igreja Católica Apostólica Romana. Essa instituição religiosa se desenvolveu pomposa, ostentadora, feroz, “dona da verdade”, preconceituosa, manipuladora, malandríssima, distanciada dos ensinamentos de Jesus.

“As três graças de Botticelli” viajantes, andaram pelo Palácio de Caifás, o sumo sacerdote. O Sinédrio – colegiado dos sacerdotes judeus – julgou Jesus e mandou-o pro governador romano.

Em Belém, visitaram a Igreja da Natividade, erigida sobre o estábulo onde o menino nasceu numa manjedoura. Pobre de marré deci foi, é e será Jesus. Como nós não aprendemos as lições, achamos que pra “ser” temos que ter dinheiro e coisas.

Foram ao Túmulo de Raquel, mulher de Jacó – o que lutou numa escadaria com o Anjo / Deus e O venceu. A bela, mãe de José, que por ser o preferido do pai foi vendido como escravo, pelos irmãos. No Egito – acusado falsamente de ter seduzido a mulher de Putifar – que se apaixonara por ele sem ser correspondida – foi encarcerado. Na prisão revelou sua capacidade pra interpretar sonhos. Por seu dom, acabou

sendo conselheiro do faraó e depois, por sua honestidade e competência, administrador do reino.

Informado que o povo de Israel estava passando fome, José levou sua família e outros tantos pro Egito. Morto o soberano, os judeus foram escravizados. Deu-se início a um longo período de indescritíveis sofrimentos, terminado com o êxodo sob a liderança de Moisés.

Voltando ao cruzeiro, o barco rumou pra Chipre. O ônibus passou correndo por Pafos. Conta a mitologia que ali, Afrodite, esplendorosa como a pintou Botticelli, nasceu do mar pelo esperma derramado de Urano.

Visitaram ainda, a chamada Casa de Dioniso, que exhibe estupendos mosaicos de chão.

A moça esperava com ansiedade a chegada a Rodes. O primeiro a ser visto – o Porto Mandraki – local onde estaria o Colosso. Gigantesca estátua do deus Hélio, o Sol, com as pernas abertas pra entrada dos barcos, segurava uma tocha que indicava o caminho certo aos timoneiros. Dizem que um terremoto destruiu a soberba obra de arte e engenharia. Essa foi uma das sete maravilhas do mundo antigo.

Rodes conserva até nossos dias a muralha e as torres que protegiam a cidade medieval.

Já na Ásia Menor, Kusadasi. Como não pode deixar de ser em excursões, primeiro às compras. Tapetes turcos confeccionados em teares usando-se seda, algodão e lã. Nos mais diversos tamanhos e desenhos, deixam os turistas entontecidos.

Sempre com muita pressa, a guia levou o grupo a Éfeso. Sítio arqueológico preservado com esmero, mostra a grandeza que foi a cidade, construída 1000 anos a.C.. Pontos altíssimos: a biblioteca e o magnífico teatro com capacidade pra 24 mil espectadores. As ruínas do Templo de Ártemis, irmã de Apolo – deusa da Lua, das matas. Mais uma das maravilhas do mundo antigo. Dizem que Nossa Senhora morou na cidade durante um bom tempo.

Despertou curiosidade o mictório público, a céu aberto, em forma de “L”, com vários círculos um ao lado do outro, onde os importantes da cidade faziam negócios. Asseados, lavavam “as partes” em água corrente ao pé das latrinas. Ainda, na andança, “frequentaram” a casa das meninas.

A moça lamentou o fim do cruzeiro em Patmos. Por sua vontade ficaria meses flutuando naquele azul profundo, conhecendo tudo o que o barco passou ao largo. As águas que chegam às praias das ilhas e que batem nas rochas, exibem um apaixonante azul turquesa.

Destaques: o mosteiro construído em 1088 e a caverna onde São João, aos 100 anos de idade, escreveu seu Evangelho e o Livro das Revelações, profetizando ao mundo as hecatombes que provocarão seu fim. Os quatro Cavaleiros do Apocalipse, não terão misericórdia de ninguém.

Precisando conhecer um pouco mais da história, da mitologia e admirar ao vivo e em cores obras artísticas, a moça voltou à Grécia e a Israel, com seu próprio roteiro e dentro de seu próprio tempo.

Escolheu pra primeira visita a Acrópole. Os passos nos levam ao Propileo – entrada monumental ao sítio – que tem ao lado o Templo dedicado à Vitória sem Asas, ou seja, a vitória dos atenienses deveria ser contínua. Já dentro, foi fulminada pela obra de Fídeas, o Parthenon, encomendada por Péricles – no século 5º a.C. – pra abrigar a estátua de Atena, a deusa da sabedoria; protetora da cidade. Também ela, uma das sete maravilhas do mundo antigo.

Lamentável que as esculturas do frontão estejam hoje expostas no Museu Britânico. Não há meios pra que sejam devolvidas. A Inglaterra e a França são insuperáveis no surrupio de obras artísticas pertencentes a outros povos.

Célebres, as cariátides sustentam o Erictheon. As esculturas são de babar.

A moça viu o Teatro de Herodes Ático. Visitou o

Areópago, onde procediam-se os julgamentos. A mitologia registra que na “Colina de Ares” foi decidida a vida do príncipe de Micenas Orestes, pelo assassinato de sua mãe, a rainha Clitemnestra. O sucessor do trono de Agamenon foi salvo pelo “voto de Minerva” – nome romano da deusa Atena. Protegido pela deusa, “livrou-se da pena mas não da culpa”.

A moça foi ao Teatro de Dioniso ao pé da Acrópole. Em muitos concursos luziram-se os grandes dramaturgos. A moça se imaginou interpretando as trágicas personagens de Sófocles, Eurípedes e Ésquilo. Ovationadíssima, é obvio!

Andou pela Ágora onde está a Torre dos Ventos, monumento dedicado a Teseu, o rei de Atenas. Quando príncipe, destacou-se por ter matado, na Ilha de Creta, o Minotauro devorador de jovens atenienses. Teseu, foi ajudado pela princesa Ariadne a conduzir-se no labirinto, levando um novelo. Quando não precisou mais dela abandonou-a na Ilha de Naxos. No futuro, sua ingratidão seria cobrada. Os deuses, gregamente, o presentearam com Fedra, filha do rei Minos - como a jovem descartada. A mulher de Teseu apaixonou-se por Hipólito, filho do herói com uma amazona. Fedra aprontou todas, destruindo a vida dos envolvidos nessa tragédia.

No Museu Arqueológico Nacional desfilou com atenção diante de obras magníficas. Parou muito tempo junto a escultura de Poseidon – deus dos oceanos. Também do Menino com o Cavalo, tão fantástica que se pode ouvir o corcel galopando ao vento.

Cordeiro, cabrito, azeite de oliva, azeitonas negras como as asas da graúna e frutos do mar, são o forte da cozinha grega. A música e o “ouzo” – à base de anis, inebriantes.

Não perdeu a troca da guarda / “euzones” no Palácio Presidencial. O uniforme, as 365 pregas da saia, os pufes dos sapatos, uma gracinha!

O Canal de Corinto – importante cidade antiga, palco de fantásticos episódios históricos e mitológicos – entrelaça

com águas turquesas o mar Egeu com o mar Jônio.

Teatro de Epidauro. Magnífico. Acústica ainda perfeita. Acomoda 12 mil pessoas.

“Conhece-te a ti mesmo”, ensina a inscrição no frontão do Templo de Apolo. Delfos – o umbigo do mundo – era o santuário do deus.

Peregrinos de toda a Grécia iam consultar as pitonisas, pra saber o futuro. Sibila foi a primeira. Chegou a ser summa sacerdotisa do oráculo.

Entre tantas maravilhas a moça deleitou-se, no Museu, com a obra-prima “O Auriga de Bronze”.

Não deixou de ir a Micenas. Pela Porta dos Leões passaram os Atridas, a poderosa dinastia reinante na cidade-estado. O mito nos transporta à Clitemnestra, Electra, Ifigênia, Crisóstemis, Egisto, Orestes e Agamenon. Leva-nos à imponência da hiper tragédia. Aos fios manipulados pelas implacáveis moiras – fiandeiras da vida e da morte.

De barco, a moça seguiu pra Santorini. Cidade branca sobre a montanha. Escavações revelam o que formidável vulcão sepultou.

Contam que uma erupção gigantesca fez sucumbir a Atlântida. Que provocou o recuo das águas do Mar Vermelho, abrindo passagem pra Moisés levar seu povo do Egito às terras onde corriam leite e mel. A volta das águas – como um tsunami – devorou o exército do Faraó. Arrependido por ter autorizado – por força de pragas incontroláveis – o êxodo dos escravos hebreus, lançou-se em sua perseguição.

Mykonos. A ilha é o freje do Mediterrâneo. Emociona por suas casas brancas com portas e janelas azuis, como na maioria das ilhas. Pelas cascatas de flores em toda a parte. Por seus encantadores moinhos.

O grande momento da viagem. Creta.

Cnossos brilha com suas colunas vermelhas e seus afrescos. Muitos deles, representam o ritual e o esporte preferido pelos cretenses: saltos sobre touros negros e

bufantes.

Diz a mitologia que Cronos, o deus do Tempo, comia os filhos que teve com Réia. A mãe escondeu em Creta, o caçula. Adulto, rasgou o ventre do pai libertando seus irmãos. Depois de uma guerra horripilante com Cronos e seus asseclas, dividiu o poder com Poseidon que reina nas águas. Com Hades – senhor do mundo subterrâneo. O céu e a terra reservou pra si mesmo – era Zeus, o deus dos deuses, o supremo do Olimpo.

Diante do muito que restou da estupenda civilização minóica, na cara da guia que se esmerava em mostrar as obras de arte, e descrever o mito do Rei Minos e companhia, uma senhora argentina, cheia de gás, disse aos brados: “pagamos um dinheirão pra ver quatro pedras?”. A moça fechou os olhos sentindo a espinha congelar. Bocuda como sempre, retrucou: gente ignorante e mal educada como você, não devia sair de casa. A mulher afastou-se do grupo levando, aos empurrões, o marido.

Quebrando o clima, uma jovem mexicana brincou: “o melhor negócio do mundo é comprar um argentino pelo que ele vale, e vendê-lo pelo que ele pensa que vale”. O grupo riu muito dessa tirada. A moça achou graça, mas ao mesmo tempo ficou triste. Amando Buenos Aires e tendo amigas argentinas, bacanas e cultas, pensou: uma bosta como essa mulher, avacalha a reputação de um povo.

Em Israel, reviu lugares e conheceu ainda o Museu do Holocausto, que guarda provas sobre os horrores que “o povo escolhido por Deus” sofreu durante a 2ª Guerra Mundial.

Visitou o Museu de Israel, que exhibe os pergaminhos do Mar Morto. Descobertos em cavernas nas montanhas de Qumran - 1947.

Visitou o Túmulo de Absalão, filho de Davi. O príncipe desejava sua irmã e as mulheres do rei. Ambicionava o trono. Aprontou todas. Perseguido pelo comandante do exército,

fugiu a cavalo. Sua farta e encaracolada cabeleira emaranhou-se nos galhos de uma árvore. Pendurado, teve o peito dilacerado por uma espada. É tradição os judeus e os turistas jogarem pedras na sepultura. A moça, não vendo sentido nesse freje, não atirou pedra nenhuma e saiu dali chocada.

Em Israel, a moça vibrou ouvindo histórias / estórias e com o que conheceu: Betânia – casa de Marta, Maria e Lázaro, amigos de Jesus. Viu o túmulo do ressuscitado.

Jericó, a mais antiga cidade do mundo com seus 10 mil anos. Josué, sucessor de Moisés, derrubou suas muralhas com toques de trombetas. No Mar Morto, Masada, espetacular palácio de Herodes, o Grande, sobre a montanha. Os que lutaram contra a dominação romana nos anos 70 d.C. – conta o historiador Josefo – com a cabeça a prêmio, refugiaram-se na Fortaleza. Após 7 meses de cerco, o comandante da 10ª Legião, Flávio Silva, construiu uma rampa de terra, usando escravos judeus. Antes do local ser tomado, os guerrilheiros / “zelotes” mataram-se uns aos outros e o último suicidou-se. A rampa está lá, também as ruínas do acampamento romano.

O “mar de sal” formou-se no lugar de Sodoma e Gomorra, quando da hecatombe que “castigou” aquelas cidades bíblicas.

Na Galileia, a moça emocionou-se molhando os pés no Rio Jordão. Magdala, onde nasceu Maria Madalena. A casa de Pedro em Cafarnaum. Nazaré, que dispensa apresentações. A cidade romana de Séforis, onde vê-se a obra-prima em mosaicos de chão, “a Monalisa do Oriente”. Contam que José morreu nessa cidade, em razão do desmoroamento de uma parede, que estava construindo.

Nos verdes campos ao redor da Capital do reino de Jezebel e Acab – Meggido / Samaria – dar-se-á o Armagedom.

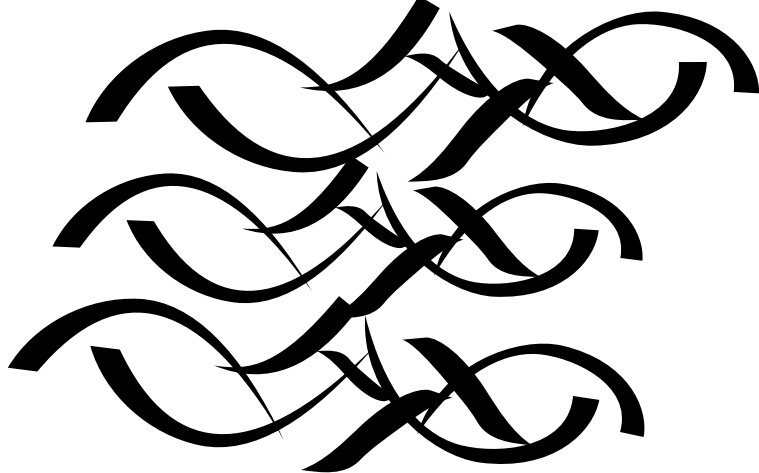
No litoral, Cesareia. Herodes, o Grande, construiu a cidade oferecendo-a aos governadores romanos. Também, o

primeiro porto artificial do mundo. Destaque: o aqueduto e o Teatro com capacidade pra 3 mil pessoas.

É encantadora, Tell Aviv. No Museu da Diáspora, mais provas do holocausto e muitos computadores pra pesquisa. Na telinha, a moça puxou os nomes Gomes, Moreira / Miranda, de Moraes Sarmiento. Com exceção de Moraes, os sobrenomes são de origem judáica.

A moça que adora um bom drama, imaginou: expulsos de Sevilha / Espanha pela Inquisição, seus antepassados foram pra Portugal. Pra não serem saqueados pelo Vaticano et companhia, nem queimados vivos na fogueira, pirulitaram-se pro Brasil, já na condição de cristãos – novos.

A moça sugere ao turista que estude sobre os lugares antes de conhecê-los. Sabendo o que está vendo e o que ali aconteceu, a viagem fica mais prazerosa, emocionante e enriquecedora.



O PARTO DA ARANHA MORTA

No verão de 1971, quando havia ainda cinema em Antonina, elas foram assistir “O Leão no Inverno”. O filme trata, soberbamente, da sucessão do rei Henrique II da Inglaterra e da luta de Ricardo Coração de Leão, um dos três filhos do monarca, pelo trono. Elenco de feras, debulhando-se em fantásticas interpretações.

Terminada a sessão, caminharam à casa de Dorothy e Maninho Pinto.

A porta estava aberta e a amiga gritou: “não se bebe nada nesta casa?” Maninho, na maior simpatia devolveu: “o que vocês quiserem!”

Fizeram lanche com pão d’água saído da fornalha. O célebre pão “bundinha”, o mais delicioso de todos. O papo era sempre tão animado, que sair da casa de Maninho ficava difícil. Antes da “hora aberta”, como Feliciano chama o badalar da meia noite, quando não se deve sair a céu aberto, porque é a hora da circulação das almas, a moça e a amiga se despediram. Margareth emprestou a bicicleta. A amiga nos pedais, a moça no bagageiro. Assim atravessaram a cidade quase deserta.

A noite apresentava-se com suave sopro atlântico. Voltaram a falar sobre o filme, destacando a interpretação de Katharine Hepburn, divina em sua Alienor de Aquitânia.

O vento farfalhava, delicadamente, as folhas das árvores da Praça Coronel Macedo. Ao fundo, na colina, a moça mais uma vez admirou a Igreja de Nossa Senhora do Pilar, soberana sobre a cidade.

Na ladeira, a caminho da Ponta da Pita, a bicicleta serpenteava gemendo no paralelepípedo. As duas, às gargalhadas, faziam contorções circenses, pra não se estatelarem no chão. Quando passaram pelo campo de

futebol do 29 de Maio – Honra e Glória – viram que a noite estava clara, era a performance da lua muçulmana.

No trecho do Clube Náutico, alguém ouvia Dalva de Oliveira cantando “Confession”. A moça doida por tangos, sentindo-se num palco portenho, soltou a voz num espanhol macarrônico: ... hoi despues de un año atroz te vi passar. Me mordi pa no llamarte. Ivas linda como un sol. Se paravam pa mirarte... . O bandoneon esmagava a alma da cantora.

Passando pela maternidade, cruzaram com um jipe. O motorista, finíssimo, aproximou-se da bicicleta e berrou: “tão querendo batê cás deis?”. A amiga respondeu: “vai-te à merda”. E seguiu pedalando. A moça, muda de medo, olhava pra ver se o jipe não tinha feito a volta.

No bairro do Lacerda onde moravam, desceram da bicicleta e fizeram a pé o caminho da rua à casa. O dito era de terra e bastante inclinado.

O canto de grilos e um encantador bailado de vagalumes, acompanhavam o trajeto. Os morcegos não deixaram de participar do espetáculo, com graciosos voos rasantes.

O casarão estava imponente na luz mortiça. Pintada à meia boca, não havia dinheiro pra necessária restauração. A casa tinha um aspecto fantasmagórico em seus mais de 100 anos. Dizem que no casarão, o coronel Macedo recebeu D. Pedro II e comitiva, na visita do Imperador ao Paraná. Propriedade, à época, de Lourdes e Luiz Valente. A “casa grande” como elas a chamavam, era protagonista – talvez porque no imenso quintal estava o túmulo da família Macedo – de algumas das muitas arrepiantes histórias de assombração que os capelistas adoram contar e ouvir, ainda mais deliciados se a noite for de tempestade ou de lua cheia.

Subiram a escada. Na varanda da entrada deram de frente – empinada qual rainha – com uma aranha negra gigantesca (na verdade não era assim tão grande, mas de

qualquer modo assustadora). A moça paralisada gritou à amiga: mate essa aranha, ela vai entrar na casa. Depois de umas cinco tentativas – o bicho era mestre em esgueirar-se – o alvo foi atingido. Da massa aplastada – pra espanto das duas – começaram a sair, com muita pressa, um sem número de pontos negros que se espalhavam em todas as direções. Aturdida e num ataque de completa imbecilidade a moça perguntou: o que é isso, são formigas? A amiga, paciente, explicou: “não são formigas, são aranhinhas. A bicha estava prenha e pronta pra parir”. Olharam-se estupefatas, embaladas pelo primeiro golpe assassino, sapatearam sobre os pingos negros. Liquidados os mais lentos – os outros desapareceram – elas foram pra porta.

Próximo ao degrau viram o que acharam ser a aranha macho. Armado, imenso, negro. A moça, arrepiada, gritou: é o marido, o pai das crianças e agora? Decidiram que ele também devia morrer. A moça pensou: vai entrar na casa e proceder implacável vingança. A amiga saltou sobre o infeliz personagem.

Terminado o massacre, aberta a porta, a moça suando em bicas sentou no sofá da sala, não sem antes inspecioná-lo. Muitos bichos de variados tipos e tamanhos frequentavam o casarão. Acendeu um cigarro. Tremia tanto que o pito caiu no chão. Pegou o cigarro e seguiu fumando, como se aquele fosse o último de sua vida.

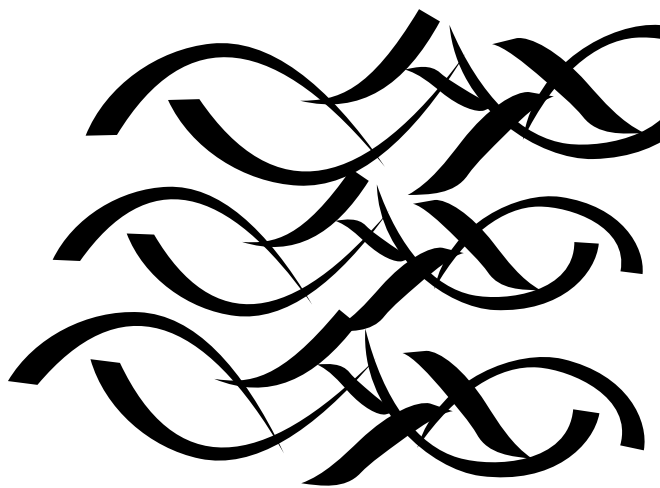
Rememorando a cena, a moça se deu conta que elas tinham assassinado uma família. Que tinham trucidado a mãe na hora do parto, os recém-nascidos, o pai impotente, testemunha ocular e auditiva da brutal violência.

A moça, super abatida, constatou quanto o ser humano é predador. Percebeu – reduzida a pó de bosta – que a lei da selva impera sempre. Com voz sumida discorreu sobre o tema à amiga. A outra, prática, simplificou o enredo

da ópera: “você sabe que esta casa é um zoológico. Matamos as aranhas porque são venenosas, é só”.

Cansada de tudo aquilo foi pro quarto. A moça ficou ali mais um tempo com cara de ostra, de criminosa confessa, sem perdão. Na cama, cheia de culpa, consumida pelo remorso, torturava-se com mil pensamentos. Tentou ler, andou pelo quarto, fumou à bessa, roeu todas as unhas, olhou a noite através da vidraça. Teve vontade de tomar um whisky, mas não se atreveu a sair do quarto. Tinha medo de fantasmas e naquele momento o medo instalara-se com força letal. Dormiu quando o sol já batia na janela.

Muitos anos passaram. A vida mudou, como sempre. As coisas boas e más acontecidas na época, estão quase esquecidas. Aquela noite entretanto – pra moça – é presente. O filme, o papo com os amigos, o pão “bundinha” crocante com manteiga, a dança das folhas nas árvores, a Igreja Matriz, o ranger das rodas da bicicleta saltitando nas pedras do calçamento, o penetrante perfume do mar, a lua branca linda, o tango dilacerante, o jipe, o espetáculo dos grilos, vagalumes e morcegos. A casa projetada na luz amarelada, as aranhas negras, o quadro do extermínio, a dolorosa impossibilidade de reverter o fato consumado.



ALGUMA COISA SOBRE EVA

O espectro de Eva traçou pra mulher, desde o começo, uma estrada penosa a ser percorrida. Pés descalços pisando pedras pontiagudas. Corpos roçando ramos cobertos de espinhos.

Conforme o relatado, depois de criado o Universo, o Senhor decidiu fazer neste pequeno, insignificante e belo planeta, o Jardim do Éden. Inventou maravilhas de todas as espécies. Inclusive, esculpiu no barro, um ser à sua imagem e semelhança, Adão.

À criatura errante, sem ter com quem conversar, com cara de ostra, gemendo, Deus perguntou: “por que gemes, Adão? Não estás satisfeito com o Paraíso?” O homem respondeu: “eu qué gemê, meu Criador. “Gemê”, alivia este tédio pérfuro-cortante e contundente”.

A gemeção inspirou no Plus Ultra irritada piedade. Posto em sono profundo porque no seco, sem anestesia, o “bicho véio” não aguentaria a cirurgia, o Misericordioso extraiu de suas costelas, Eva.

A mulher, um ser secundário, entra em cena escalada pra ser a provocadora da tragédia. Pro papel de vilã.

O homem escreveu que por ser fraca, curiosa, Eva se deu à sedução da serpente e comeu o fruto proibido. Que por ser insidiosa levou Adão ao fruto, portanto, ao pecado, à culpa.

A serpente, irresistivelmente, sibilou à Eva: “minha “senhõra”, aceite esta maçã. Veja como é linda! Está deliciosa!” Catapum!!! A cabeça abriu. Adeus às ilusões.

Adão deixou-se levar também na conversa da víbora que, como todas as víboras, não brinca em serviço. São competentíssimas na execução de suas tarefas.

Comeram a maçã. Viram o Paraíso perdido. As dores. Os medos. A necessidade de escolher. De ir à luta. A condição humana. A imortalidade.

Adão, interpelado por Deus, entregou: “foi ela quem me deu o fruto. Insistiu pra que eu o comesse. Eva é a culpada!!!”

O cagão quis tirar o loló da seringa. Não funcionou. Foram expulsos do bem bom e o anjo, de corpo presente, com terrível espada de fogo, plantado na porta do Paraíso, não deu pelota pros pedidos de perdão, pra alegação: “fomos enganados pela serpente, por favor, dê-nos uma segunda chance etc, etc...” Nada feito. O anjo, já de saco cheio, disse tonitruando: não me venham de burzeguins ao leito. Foooooooooraaa!!!

O que tinha sido dado de graça, daquele momento em diante, só com muito suor. E olhe lá!!! Começou aí a brilhante performance da humanidade. Transgressões sem peito, sem bolas pra aguentar as consequências. Uns empurrando pros outros suas próprias pisadas na jaca.

A Árvore da Vida era vedada aos dois. O fruto, o conhecimento, estava proibido. A alienação naquela fase estava na ordem do dia. A nudez passou a ser vergonhosa. O modelito da ocasião era folha de parreira, com aquele verde gritante.

Os escribas marcaram a carne e a alma da mulher com ferro em brasa. Responsável pela punição, cabe-lhe a humilhação, a subserviência. Simples receptáculo do sêmen. Simples fêmea reprodutora. Simples orifício à penetração, pro prazer do homem.

Vejam que a desqualificação da mulher, destaca-se também na Mitologia Grega. A mando de Zeus, Hefesto o deus das forjas, o ourives olímpico, modela e dá vida à Pandora.

Belíssima, era um ardiloso presente do Tonante aos homens. Hermes, o mensageiro dos deuses, levou-a pra Epimeteu. Seu irmão Prometeu, o que amava os mortais, já o havia alertado pra que não aceitasse nenhum presente de Zeus. Seria roubada na certa.

Epimeteu, arrebatado por tanta beleza, esqueceu o

conselho e recebeu-a absolutamente encantado.

Pandora veio ao mundo trazendo uma jarra. Mimo de núpcias do deus dos deuses, ao casal. “Não abram esta jarra.” A ordem era expressa.

Outra vez, o narrador fez imperar mórbida curiosidade à mulher, como se tal comportamento não marcasse, igualmente, a personalidade masculina.

Pandora, querendo saber o que havia na jarra, abriu a tampa. Como tornados incontroláveis, saíram todos os infortúnios que iriam atormentar o mundo.

Dando-se conta da mancada fechou a tampa da jarra, onde ficou tão somente a Esperança.

Pobre Pandora. Pobres mulheres, sempre presas em armadilhas.

Com o passar do tempo, por força do poder masculino, velhos e novos preceitos culturais determinaram à mulher não ter vontade, não ter voz, limitar-se aos seus deveres da casa. Agrilhoada a um cotidiano de desalentos. Sem alma, sem vida própria e cheia de filhos.

Na sua caminhada, ainda impedida de qualquer tomada de posição e muito menos de confronto, a mulher teve que desenvolver sua percepção, sua força, em silêncio, no caldo da astúcia.

Haveria de ser assim pra sempre? A culpada? A sem direitos? Se o espectro de Eva forçou a mulher ao nada, a energia de Lillith, rompendo e sacudindo o céu e a Terra, descortinou uma nova estrada.

Lillith? Quem foi, quem é Lillith?

Seu nome foi escondido. Conhecê-la, mesmo nos dias que correm, é privilégio de poucas. Muito conveniente pros interesses do homem.

Sob a inspiração de Lillith, muitas deixaram de simplesmente estar. Quiseram o conhecimento. Deram o primeiro passo em direção à vida.

Cautelosa ainda, pelo peso do espectro atador,

começou a agir nos bastidores. A ação da mulher, movida por seu tino pra todas as coisas, provocou mudanças – pro bem ou pro mal – no enredo da História.

Muitas, formidáveis no jogo da sedução, dirigiram os atores em seus desempenhos. Outras, tomaram pra si o papel de protagonistas. Não importando o final de suas trajetórias, fixaram seus nomes e seus feitos na memória da humanidade. Mulheres determinadas a enfrentar o perigoso jogo do viver.

Seguiram e seguem na escalada. Sucessos? Fracassos? Lições a aprender, sempre.

A mulher coadjuvante, figurante à imagem e semelhança de Eva. A mulher protagonista à imagem e semelhança de Lillith.

QUEM FOI, QUEM É LILLITH?

A maioria dos que habitam neste planeta não sabe quem foi, quem é Lillith. Apesar da ignorância de muitos, Lillith existiu – sim.

Após a criação do Éden, o Senhor do Universo achou por bem criar seres à sua imagem e semelhança, com algumas diferenças físicas bem acentuadas pra que, além de curtirem dos inúmeros e diversos encantos do ambiente, pudessem desfrutar um do outro.

Lillith e Adão foram criados ao mesmo tempo e da mesma matriz: o sopro divino.

Adão, deslumbrado, sentiu-se o senhor absoluto de tudo. Queria Lillith à disposição pra servir em todas as suas vontades, o recente rei da cocada preta, da branca e da cor-de-rosa.

Lillith, mulher de excepcional inteligência, de visão aberta, sabia que o Jardim era pra ser usufruído pelos dois, no mesmo plano e do mesmo modo. Os apêndices colgantes do macho não eram razão pra que fosse diminuída. Os dois estavam no Paraíso pra serem felizes.

As atitudes de Adão não agradaram nem um pouco àquela mulher, que não estava a fim de se deixar fazer de trouxa.

Adão resolveu afirmar-se como o cacique da tribo “Eu mando!” “Eu sei!” “Já falei!” “É agora!” “Cale a boca!”

Como não podia deixar de ser, Lillith reagiu à tentativa de submissão. A relação do casal logo logo deu em caca.

Aquele estupendo visual à volta e – que pena! – estava ali aquele Adão grosso, prepotente, insensível, anta asteca, o bobão.

Já de cara, o homem não respeitou a mulher.

Tudo era aceitável, menos ter que suportar – justo no Éden – aquela vida. Lillith quis existir, livremente, no Universo.

Conhecia os nomes e títulos do Plus Ultra: El, Javé, Jeová, Adonai, Deus, etc.. “Grande Espírito”. “Todo-Poderoso”. “Criador do Universo”. “Pai Misericordioso”. “Pai Amantíssimo”, etc... Conhecia, inclusive, aquele nome que ninguém sabe e que jamais saberá. Invocou o Supremo pelo seu nome super, hiper, mega e ultra secreto, expondo suas razões.

A argumentação convenceu o Criador, que a autorizou a dar o fora. Sem mais delongas, olho no olho disse a Adão: “até nunca mais gaiteiro” e pirulitou-se do recinto.

Alguns pretensos iniciados e outros de língua ferina, dizem que Lillith transformou-se em “ente demoníaco”, uma sugadora de almas, cujo maior propósito seria atçar os homens aos desejos sexuais. Bobagem!!!

Sem o ato sexual, sem o encontro do espermatozóide com o óvulo, não estaríamos neste planeta. As podridões da humanidade são coisas de cada um. Dizem que os “anjos caídos” andam por aí, mas nós temos capacidade de raciocínio.

Eva, fabricada de um pedaço do homem já veio “sifo”, como diz o “companheiro” Lula. Uma situação bastante confortável pra Adão, e pros zilhões de homens que ainda iriam comparecer neste espaço.

Pobre Eva, conforme o desejo do narrador provocou pra si mesma e pra todas as mulheres que nasceriam, uma péssima reputação. Entre outras coisas, como se diz na Itália: “todas as mulheres são putas, só mamãe é santa”.

Os escrevinhadores de plantão, já no início dos tempos, certamente pra que não houvessem seguidoras, acharam mais conveniente deixar pra lá o episódio Lillith. Pra todos os efeitos ela não existiu.

Assim como a merda flota, a verdade sempre vem à tona. É do estatuto da natureza.

O nome de Lillith começa a ser sucesso de público e crítica, porque pensou com firmeza e mandou ver. Lillith

queria o conhecimento e foi à luta. Com certeza, Deus orgulhoso de sua obra, aplaudiu em pé e com voz tonitruante: “bravo!!!” “Dá-lhe poderosa!!!” “Essa É A Criatura!!!”

Lillith e Eva. Dois momentos. Dois posicionamentos.

Pra podermos ser, temos que tratar de saber viver. Senso crítico pra analisar os fatos. Atitude pra tomar decisões. Enfrentar os problemas e resolvê-los como ela, a primeira mulher deste mundo.

Por isso pro Prêmio Nobel, pro Oscar, pro Troféu Galha Azul e pra quaisquer outros prêmios havidos e por haver, meu voto – nominal e aberto – será sempre à fabulosa Lillith.

Imensa pena dona Eva, volte outro dia. Hoje, a lotação está esgotada.

NÓS, EM MARIA ROSA

Que dia pesado foi hoje! Que dias pesados são todos os dias!

Oito horas de trabalho de segunda a sexta-feira, ano após ano. Ambiente cheio de mutretas, pessoas mesquinhas, corrosivas, de ambição desmedida.

O dono da empresa está miliardário. No fim do mês, conto as notas e vejo como é aviltante o que nos paga.

O triste é que neste país, gente sem “padrinho” não tem muita chance de conseguir trabalho e nele crescer por merecimento.

Estou nesse serviço há anos. Salvo as honrosas exceções, tenho que assistir o desfile dos bajuladores, dos incompetentes metidos a gênio, dos que não têm o menor sentido de ética, dos hipócritas e invejosos que adoram quando um colega pisa na jaca. Quando alguém cai, babam de satisfação pelo fato em si. Babam, porque acham que essa vai ser a oportunidade à sua ascensão funcional, tendo ou não capacidade pro trabalho a ser realizado.

Os chefes, muitos deles, sem qualquer preparo. Deslumbrados com o poder, acham-se como a rainha da Inglaterra, só sairão do Trono após a morte. Nessa visão de eternidade, manipulam pessoas, ordenam barbaridades e idiotices, privilegiam, perseguem, agridem, humilham, desqualificam, desrespeitam. Geralmente, não gostam de assessoria responsável. Preferem ao seu lado os omissos, os capachos que instigam sua vaidade. Que os ajudam, no frigidar dos ovos, a cair do camelo. Gente que quando o chefe não é mais chefe contam, pra quem quiser ouvir, os podres pessoais e profissionais do ex-“Tonante”, apunhalando-o pelas costas.

O mundo foi e é feito desse quadro sórdido e as pessoas não aprendem.

Não sei porque suporto tudo isso. Devia chutar o pau dessa barraca.

Tenho medo de confessar a mim mesma e aos outros – nem sob tortura – que não saio desse emprego porque sou covarde, acomodada. Tenho pavor de me lançar à procura de coisas novas, quaisquer que elas sejam. Tenho medo do fracasso.

Aliás, minha vida inteira tem sido assim. Acomodação. Medo.

Fui, quando pequena, o que se chamava “uma boa menina”. Filha única. Notas altas no colégio, elogios dos professores. Os amiguinhos aprovados por mamãe. A queridinha dos padrinhos. A preferida dos tios e primos. Um amor de criatura.

Em casa, nunca pude fazer o que era do meu gosto. Pras minhas ideias e pedidos havia sempre um impedimento: “agora não dá, não tenho tempo”. “Seu pai está sem dinheiro”. “Logo agora, Maria Rosa, não vê que o papai está lendo o jornal?”.

Aos 17 anos arranjei um namorado “firme”. Todos os passos sob controle. O bonitinho era cheio de salamaleques. Como todos pensavam que o rapaz teria um futuro promissor, o casamento foi marcado quando eu fiz 19 anos. Apesar das inúmeras investidas, casei virgem.

O herói do bairro revelou-se um desastre.

Decepcionada, sentindo-me traída pelas promessas não cumpridas, comecei a esticar minhas garras.

Revidava na camuflagem. Afinal, era “uma boa menina”.

Não tivemos filhos, a separação foi facilitada. Como a figura não trabalhava, não recebi nada pelos anos de perdas e danos ao seu lado.

Já exausta daquele modo de vida que a sociedade recomenda “é preciso manter as aparências”, voltei a morar com meus pais.

À noite, andava pela casa como uma sundara. Não deu certo!

Após muita batalha, consegui emprego. Fui morar com uma amiga, também divorciada do marido. Ansiosa pra encontrar novos amores, ela não perdia noitadas. Em algumas delas, eu a acompanhei. A disputa pelos homens solteiros, ou não, era deprimente. Desisti da caça ao pênis e achei mais confortável esperar que meu “príncipe encantado” caísse na sala, de paraquedas. É claro que não caiu coisa nenhuma e muito menos com gente dentro.

Passei um período de cão. O amargor instalou-se em minha vida. Um dia me surpreendi interessada por um colega solteiro, do escritório. O cara não me dava a mínima pelota.

Em casa, diante do espelho, perguntei: que raio de mulher é você, que não chama a atenção de um homem que preste? Por que não consegue fazer-se amar, como todo mundo? O espelho não abriu a boca.

As artes sempre foram meu refúgio, a única coisa positiva em minha vida. Livros, teatro, dança, ópera, circo, cinema, música, exposições.

Vivia esperando. Agir, jamais! Tinha medo das consequências. Medo da dor que consome até a capacidade de raciocínio. Por segurança, preferi deixar as coisas como estavam.

Ocorre que em um ano casei com o tal colega. É um bom homem, trabalhador, caseiro, gentil. Não é nenhuma maravilha asiática. Não estou com os 4 pneus arriados por ele, em absoluto. Sei que sem paixão o coração não acelera, as cordas não vibram em melodias imortais. Uma vida linear, sem trancos nem barrancos. Com pequenas alegrias pode-se levar o barco. Pela amizade que tenho com minhas cunhadas, valeu o casamento.

Tivemos um filho. Uma gracinha de criança! Hoje está tihoso, cheio de vontades impostas aos gritos e sapateios. Nosso amado pimpolho é intolerável. A culpa é nossa, eu sei.

Repetimos os erros de nossos pais e acrescentamos outros que o cotidiano nos leva a cometer.

Meu marido vai chegar tarde esta noite. Justificou que precisa ficar no escritório. Os diretores convocaram reunião fora do horário de expediente. Que seja! Momento propício pra conversar com meu espelho. Faz tempo que não o procuro.

Deparo-me com uma mulher de 37 anos, segundo dizem, no auge da vida, de seus encantos. Que encantos terei eu que não os vejo? Se os tive, foram consumidos pelo tédio da minha vida. Continuo com a boca amarga, o rosto travado. Penso, analiso, mas não sei escolher o que é melhor pra mim.

Que destino este que me coube! O de ser uma criatura amorfa.

Não sou feliz porque levo uma vida estúpida, também, porque não movo um dedo diante do mundo que se desmorona à minha volta. Estou aqui estática, presa em toneladas de granito. Minha voz não é ouvida porque em vez de falar, sussurro. Sempre o medo de desagradar aos outros. O medo de ser inoportuna, inconveniente. Sempre o pavor de dizer alguma besteira, de ferir suscetibilidades. O medo do ridículo, o medo da crítica impiedosa.

Omito-me quando deveria opinar e lutar pelo que acredito. Fecho os olhos, os ouvidos e a boca. Pareço e sou conivente com a sordidez, generalizada.

Maria Rosa, uma existência que passa – que eu deixo passar – sem imprimir marcas, boas ou más. Vivo no lado morno da vida, o mais execrável de todos.

O pior de tudo é que tenho consciência disso, o que me machuca como um corte de navalha.

Diante da minha agonia o espelho, desta vez, me deu respostas.

Disse suavemente: essa menina, a sua angústia está na sua passividade. O raciocínio lúcido, a ação, destroem o medo. Fortalecem. Saboreie as doçuras do amor, da paixão,

da amizade. Jogue fora seus azedumes. Respeite-se e faça-se respeitar. Entregue-se à vida. Seja dedicada e ética no seu trabalho, cada um colherá o que plantar. Você não é obrigada a agradar gregos e troianos. Trate de saber a quem dar afeto, em quem confiar. Não fale sobre o que não sabe das pessoas. Por sua vontade pode dar-se ainda bons momentos. Passos firmes. Se cair, levante depressa. Abra a cabeça e a alma. Destranque o rosto, sorria, ria, gargalhe. O corpo e o espírito reagem bem à alegria. Aprecate-se mulher, vá à batalha. Nada vem de graça. As armas você as descobrirá, aprenderá a usá-las em seu favor, em benefício de seu filho, de muita gente. Vá gurria! Abra as portas pro mundo.

O espelho acrescentou: você é uma pessoa encantadora, Maria Rosa, mas preciso retirar-me. Olhou carinhosamente pra mim, me deu uma bicotinha e devagar esfumou.

Eu sei que sou idiota, mas sei também que não sou completamente idiota. Refleti a noite inteira sobre o que ouvi e tomei a decisão. Juro por mim mesma que ninguém mais sufocará meus sonhos.

Chegou a minha vez de viver!

HATSHEPSUT

Meu sobrinho Tutmósis exige o poder! Quer a dupla coroa e pra tanto arquiteta minha morte.

Aqui, na varanda dos meus aposentos, sozinha, posso verbalizar meus pensamentos. Nesta hora em que Rá desliza para a margem oeste do Nilo e Nut, a deusa da noite, se prepara para tomar o céu com seu manto negro, bordado em prata.

Como correm rápidas as águas do rio em direção ao mar. A força da correnteza é tão formidável que nada pode deter-se nessas águas. Nem minha vida.

Vinte anos de reinado. Passaram como passam as águas do Nilo. Ainda que queiramos, nada nem ninguém detém o tempo, nem o faraó do Egito, o ser mais poderoso do mundo, o filho dileto dos deuses.

Sou Hatshepsut. Neste mundo exclusivo dos homens, a única mulher faraó do Egito. A única mulher a usar a dupla coroa, a vermelha do Norte e a branca das terras do Sul. A única mulher a usar o peitoral. O cajado. Os bastões. A barba postiça trançada com a qual todos os faraós, meus antecessores, adornaram-se. A portar nas coroas, Uraeus, a serpente sagrada e o abutre, símbolos do poder.

Convicta da minha capacidade para governar, não podia contentar-me em ser só a grande esposa real de Tutmósis II. Filha do faraó, o primeiro Tutmósis – o “Poderoso Touro de Maât; o “Amado de Hórus” – meu pai percebeu, desde minha adolescência, que eu queria mais, que eu poderia muito mais e que um dia haveria de reinar. Meu pai, o “Ser Singular”, sabia que eu, na ocasião oportuna, lutaria pelo trono mesmo que isso significasse romper, por completo, a tradição milenar da sucessão masculina. Sempre o homem no poder.

Com a morte de Tutmósis II, meu meio-irmão, meu

marido, estava ali a oportunidade. Não a perdi. Muito pelo contrário.

Tutmósis, o que seria o III, o sucessor natural das duas terras, filho de uma das esposas secundárias de meu irmão, era ainda criança. Não vi sentido na sua coroação ficando eu na regência. O menino poderia esperar sua vez. Seria faraó depois da minha morte. Seu destino cuidaria disso.

Por que não haveria de afastá-lo da sucessão? A criança era incapaz para governar, para realizar grandes feitos. Seria manipulada pelo tutor, pelos conselheiros da corte, e o que seria muito pior, manipulada pelo tirânico e ambicioso clero de Amon, o deus que reina absoluto nos templos de Luxor e Karnak.

A situação mostrou-me a direção a seguir. Não iria encolher-me. Tinha que me mobilizar. Que abrir minha passagem para o presente e para o futuro.

Hoje, mais do que nunca, vejo que meu reinado, que as obras que realizei, que todos os benefícios que ofereci ao Egito, são provas vivas que fiz exatamente o que tinha que ser feito. Confiar na minha capacidade e lutar pelo trono.

Pela minha vontade férrea, pela minha visão como governante, a 18ª dinastia faraônica será citada para sempre, como uma das eras de ouro destas terras. Sou uma das construtoras desta civilização incomparável.

Quando fui em visita ao Reino do Ponto, trouxe incontáveis riquezas, principalmente ouro – a carne incorruptível dos deuses – e, entre outras maravilhas, árvores de incenso, mirra, perfumes dos rituais, aromas prazerosos aos deuses. Em paz, fiz o Egito poderoso, invejado, coberto de glórias.

Hatshepsut, a “Favorita das Deusas”. A que se mostrou tão ou mais capaz que qualquer homem. A mulher que provou que é possível lançar-se – sem medo – à concretização de seus anseios.

Neste mundo dominado pela força masculina, fui

obrigada a usar de artimanhas para poder mostrar meu valor. Uma farsa foi planejada envolvendo a rainha Ahmes, minha mãe. Meu nascimento, fruto da fecundação – da semente sagrada – pelo deus Amon, no ventre da grande esposa real de Tutmosis I. Sendo filha da rainha e do deus incontestado, eu estava em condições plenas – mesmo sendo mulher – para suceder o faraó.

Com esta farsa o trono me foi garantido. Passei a ser o “Príncipe da Coroa”. Conhecendo a natureza humana, foi preciso proceder dessa maneira. As pessoas ambiciosas engolem o engodo para sentirem-se à vontade, na hora de fazer seu jogo de interesses. Reconheço que é um escárnio as coisas acontecerem desse modo. O que importa são as conveniências do momento. Para muitos, é melhor que o trono seja ocupado por alguém que possa ser facilmente manipulado. Por alguém de quem se possa sugar até a alma.

Tendo que conviver com essa gente para chegar ao poder e para exercê-lo, fui obrigada a derramar sangue; a tomar decisões radicais. Isso pouco me importa, o meu objetivo foi alcançado. O Egito resplandece e eu sou o Egito.

Para chegar aonde cheguei e realizar o que pretendia, descumpri as sagradas regras de Maât, a deusa da Verdade e da Justiça. Sei que quando estiver diante de Osires, o deus dos mortos e de seus juizes, diante de Hórus, o poderoso deus com cabeça de falcão, de Anubis, o deus com cabeça de chacal que preside os rituais da mumificação, terei que prestar contas. Minha alma, meu coração – representados pelo escaravelho que levarei no peito – serão pesados na balança da Justiça. Maât estará presente. A pena branca da deusa será a medida para minhas ações. Não há como escapar desse dia. Hamit, o “devorador”, aguardará o movimento da balança. Será a vida para sempre ou a aniquilação. Essa hora está próxima.

Hoje, porém, sentindo a fragrância das flores, ouvindo o murmúrio das águas do Nilo levadas por Hapi, o

deus desse rio incomparável, sob o estuendo manto de Nut, posso regozijar-me porque meu triunfo foi completo. Minha presença marcou as duas terras, como na batalha contra a invasão dos núbios, quando comandi o exército. Jovem ainda, lutei ao lado de meus guerreiros e venci.

Em tudo mostrei minha coragem. Fiz jus ao título de “Poderoso Ser”, de “Filha do Mais Sagrado de Todos os Deuses”.

A ingenuidade não é um dos meus defeitos. Meu sobrinho está sendo implacável, como eu fui. Com minha morte, os perdedores, os que não tiveram coragem de me enfrentar face a face, os que tiveram seus interesses contrariados, vão agir. Vão insuflar Tutmósis à vingança. O magma desse ódio contido escorrerá com rapidez e violência. Não haverá ninguém para impedi-los.

Sei, entretanto, que as manobras que farão para destruir meu reinado, não durarão para sempre. Depois da vingança, seja qual for e dure o quanto durar, o cartucho com meu nome, minha imagem, meus obeliscos, os monumentos e templos que construí, ressurgirão com força total. O mundo saberá quem foi Hatshepsut.

Nesses anos de reinado somente um fato sufocou meu espírito. O afastamento de Senmut, meu arquiteto; meu conselheiro, meu amor, meu amante. Senmut, com seus grandes olhos negros. Sua boca, que eu ainda sinto em minha pele. Senmut, com aquela voz e aquelas mãos que me traziam paz à alma e incendiavam meu corpo.

Para manter a minha autoridade como faraó – e sendo mulher – nem a Senmut pude poupar. Quando quis ultrapassar seus limites; imortalizar seu nome e sua imagem – privilégio da soberana – nem a ele foi permitido querer igualar-me. Era meu homem, sim, mas não meu senhor.

Nem no amor eu poderia mostrar-me frágil. Nem por amor eu poderia expor-me ao desrespeito de quem quer que fosse. Não eu, não Hatshepsut, a “Divina dos Diademas”.

Obriguei-me a exilá-lo. Uma parte de mim partiu nas águas revoltas do Nilo.

Quando admiro meu templo funerário – Deir el-Bahari “O Sublime do Sublime” – a obra-prima de Senmut como arquiteto, dele fica impregnado meu pensamento. Agora, o que não esqueço nunca, é que sou o faraó do Egito. A mulher que tomou o poder e soube usá-lo com brilhantismo, até o fim.

Nascimento. Farsas. Poder. Sangue. Esplendor. Traição. Solidão. Morte. Destruição. Esquecimento. Ressurreição. Eternidade.

A BÍBLICA JEZEBEL

JEZEBEL: Princesa da mais alta nobreza fenícia, filha do rei Etbaal de Tiro, foi prometida em casamento a Acab, o rei de Israel. Como todos, entre os reinos, um acordo comercial e político que garantiria paz e bons negócios às duas terras. O acordo resultou numa união proveitosa.

O rei é gentil, cobre-me de joias e honrarias, ouve meus conselhos, dá-me total liberdade para que continue a viver segundo os costumes fenícios, permitindo-me cultuar meus deuses, Baal e sua esposa Aserá.

Israel tem estranhos e austeros costumes, seus rituais religiosos são em honra de um único deus.

Proliferam profetas nesta terra com pregações que pretendem interferir nas ações dos governantes e manter o povo em constante terror. Esses profetas fazem previsões de grandes catástrofes. Ameaçam com chamas eternas àqueles que não obedecem as leis de um homem chamado Moisés.

Um deles, Elias, é de audácia insuportável. Por minha vontade esse homem já teria sido, no mínimo, expulso deste reino embaixo de açoites.

NARRAÇÃO: Acab é um rei rico e poderoso, considerando-se as terras férteis da Samaria.

Jezebel, a rainha, é mulher de forte personalidade. Não estava habituada a ser contrariada. Exercia preponderante influência sobre o marido.

Apesar do severo código religioso que Acab estava obrigado a cumprir – servir, conforme os mandamentos, ao Deus único dos israelenses – deixou que Jezebel não só cultuasse seus deuses, como mandou construir suntuoso templo à adoração de Baal e Aserá, com cerimônias conduzidas por um sem número de sacerdotes vindos de Tiro a mando da rainha.

As cerimônias escandalizavam o povo e Elias. O

profeta manifestava-se clara e abertamente nos lugares públicos contra esse culto. Responsabilizava o rei por sua fraqueza e a rainha por não respeitar a Deus, aos costumes do país.

Elias admoestava Acab e acusava Jezebel de idólatra, de promotora de orgias, estimulando descarada prostituição nos rituais feitos no templo. Elias a acusava e a seus sacerdotes de assassinos, pelos sacrifícios humanos oferecidos para o deleite da perversidade daqueles deuses.

JEZEBEL: Elias, essa criatura desvairada, ousa criticar e ameaçar Acab. Ousa dirigir a mim, a rainha, os piores insultos. Baal e Aserá estão sempre prontos a receber nossas oferendas e nos retribuem com inúmeros favores. O sexo, fazendo parte intrínseca da vida é, além de tudo, um dos maiores prazeres para os humanos e para os deuses. Nossos rituais os louvam também, dessa maneira, provocando o frenesi da paixão e o êxtase do orgasmo. Onde está o escândalo? O crime no prazer desejado, consentido e compartilhado? Um homem tacanho como esse Elias não tem alcance mental para compreender nossas práticas religiosas.

Não vim da Fenícia à esta terra para receber injúrias e ordens de um andarilho qualquer que diz falar em nome de seu deus. Um deus obscuro de quem ninguém conhece o nome nem a cara que tem. A esse deus não dou a menor importância.

O que me preocupa é que essa falação interminável de Elias junto ao povo, faça um dia Acab perder a coroa. Tenho que tomar urgentes e enérgicas providências. Ao rei tudo é permitido. Estou farta desse cacarejar e não vou mais admitir essas afrontas. Para Elias será o cárcere ou a morte. Esse é meu veredicto. Será cumprido.

NARRAÇÃO: Elias, sabendo das intenções da rainha saiu de Samaria. Jezebel, enfurecida, mandou promover caça implacável a todos os profetas da região para matá-los.

Quando Elias soube da chacina, orientado pelo Senhor, voltou. Sabendo que suas palavras eram as palavras do Deus de Israel, procurou o rei para dizer-lhe que a punição divina estava para ser executada. Disse Elias que não cairia uma gota d'água na região, se Acab não voltasse seu coração para o Deus único.

Acab, insuflado por Jezebel, ignorou as palavras do profeta. Deus cumpriu a punição prometida. Sem chuva, não houve plantio nem colheita. Por muito tempo, houve fome e enfermidades em todo o reino. O povo cobrava tal flagelo do rei.

JEZEBEL: Velho louco! Elias não conhece a força de meus deuses. Faremos mais oferendas e sacrifícios que trarão chuva em abundância. Elias terá que calar a boca de uma vez por todas. Suprema ousadia, propôs um confronto entre seu deus e Baal. Uma disputa onde se provará os poderes de um e de outro. Como eu odeio esse homem! Quisera vê-lo devorado por cães.

NARRAÇÃO: Combinado o dia e a hora para o confronto, o Deus de Israel mostrou, em plenitude, seu poder. Os sacerdotes de Baal ficaram em completo descrédito. Elias incitou o povo a destruí-los. Procurados aonde estivessem escondidos, foram executados. Consumida pelo ódio a Elias, Jezebel dá mais um passo em direção à crueldade absoluta.

Acab quer as terras, as vinhas de Nabot. Este não pretende vender suas terras, as terras de seus antepassados. A rainha prepara, então, uma armadilha para que o rei possa tomar o que ambiciona.

JEZEBEL: Com a conivência de importantes moradores de Samaria, organizei um banquete para o qual Nabot foi convidado. O imbecil compareceu, sentindo-se honrado com a deferência do rei. Os presentes testemunharam que, durante o jantar, Nabot criticou nossos deuses. A pena para esse crime é apedrejamento até a morte.

Os juízes, para nos agradar, selaram a sentença.

Para que não houvesse qualquer contestação sobre as terras e as vinhas, ordenei que a família de Nabot fosse dizimada.

NARRAÇÃO: “Usurpas e agora matas?”, disse Elias para o rei. Teus pecados Acab, são abomináveis aos olhos do Senhor.

Os descomedimento, os crimes de Jezebel e Acab foram tantos que o reino, enfraquecido, começou a se defrontar com guerras.

JEZEBEL: Acab será sempre o detentor da vitória. Nosso destino, disseram os oráculos, é de longa vida, poder, ouro e glórias. Acreditando em meus deuses, continuarei a mostrar a esse profeta que nós, os reis, fazemos o que decidimos fazer sem ter que dar satisfações a ninguém. Não há nada a temer. Muito menos as magias e as pregações de Elias. “Minhas palavras são ditadas pelo Senhor de Israel”, diz o velho. Veremos!

NARRAÇÃO: O tempo passou e os acontecimentos demonstraram que as mudanças em Samaria foram fatais. Na última guerra contra a Síria – quando Acab deu mostras de mais extrema covardia – o rei foi morto.

O reino entrou em profunda conturbação. A luta desenfreada pelo poder era interna e externa. Havia chegado o momento de Jezebel enfrentar seus verdadeiros inimigos.

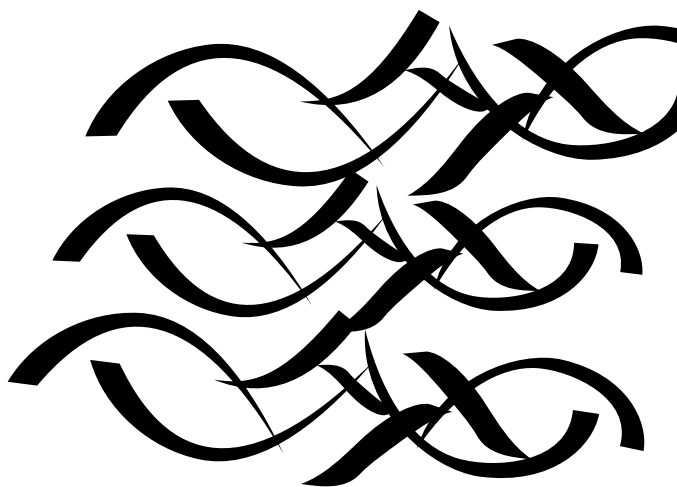
JEZEBEL: Eu sei que logo virão para matar-me. Vou mostrar-lhes, mais uma vez, quem é Jezebel. Banho-me em águas perfumadas. Visto meu mais belo vestido. Coloco meus valiosos adornos. Maquio-me como se fosse receber a mais importante embaixada real. Assim, como a rainha que sou, espero por meus carrascos. Vou até a janela de meus aposentos e aprecio – pela última vez – as terras da Samaria. Eles chegam. Abrem a porta com violência. Diante da minha presença param. Eu não saio da janela. Não lhes dirijo a palavra, apenas um leve e irônico sorriso que demonstrará

que não me atemorizo com nada, nem mesmo diante da morte. Um dos homens dá a ordem. Começam a caminhar na minha direção. Ainda sorrindo penso, só por mera curiosidade, usarão espada, as mãos?

NARRAÇÃO: Os homens a jogaram pela janela. A rainha não reagiu, não chorou, não pediu clemência. No mármore do pátio seu crânio esfacelou-se. O sangue começou a escorrer. Jezebel não viu Elias ser devorado por cães como era seu desejo, mas os que assistiram a execução da soberana viram – alguns voltando o rosto enojados – cães despedaçarem seu corpo.

Elias, o profeta, cumprida sua missão, dirigiu-se a Jericó. Daquela cidade foi levado aos céus, numa biga puxada por cavalos em labaredas.

O encontro com o Deus único, o Onipotente, o Onisciente, o Onipresente Senhor de Israel. O Deus que respondeu a Moisés no Monte Sinai, quando o mesmo perguntou seu nome: “EU SOU AQUELE QUE SOU”.



A PORTA

Nós mortais, em qualquer tempo, podemos nos deparar com essa Porta.

Diante dela, sem saber com nitidez qual o caminho que até ali nos levou, vemos que é imensa. Abre-se rápida e silenciosa.

Concluída essa operação, sem aviso, somos tragados pro nada.

Suspensos no ar, tateando sem saber o que fazer, o que dizer, já começamos a implodir de medo.

Nesse nada, o desamparo apodera-se do corpo e do espírito. Estáticos, mãos invisíveis nos atam como múmias do antigo Egito. Não há ânimo nem pra estancar as lágrimas que afloram, por tudo e por nada.

Esgotadas as lágrimas, o silêncio. Não queremos ouvir e muito menos escutar nada. Fazer nada. Ver coisa alguma. Falar ou estar com ninguém.

De repente, sem explicação, transpomos outra Porta. Estamos diante de imensidão arenosa. Oceano bege de múltiplas formas assustadoras. Tórrido. Gélido. As chibatadas da areia levada pelo vento, nos cobram o passado e o presente. Ai de nós! Nossa culpa! Nossa máxima culpa! Jogamos a vida no lixo. Imperdoável desatino.

Senhor! Senhor! Alguém! Por favor, pra que lado é a saída? Socorro! Alguém nos ajude!

Silêncio. Não se vê viva alma.

É tarefa titânica a locomoção. Cambaleando nas dunas contra o vento, sentimos a vibração da voz. A voz canta cantos tenebrosos. A cada segundo o volume se eleva. No mais atordoante dos decibéis forma-se uma imagem sinistra: a Esfinge tebana. Como Medusa, tem serpentes, todas em movimento. Olhos verdes nunca vistos, acentuam a voz cortante como obsidiana.

O monstro, com desprezo, lança o enigma. Ai de nós! Não sabemos desvendá-lo. Queremos sumir. O pavor é tanto que nos arrastando, escapamos da Esfinge.

Debatendo-nos no nada, damos com uma Porta estreita. Abre-se rangendo e nos indica um cenário que mal podemos identificar. Com muito custo, chegando mais perto, vemos enfim um lugar seguro. O quarto. A cama.

Ficamos embaixo dela. No escuro. No silêncio. Sessões de insônia. De sono letárgico, sem fim.

Pobres de nós, que engodo. A Esfinge, ali, espera recostada num triclínio. Congelados de horror fumamos, tremendo, o último cigarro. Nos enrodilhamos e fechamos os olhos. O monstro prepara-se pra seu gran finale. Enfim, a morte.

Ilusão idiótica. A cena continua. São sete atos e seis quadros em cada um deles. Que tortura! Inclemente; sarcástica, cantando, enumera enigmas que nos atira e pros quais não temos respostas.

Em agonia sussurramos: por piedade, termine de uma vez sua performance. Exaurida pelo nosso despreparo pra vida, enojada pela nossa fraqueza. Entediada pela nossa falta de graça, a Esfinge cospe na nossa cara. Com voz terrível, mais que empostada, a cruel cantora entoia: Fodam-se!!!

A imagem desvanece.

Que humilhação! O monstro, devorador implacável, não nos quer. Como nesse lugar água é fogo, ficamos distantes dela. Assim, o cheiro e o gosto – o monstro adivinha – provocam asco. Ai de nós! Não vamos morrer agora. Continua o suplício. O desfecho ficará pra quando pudermos movimentar o corpo e tivermos coragem pra começar nossa caminhada ao trapiche de Caronte.

Agora, pobres de nós, não temos nada pra oferecer ao sinistro barqueiro. Aquele que nos conduzirá pelo Rio Estige, em direção ao mundo dos que já se foram.

Perdidos, queremos, não queremos. Ausência de lucidez e forças pra encontrar o sentido de tudo. A cabeça está vazia. O hipocampo se apaga. A cabeça está em turbilhão indecifrável. A agitação transforma-se em pasmaceira. Nossos olhos estão vazios. Os ouvidos trancados. Olfato, tato, paladar inexistem. O espírito e a mente embotados. O coração bate sem querer bater. Não conseguimos nem disfarçar. Mentimos mentiras estúpidas que ninguém acredita. Queremos nos esconder. Não temos lugar neste mundo, nem no barco de Caronte. O que nos resta?

Rastejando, chegamos à Porta Azul. O amor dos amigos nos arrasta à psicóloga, à mais de um psiquiatra. As sessões nos alentam. Os medicamentos nos tiram da letargia, mas de repente, sem aviso prévio – ai de nós! – transformam-nos em tigres enjaulados. Pra lá e pra cá. Pra cá e pra lá. Boca seca. Trêmulos. Passos oscilantes. Falando aos gritos. Mudos. Vertendo lágrimas abundantes. Desesperados por um pescoço desavisado que nossos dentes e garras possam estraçalhar, sem pena nem misericórdia. O plano é: mato e me suicido, como na literatura, no teatro, no cinema, como na vida real.

Apatia e destempero. Mais baixos que altos. Só constrangimentos. Os propósitos de resistência às crises, como nos recomendam os amigos, caem como as folhas no outono. Não temos controle sobre coisa alguma. Somos intragáveis pra nós mesmos. Queremos mas não conseguimos reagir. Estamos sós em nossa melancolia.

Os amigos têm sua vida pra viver. Não podemos ser “pesados” pra quem nos tem afeto.

Sentimos o mau desempenho do cérebro, da psique, do espírito, abalar o corpo todo. Tudo nos afeta: gripes demolidoras. Herpes por todo lado. Hematomas espalhados pelo corpo, sem razão de ser. Paralisia facial. Dores, até nos cabelos, nas unhas. Transpiramos como se estivéssemos expostos à uma fornalha. Uma sequência de torpedos

atingem o aparelho digestivo: náusea. Vômito. Diarréia. Prisão de ventre. Cólicas. Os dias passam nesse freje.

Vergonha. Culpa. Nojo. Renúncias – pessoas e coisas – por medo de perdê-las com nossa morte em vida. Súplicas que nossas bocas não verbalizam. Ansiedade quase à loucura. Cansaço à exaustão. Não temos chão. Nada é sólido. Tudo é uma pasta asquerosa. A vida nos escalpela. Estamos sangrando.

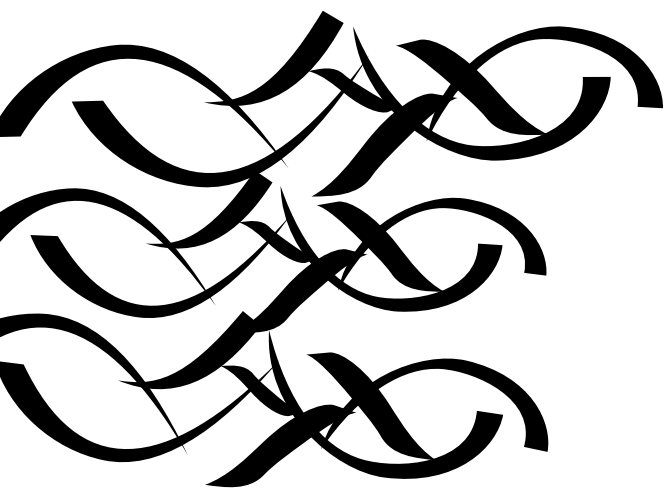
Bem-aventurados os que não ouviram o canto das sereias. Também aqueles que – como Odisseo – ouviram o canto procurando resistir. São belas, mas letais em seus intentos.

Alguns sentenciam: frescura. Malandragem. Encenação. Preguiça mórbida.

Nem sempre.

Não desejamos ao nosso pior inimigo este estado devastador.

Bem-aventurados, a compreensão, a compaixão de vocês pode nos fortalecer. Alicerçar nossa caminhada à Grande Porta. De dentro pra fora, onde refletores iluminam a Esperança.



Entrevista com a jornalista Jane D'Avila.

JANE: Como é a vida de artista, particularmente, no Paraná?

YARA: Uma das mais penosas entre os segmentos profissionais. Pouca ou nenhuma valorização.

Pra ser bom na profissão exige-se vocação, dedicação, talento, muito estudo, muita disciplina. A tarefa de casa é absorvente: dissecar o texto, decorar as falas, compor o personagem e entender o que o autor pretende dizer nas entrelinhas. Trabalhar o corpo e a voz. Ter disposição pra enfrentar ensaios exaustivos. As exigências são muitas e diversas.

Temos também nossas horas de maravilhas, quando fazemos um espetáculo de qualidade. Dirigido por quem conhece o ofício. Um trabalho prazeroso com cachê digno, contracenando com atores talentosos, amigos. Maravilhoso, igualmente, é a plateia aplaudindo.

Como não se trata de emprego, mas de trabalho, a insegurança é total. Hoje tem, amanhã quem sabe. A vida e o ofício são tão duros que só os valentes permanecem.

Exemplo: como sou pequena burguesa, não sei viver da caça e da pesca. Estava devendo os tubos – que mamãe pagou – por uma produção do Grupo Momento que foi cancelada. Mesmo continuando no palco, fui obrigada a procurar emprego. Como detesto dívidas e não podia mais sacrificar Nerea, senti minha carreira no teatro indo pro brejo. A decisão foi sofrida.

Os artistas/produtores têm maiores condições de continuidade de trabalho. Aos que dependem de convite, a coisa pega.

Pra que as coisas aconteçam na área cultural, é necessária a militância.

Luta insana e ingloria em razão de que damos um passo à frente e 30 pra trás. Este doloroso périplo dá-se por força das mudanças de governo, quando novos interesses se estabelecem. Quando umas e outros sentam na cadeira do poder, e deletam o que o substituído realizou – muitas vezes, ações com bons resultados – e não colocam nada no lugar.

Após tantos anos de trabalho na militância cultural, alguns de nós acabam por concluir que estamos dando, há muito, “murro em ponta de faca”. Alguns de nós já perderam as mãos e até os braços.

JANE: Paixão e Amor.

YARA: A paixão/tesão é inexplicável, irresistível, incontrolável e, por isso mesmo, efêmera.

O amor/afeto é mais sofisticado. Pra brotar e manter-se exige comportamentos refinados, o que nem sempre temos.

JANE: Qual a importância do Teatro Guaíra, na área cultural paranaense?

YARA: O Teatro Guaíra é apaixonante. Muitos dão o sangue pra que aquela “Casa de Cultura” brilhe. Infelizmente o “sistema” foi, é, e provavelmente continuará sendo “assassino”.

Na área, não existe nada mais importante que o Teatro. Por ser uma Casa produtora, por suas Unidades artísticas, por seus importantes projetos e por seus quatro auditórios.

É uma tristeza ciclópica ver o Teatro alternando-se em altos e baixos. Muitas das diretorias têm se empenhado pra solucionar os problemas, pra realizar ações afetas à instituição.

As dificuldades são continentais.

Se o governo não acordar e não tomar – já – as medidas necessárias, o Teatro Guaíra vai caminhando pra sua

decadência. Sinceras condolências, Paraná!

Meus mais sinceros pêsames, também, pelo abandono em que se encontram as várias áreas artístico-culturais, cujos atuantes são independentes. As consequências serão funestas.

Os artistas são essenciais à vida. Ontem, hoje e sempre. Muitos governantes, felizmente, têm este entendimento. Outros, só enxergam na classe artística inutilidade, às vezes, tratando-nos com pejorativas considerações. Dá-lhe mediocridade!!!

JANE: E a classe cênica, motivo de sua militância por 37 anos?

YARA: Repito que em todos os segmentos sociais há gente séria e há malandros. Minha militância vai na direção daqueles que são éticos, que se respeitam e que respeitam seu ofício.

Não dou cobertura aos “espertos” que sempre caem do camelo, desmoralizando os profissionais da área, o que é prejudicial pra todos. Aqueles que são profissionais responsáveis abrem portas pra si mesmos e pros outros. Boa reputação é tudo, na profissão e na vida.

JANE: Aos 70 anos teme a morte?

YARA: Queiramos ou não, gostemos ou não, todos morreremos. A hora e o como, não sabemos. Não tenho medo de morrer, o que me atemoriza é a dor, a dependência, ou seja, incomodar pessoas amigas.

JANE: O que acha do uso de drogas? Qual sua opinião sobre aborto?

YARA: Sou viciada numa droga assassina, que é o cigarro.

De tança, comecei a fumar e a beber whisky aos 30 anos de idade. Antes, só sucos e coca-cola. Em São Paulo,

nos anos da ditadura militar, era “engajamento” surfar no fumo. O aroma de patchuli era delicioso, mas as tragadas sempre me provocavam vômitos. Desisti da marijuana. Também, porque o clandestino não me canta ao coração.

Nunca tive peito pra me lançar às drogas e “viver no paraíso”. Quem tem fiofó, tem medo.

Acho essa fuga da real uma tremenda roubada.

O aborto não deve ser decisão da Igreja, dos legisladores, mas sim das mulheres. Elas é que sabem se, naquele momento, podem ou querem ter filho.

O melhor é tomar as devidas precauções, pra evitar gravidez indesejada. Lamentavelmente, a ausência de informação e educação adequadas, levam ao quadro com o qual nos deparamos, particularmente, na população pobre e de baixa renda.

JANE: Nunca desejou ter filhos?

YARA: A maternidade é uma decisão, uma postura seríssima.

Engravidar, parir é uma coisa. Ser mãe é outra coisa, com diversos e gigantescos compromissos com quem se está expondo à luz.

Não desejei assumir essa responsabilidade.

JANE: Vivendo na faixa dos 70 anos, o amor ainda é importante?

YARA: Com o passar dos anos e das relações vividas, me dei conta que era apaixonada, mesmo, pelo jogo da sedução. Das emoções dessa estimulante, insana e deliciosa ciranda.

Conquistado o objeto do desejo, o mesmo deixava de ter encantos. Ninguém tem culpa pela minha insegurança, pelas minhas manias. Assim, diante desse panorama, passei a ter cuidados.

Hoje, mais que sempre, valorizo a amizade: o

amor/afeto sem tesão, sem a corrosão do ciúme, sem a pretensão da posse, sem teatralidades, sem cobranças.

Na verdade, nunca tive tesão universal.

JANE: Aos amigos tudo e aos inimigos os rigores da lei?

YARA: Meus amigos e parentes têm defeitos, como eu. Meus inimigos e parentes têm qualidades, como eu. Procuro não misturar alho com avião.

A vida me ensinou a não cancelar malandragens, seja de quem for.

JANE: Sendo formada em Direito, exerceu a profissão de advogada?

YARA: Não. O curso e a carteira da Ordem dos Advogados do Brasil - OAB foram muito importantes quando, em São Paulo, pude atender amigas presas, à época da ditadura militar. Com a carteira da OAB, pude acompanhar muito de perto o périplo delas – e de outros muitos – da Operação Bandeirantes/OBAN ao Departamento de Ordem Política e Social, o temido DOPS e, de lá, ao Presídio Tiradentes, naquele tempo cenário perfeito pra filme de terror.

JANE: Além de atriz, qual outra função artística gostaria de exercer?

YARA: Cantora de ópera - soprano.

Interpretar as grandes personagens da cena lírica, ao som de músicas divinas.

Infelizmente pra mim, não tenho voz pro canto e sou desafinada.

JANE: Tendo sido servidora pública estadual e ao mesmo tempo militante cultural, viveu problema funcional ou de outra natureza?

YARA: Sim.

Como não tinha – e não tenho – rabo preso com ninguém, apesar de ter passado por momentos infernais no Teatro Guaira, pude me defender das arbitrariedades.

Na gestão Fernando Ghignone, secretário de Estado da Cultura e do Esporte – governo José Richa/1985 – fui demitida do cargo de diretora de artes e programação do Teatro (gestão Oraci Gemba), porque nunca deixei de argumentar, questionar, alertar, aberta e frontalmente, ações propostas ou postas em prática.

O grupo que rodeava o secretário – constituído por chupadores de dedão do pé – aproveitando de sua imaturidade, o “inflaram”.

O mesmo grupo, tentou demitir-me também do quadro funcional do estado. Não pôde. Cavaram, cavaram, mas não encontraram nada que justificasse a pretensão.

Um e outros desejavam, com sofreguidão, os cargos de direção do Teatro – como se os cargos por si só, transformassem abóbora em carruagem. À época, articularam toda sorte de nojeiras e puxaram nosso tapete. Sentaram nas cadeiras felizes da vida.

Passados alguns meses deu-se o “pega pra capá”. Logo logo começaram as pisadas na jaca e os “mergulhos no pote”. Descobertas as umbigadas, a incompetência, as falcatruas, deu-se um tonitruante escândalo com cobertura da imprensa, prisões e demissões.

Naquela ocasião, humanamente eu disse: bem feito!!! Pro governador que não quis conversar com seu velho amigo Gemba, cuja mãe Maria lavava e passava suas roupas. Pregava botões nas camisas do jovem José Richa, quando estudava odontologia em Curitiba e morava na casa da família Gemba.

O governador, mesmo sabendo que Gemba era honesto, artista e produtor de alto gabarito, que estava fazendo um bom e dedicado trabalho à frente do Teatro,

preferiu dar cobertura ao secretário “inflado” e aos envolvidos naquela “festa do bode”.

Humanamente, eu disse ainda: Bem feito!!! Pro secretário – naquele momento “murcho” – que não teve capacidade pra enxergar a diferença entre uns e outros.

A Justiça pode tardar, mas não falha!!!

Naquela fase horrível quando não tinha sala definida e não me eram dadas tarefas, Christo Dikoff, corajosamente, me convidou pra trabalhar no departamento que coordenava.

Capítulo 02: Gestão Oswaldo Loureiro. 1º governo Requião/1991. A classe artística manifestou-se contra a nomeação do ator carioca pra superintendência do Teatro. Como sindicalista fui uma das líderes do referido movimento, em razão de acreditarmos que no Paraná tínhamos pessoas com plenas condições pra ocupar o cargo. Um dos manifestos foi o “Abraço no Teatro Guaíra”. Pessoas da classe e da população, com as mãos dadas, envolveram o edifício. Houve cobertura da imprensa escrita, falada e televisada.

A administração Loureiro – como todas – teve boas ações e outras negativas. Neste relato refiro-me particularmente ao caráter da pessoa.

O governador Roberto Requião no seu costumeiro cavalheirismo, declarou à imprensa que nossa atitude era “imbecilidade explícita”. Eu respondi, também, publicamente: sua excelência está coberto de razão. Somos, mesmo, “imbecis explícitos” uma vez que acreditamos no seu discurso de campanha ao Palácio Iguazu. Dá-lhe imbecilidade!!!

Indicado pelo irmão Eduardo, o governador nomeou o ator carioca. Sentado no “Trono” da superintendência, o “Tonante” promoveu contra mim arquitetada vingança.

Armou situação que me levou a processo administrativo POR RACISMO. Inventou esse absurdo, usando um servidor do Teatro que ambicionava ascender funcionalmente.

Minha asquerosa postura RACISTA – disse o citado servidor, nosso colega – foi exposta, na odiosa frase que eu teria pronunciado numa reunião da Associação dos Funcionários: fico estarrecida, caio preta e dura com o descaso da diretoria com o Pessoal desta Casa (esta expressão, se não me equivoco, super antiga, sempre foi “caio dura e preta”, no sentido de “caio fulminada”).

Essa foi a manifestação RACISTA. A ideia de Loureiro, também, era me demitir do quadro funcional do estado, além das penas legais cabíveis ao hediondo crime. Neste caso, igualmente, cavaram, cavaram, mas não acharam nada que desse razão ao que planejaram.

Ronald Catarino, então presidente da Associação dos Funcionários, corajosamente, esclareceu ao superintendente que naquela reunião não houve nenhuma menção a racismo. Ronald falou e escreveu, pras paredes.

O servidor denunciante, nosso colega, meses depois, infelizmente, ascendeu aos céus por força de um infarto fulminante.

Sofri durante meses à disposição da secretaria de Estado da Administração. Não tendo culpa, pude responder com firmeza às acusações, inclusive, junto a Procuradoria Geral do Estado.

Resumo, Loureiro – puto da cara – teve que me receber de volta no Teatro. No primeiro momento fui colocada embaixo de uma escada, numa sala gelada, sem ventilação nem luz direta, mais uma vez sem ter o que fazer. Rancoroso, Loureiro retaliou duramente. Naquela ocasião Cloris Ferreira, corajosamente, me deu apoio. Fui prestar serviços no Departamento de Música e Projetos Especiais, o qual estava sob sua responsabilidade.

Luciana e Aluizio Cherobim acompanhando o terrorismo, propuseram ao “Tonante” que eu assumisse a secretaria executiva do Troféu Galha Azul, por ser uma de suas criadoras. O prestígio e a generosidade do casal foram

decisivos naquele momento. O superintendente, atendendo-os, deu-me a incumbência.

Com a descompatibilização do governador Requião à sua candidatura ao Senado, assumiu o vice Mario Pereira. Ouvindo a secretária de Estado da Cultura, professora Gilda Poli e ainda os músicos da Orquestra Sinfônica do Paraná, convidou Loureiro a retirar-se do cargo.

Por sua arrogância, seu total despreparo pro serviço público, deslumbrado pelo poder (afinal, que poder?) e pelas mordomias que lhe foram permitidas, “a máquina de ideias” como o chamava o governador Requião, Loureiro levou pra ocupar a diretoria artística, um argentino bruto e descompensado que mais parecia guarda-costas de gangster. Tal figura, também evaporou do recinto.

A Justiça pode tardar, mas não falha!

Capítulo 03: Gestão Nitis Jacon. 2º governo Requião/2003. A propósito do respeito e da admiração que sempre tive pela Nitis, fiz campanha quando da sua candidatura ao Senado. Sua nomeação à presidência do Teatro foi recebida com grande alegria por mim e pela maioria dos integrantes da classe artística.

Ao tomar posse, Nitis transformou-se. No seu discurso inicial, desqualificou integrantes da classe teatral a propósito da, à época, Comissão Estadual de Artes Cênicas - CEAC. Ficamos pasmos.

No cargo, acabou por não deixar boas marcas na Casa e na classe. Os embates entre nós duas foram pesados. Na função de assessora da diretora artística, não podia deixar de dizer, também, à presidente o que me pareceu procedente e oportuno. Por força do ofício, fiz muitos questionamentos que não a agradaram. Nitis saiu do Teatro pra candidatar-se à Câmara Federal, não sendo eleita.

A secretária de Estado da Cultura, professora Vera Maria Haj Mussi Augusto, acumulou o cargo. De imediato, estancou os projetos: “Paranização” e “MERCOSUL”, os quais

Nitis realizou com a chancela do governador. Sem continuidade, o dinheiro público foi jogado pela janela. Fogueira de vaidades!!!

A secretária com seus compromissos junto a Pasta, pouco tempo teve pra dedicar-se ao Teatro.

A Casa, os produtores independentes de artes cênicas e de música – áreas afetas ao Centro Cultural Teatro Guaíra – na gestão Nitis, ficaram em último plano. Por sua capacidade, sua história, suas importantes realizações, sua personalidade, seu conhecimento da área, Nitis poderia ter feito um brilhante trabalho, aliás, como acreditamos que iria acontecer. Uma lástima!!!

O que “salvou” o Teatro à época, foi a atuação firme e competente da produtora e atriz Nena Inoue, como diretora artística.

Lembrando: na gestão Nitis, em poucos meses, houve meteórica alternância no citado cargo. Ocuparam a cadeira três pessoas. É difícil suportar prepotência!!!

Um fato importante a registrar foi o interesse, a dedicação, a postura ética e o discernimento de Vitória Arabela Sahão, então chefe de gabinete da presidente. Vitória respeitou as finalidades da instituição, os servidores, a classe artística.

No episódio Ghignone, recebi integral apoio de: Algaci Tulio, Angelo Vanhoni, Aroldo Murá, Beatriz Gessner, Carla Reinecke, Carlos e Isabel Trincheiras, Christo Dikoff, Claudio Manoel da Costa, Constantino Viaro, Delcy e Edson D´Avila, Elisa Gonçalves Martins, Fernando Bonin, Francisco Camargo, Giovani Cesconetto, Glauco Souza Lobo, Maria da Graça Kindermann, Ivete Cardoso de Almeida, Jaime Lerner, Jaira Perin, Laerte Ortega, Lilian Fleury, Lívia Coelho, Luciana e Aluizio Cherubim, Lula Darcanchy, Malu Aguiar, Malu M. Faria, Malu Willunsen, Margareth Pinto, Maria Alice Moreira, Marília Pêra, Marisa Seara, Marlene Zanin, Marly Garcia Correia, Nelson Faria de Barros, Nestor Montemar, Paulo

Motta, Regina Brasil, Renato Andrade, Renê Ariel Dotti, Rosa Chiamuler, Rose Rogoski, Rosirene Gemael, Salete Cercal, Thais Lima, Valderez Pacheco e Verinha Walfior de Mattos Souza, entre outros.

Na crise Loureiro: de Angelo Vanhoni, Christo Dikoff, Cloris Ferreira, Constantino Viaro, Danilo Avelleda, Delcy e Edson D'Avila, Dinah Ribas Pinheiro, Elisa Gonçalves Martins, Francisco Camargo, Glauco Souza Lobo, Grazianni Branco da Costa, Ivanise Garcia, Letícia Cherobim, Luciana e Aluizio Cherobim, Luis Geraldo Mazza, Marilu Silveira, Nelson Faria de Barros, Ronald Catarino, Rosirene Gemael, Thais Lima e Vera Maria Haj Mussi Augusto, na ocasião diretora geral da secretaria de Estado da Cultura, entre outros.

Na gestão Nitis. Não houve retaliação declarada à minha pessoa pelas manifestações que fiz. Essas, sempre frontais, verbais ou por escrito e assinadas.

OUTRO EPISÓDIO DE PUXAÇÃO DE TAPETE foi por conta dos publicamente chamados “trombadinhas” – Fundação Cultural de Curitiba / governo Cássio Taniguchi / 2000.

À época, fui reeleita pela classe teatral em assembleia geral do Fórum das Entidades Culturais - Curitiba/Paraná, pra representar as artes cênicas no colegiado selecionador dos projetos inscritos ao Mecenato, mecanismo de apoio às áreas artístico-culturais da Lei Municipal de Incentivo à Cultura. Esse procedimento eleitoral é legítimo, normativo. Mesmo assim, meu nome foi vetado.

Existem pessoas que não admitem contestações, questionamentos, propostas que contrariem seus interesses de umbigo, esses, nem sempre respeitáveis.

Como estou na militância cultural devo proceder dessa maneira, se não for assim, devo abandonar o barco. Papel decorativo não é do meu temperamento. Muito menos, bajulação. Sempre mostro a cara, às vezes, apanho. São

ossos do ofício.

O MOMENTO MAIS IMPACTANTE DA MINHA MILITÂNCIA SINDICAL, foi a pretendida greve dos técnicos do Teatro Guaíra por melhores salários – governo Álvaro Dias – 1987/1990.

Como apresentava-se no Auditório Bento Munhoz da Rocha Netto – se não me equivoco – a Orquestra de Câmara de Moscou, em respeito ao público e aos músicos decidiu-se em assembleia geral do SATED/PR, que os técnicos trabalhariam normalmente, mas que a presidente – no caso eu – faria um pronunciamento antes do início do concerto, o que ficou acordado com o superintendente Constantino Viaro, com o secretário da Cultura doutor Renê Ariel Dotti e com o produtor da turnê.

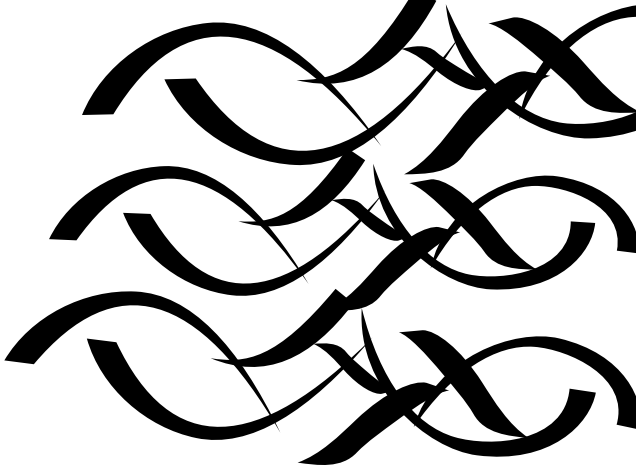
Quando comecei a leitura do documento, no palco, fui tonitruantemente vaiada. A sensação foi de uma granada na testa. Minhas pernas bambearam. O primeiro impulso foi sair correndo. Pensei: estou aqui pra apresentar um manifesto pelos técnicos da Casa. Vou fazê-lo, calmamente, até o final. De repente comecei a ouvir aplausos. O Auditório lotado – mais de duas mil pessoas – e aquele tumulto. Concluída a leitura, agradei as vaias e os aplausos.

Lamentável a insensibilidade daquele público, com os problemas dos técnicos. Ignorantes!!! Sem o trabalho desses profissionais não há espetáculo.

Christo Dikoff, secretário da entidade de classe, ficou no palco pra apoiar-me.

Os músicos russos – que sabiam do manifesto – também aplaudiram. Os técnicos escalados, foram ao palco pra aplaudir e reforçar o manifesto.

Mais uma vez, ossos do ofício. A exposição valeu a pena. Os técnicos conseguiram o que reivindicavam.



HORROROSO

Na segunda quinzena de dezembro, as cigarras cantam anunciando a saída dos feíssimos das suas tocas de lama. À primeira vista é nojento. Locomovem-se em todas as direções. Aranhas assustadoras. Com garras dilacerantes.

Os capelistas, que adoram o bicho, esperam 10 meses pra gozar um mês e meio, de altíssima gastronomia.

O monstro azul – que se converte em vermelho quando vai à água fervente – é uma das “delícias deliciosas” que o mar generoso nos dá. Pouparei ao leitor e à mim mesma, o relato sobre os detalhes sórdidos dessa operação maquiavélica.

Comer caranguejo em Antonina tem seu ritual.

Acompanha a iguaria feijão preto, farinha de mandioca fabricada na cidade, salada de cebola, tomate e pepino.

O molho que incrementa o sabor da carne – tirada da casca dura, na porrada, com martelinhos de madeira – preparado há séculos na casa da moça, é imbatível: cebola em rodela, frita no azeite, com sal, pimenta do reino e vinagre. Neusa e Sôely são especialistas nessa maravilha.

As encomendas aos catadores são, na maioria das vezes, de uma dúzia por pessoa, portanto, não se aceita comensal de última hora. Na caranguejada não existe – e não insistam – compaixão pra quem não está na lista dos participantes daquela rodada.

O grande lance do “esplêndido” prato (como dizia Nhá Anica), é que se come o bicho em companhia de muitos povos.

Rola caipirinha de todo jeito. Whisky. Cervejas muitas ou refri pros abstêmios. Senta-se à mesa, digamos, às treze horas e só se abandona o recinto lá pelas dezessesis com pausas, tão somente, pra visitas ao gabinete sanitário ou

mergulho na piscina. O calor nessa época do ano em Antonina é senegalesco.

No mês de janeiro (quando a caça consentida já está no final), quando os bichos estão enormes e gordos, na casa de Dorothy e Margareth Nascimento Pinto, grandes anfitriãs, fazíamos nossa caranguejada.

Depois dos aperitivos, o primeiro prato era siri feito no forno por Marjorie, irmã de Mag. Indescritível!

Os que iam de Curitiba hospedavam-se na Pousada das Laranjeiras, de Beth Carraro. Ali já começa o show capelista. Beth e André amam a cidade e fazem sempre o melhor pra que esse amor se multiplique.

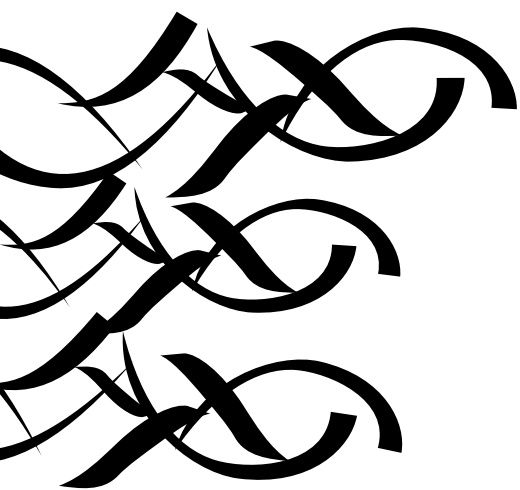
Outro programa gastronômico sensacional em Antonina, é comer no “Caçarola” de Jóca e Jurema.

Em se tratando da Capela não falta música ao vivo. Instrumentistas e cantoras – das boas – proliferam. Maria Alice, Tina, Mag e Janaína.

A sobremesa, dolé/picolé feito artesanalmente pela chef que trabalha com maracujá e coco. Esses sorvetes no palito proporcionam infantil alegria à clientela.

Após o banquete romano, mãos e braços enlameados, dedos murchos, esfolados pela casca e pelas garras do bicho – “fá favô” – uma rede pro merecido repouso reparador do super excesso praticado, sem nenhum sentimento de culpa.

Como a vida é linda num momento como esse. Amigos. Música. Muita conversa sobre tudo. Muito riso e já a saudade do bicho que só retornará à cena – glorioso – no final do ano.



MOMO

Descobertas científicas extraordinárias. Mudanças de toda ordem. Avanços importantes resultam do caminhar dos anos. Caminhos de luz e de trevas. O planeta gira e nós com ele.

Depois dos 70 anos, muitas vezes, a vida transforma-se tanto que não é fácil encarar os novos tempos. As enfermidades da idade instalam-se. É o impedimento pra mil coisas que eram mais que prazerosas. Imensa pena! A ficha cai e somos obrigados a entender e aceitar as limitações, as mudanças.

O passar dos anos, pra alguns, pode trazer maior lucidez e coragem pra enfrentar a real. Trazer visão de mundo. Gosto mais apurado. Pode aguçar a sensibilidade à beleza. Tornar o espírito, os sentidos e a mente mais refinados.

Nos 70, muitas vezes, acentua-se o processo seletivo. As coisas não só devem alagar o coração, mas também a alma. Pessoas, coisas e acontecimentos são vistos em outras dimensões de qualidade.

A partir dos 70, somos tomados pelas lembranças com maior frequência. Boas. Más. O que foi o existir.

A moça – hoje, já não tão moça – lembra, entre suas vivências, o Carnaval de Antonina.

Pra reverenciar o Rei da Folia – com grande alegria – todos faziam suas fantasias pros bailes fantásticos e pra festa na rua. O freje concentrava-se, como ainda hoje, na Rua Doutor Carlos Gomes da Costa, a principal.

Os desfiles das escolas de samba provocavam ansiedade, torcidas ferrenhas. Era Batel ou Capela – as grandes. A Capela, dirigida pela família Camargo. De Regina e Guilhobel nasceu Cristina, pessoa especial, formidável cantora.

A prima da moça, Maria Alice – violonista e cantora –

foi uma das carnavalescas / organizadoras da Batel. Seu entusiasmo contaminava a família. Na frente da nossa casa tremulava, gigantesca, a bandeira da escola: verde, vermelha e branca.

No almoço de domingo servia-se o infalível e delicioso Barreado.

A passagem das escolas de samba, dos blocos, especialmente o Apinagés, o Boi, o Dragão, não podia faltar. Idem, o vai e vem das pessoas de “dominó” brincando camufladas. Muitos vestiam-se de mulher – “as escandalosas” – estrelas da folia.

A moça lembra do homem que todos os anos saía com um urinol cheio de cerveja e uma tripa de salsicha. Apesar da brincadeira de flagrante mau gosto, a criatura fazia sucesso.

Os Apinagés - “índios” cobertos de penas brancas, alguns com cocares que se alongavam até o chão - era o preferido da menina. A “princesa da tribo”, jovem e linda, puxava o grupo com seu dançar único e suas músicas exclusivas. O ponto alto da apresentação era “O Guarani” de Carlos Gomes. Aplaudidíssima!

O sonho da menina era sair no Apinagés. Desejo que jamais pode ser realizado. Preconceitos – como sempre – cortando sonhos e prazeres.

Momo, naqueles anos, reinava entre as famílias da cidade. Os visitantes entravam no clima, esbaldando-se com os sambas e as marchinhas que todos conheciam e cantavam.

A decoração de rua e dos clubes, pobrinha, porém bonita. Profusão de serpentinas e confetes coloridos. O lança-perfume, em seus frascos dourados ou de vidro, eram usados pra refrescar os corpos suados.

A moça adora Antonina, mas Carnaval lá, de jeito nenhum. Os tempos que correm trouxeram novas modas à festa: álcool sem nenhum limite. Vômitos nas calçadas, sem

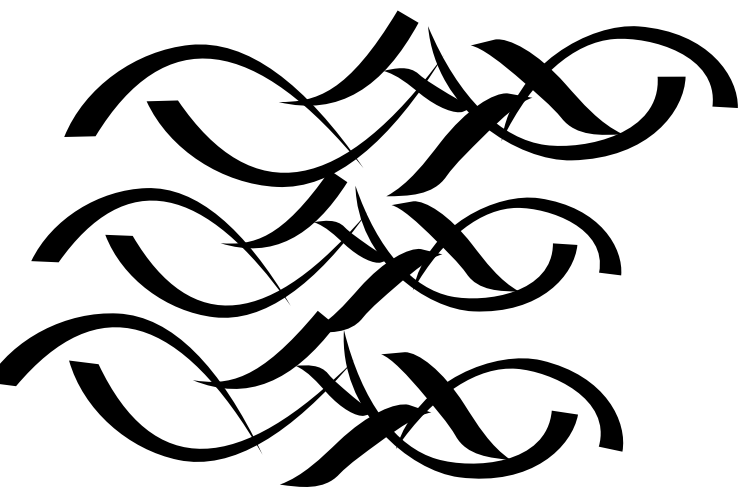
cerimônia. Drogas pesadas. Gente suja e fedorenta caindo sobre as pessoas. Uso das ruas como latrinas. Fedor insuportável. Músicas intragáveis, tocadas da tarde à madrugada em inacreditável volume, quando não se consegue conversar, assistir TV, ouvir música que preste e muito menos dormir. Ficar nas ruas pra brincar ou apreciar a folia, nem pensar. O delicioso de ontem deixou de sê-lo.

Lamentavelmente, pra muitos, os anos não passam impunemente.

Pra nós da cidade, o turismo é essencial – emprego, trabalho e renda. Por isso, quanto mais gente melhor.

Pra que os dias de Momo sejam de grande diversão pra todos, não podemos afugentar as pessoas.

Sejamos civilizados!



MACHINA FATALIS

CLITEMNESTRA / A PROPÓSITO DE...

Texto inspirado na tragédia “Ifigênia em Aulis”, de Eurípedes.

Pecinha teatral local, como diz meu querido “tio” Enéas Lour.

Texto: Yara Sarmento.

Um mimo às “Deliciosas Cênicas”: Regina Vogue, Gilda Elisa, Claudete Pereira Jorge, Enéas Lour e – em especial - Odelaír Rodrigues.

Cenário: sala de ensaio.

Figurino: trajes atuais.

Elenco: cinco atrizes.

Personagens: Odelaír / Clitemnestra

Corifeus: Regina

Gilda Eliane

Claudete

Neiva

Desde sempre, no mundo inteiro, as pessoas de todas as idades gostam de ouvir histórias, mitos, estórias. Resta saber contá-las.

No terceiro sinal (“batidas de Mollière”), entra a abertura da ópera “A Força do Destino”, de Giuseppe Verdi. A cortina abre lentamente. O palco está à meia luz. As atrizes estão paradas, em atitude. A música vai baixando de volume.

No primeiro toque da mesa de luz, movimentam-se – conforme criará o(a) diretor(a) – e darão início às suas falas.

REGINA: Helena, a de esplendorosa beleza, esposa de Menelau rei de Esparta, apaixona-se por Páris.

O príncipe de Tróia fugiu com a rainha, e levou parte dos tesouros do palácio para a inexpugnável e rica cidade da Ásia Menor.

As Moiras fiandeiras – condutoras da vida e da morte – tecem os fios desta tapeçaria, fazendo o primeiro movimento à machina fatalis.

NEIVA: Menelau, enfurecido com a fuga da mulher com o jovem troiano. Enfurecido com o roubo de seus tesouros, exige vingança. Quer o resgate de Helena – e mais que tudo – o resgate de sua honra.

Os soberanos e heróis gregos, comprometidos com Menelau e atizados pelas riquezas do rei Príamo, atendem de imediato ao apelo do rei ultrajado. Já estão reunidos em Aulis com seus navios e suas tropas, preparados para a travessia do mar Egeu a caminho de Tróia. Agamenon, o poderoso rei de Micenas, irmão de Menelau, foi escolhido como comandante dessa gigantesca armada.

GILDA ELIANE: Ártemis, a deusa olímpica da Lua, das florestas, não facilita a empreitada. Agamenon em sua arrogância ofendeu a deusa matando, numa caçada, a corça favorita da irmã de Apolo.

Não satisfeito com o ultraje, vaidoso e imprudente, gaba-se do feito elogiando sua pontaria certa. Os ventos que deverão enfunar as velas para a viagem, há semanas não sopram. Os gregos estão ansiosos pela tomada de Tróia.

CLAUDETE: Chega o momento da deusa fazer sua inexorável cobrança. Para que soprem os ventos, Ártemis exige em sacrifício o sangue de Ifigênia, a filha primogênita de Agamenon e de sua rainha, Clitemnestra.

O rei de Micenas pensa romper o acordo com Menelau. O sacrifício de Ifigênia é preço alto demais pelo resgate de Helena. Os reis e heróis convocados para a guerra exigem o comando de Agamenon. Argumentam que dele dependem os necessários ventos e, conseqüentemente, a chegada à cidade de Príamo, de sua rainha Hécuba e do

herdeiro do trono, o grande herói Heitor. Argumentam, também, que há um essencial propósito em jogo: resgatar a honra dos gregos.

REGINA: Agamenon ousa barganhar com a deusa mas constata que está obrigado a ceder. Conquistado pelas lisonjas e pelas extraordinárias perspectivas dessa aventura, deixa que prevaleça o plano perverso arquitetado por Odisseo, rei de Ítaca, o qual convencerá Clitemnestra a trazer Ifigênia a Aulis.

NEIVA: Agamenon manda mensagem à rainha, anunciando o casamento da princesa com Aquiles, filho da deusa Tétis. É uma imensa honra sonhada por todas as nobres donzelas da Grécia. Sem dúvida a mensagem trará, sem demora, mãe e filha ao acampamento.

As Moiras fiandeiras, tecem e tecem. A tragédia segue seu curso. A machina fatalis move-se com maior rapidez.

A comitiva chega exultante para as desejadas núpcias. Agamenon vai ao encontro da mulher e da filha. Ifigênia beija o pai dizendo da sua alegria em desposar Aquiles. Agamenon esconde como pode sua traição.

ODELAIR/CLITEMNESTRA: Que feliz notícia Agamenon, nossa filha esposar o incomparável Aquiles. Estás vendo a felicidade de Ifigênia? Os deuses hão de querer que este seja um casamento afortunado. Agradeço-te por este sábio acordo. Sei que tu amas Ifigênia e queres o melhor para ela. Vamos iniciar agora os preparativos para as bodas.

NEIVA: Agamenon mal lhes dirige o olhar. Ouve o que dizem em silêncio. Conhecendo Clitemnestra, sabe com que fúria reagirá à verdade. Deixa para depois a fatal notícia.

CLAUDETE: Caminhando pelo acampamento, mulheres da comitiva real descobrem o verdadeiro motivo da vinda de Ifigênia a Aulis.

(Claudete interrompe sua fala, tossindo).

GILDA ELIANE: Isso!!! Fume!!! (esculhambado o

ensaio, as meninas riem).

CLAUDETE: Vai te catá!!!

GILDA ELIANE: Que mulher fina, finíssima!!!

NEIVA: “Já está” Gilda? Continue Claudete.

CLAUDETE: (concentrando-se, repete sua fala do início) Caminhando pelo acampamento, mulheres da comitiva real descobrem o verdadeiro motivo da vinda de Ifigênia a Aulis.

Horrorizadas com o que souberam, ainda que temam as reações de Clitemnestra e as graves consequências em denunciar a traição de Agamenon, por amor à doce Ifigênia, por lealdade à rainha, relatam o que ouviram.

REGINA: As mulheres choram e lamentam. Mãe e filha entram em desespero. Saem à procura do rei.

ODELAIR/CLITEMNESTRA: Já sabemos da conspiração. Não foi esta a palavra dada por ti, Agamenon. Viemos a Aulis para o casamento de Ifigênia com Aquiles. Este é o teu compromisso, rei de Micenas.

REGINA: A princesa roga ao pai que não permita esse cruel desenlace. O rei não consegue tratar do monstruoso assunto. Clitemnestra exige a verdade. Diante da determinação da mulher, ele não pode mais protelar, não pode mais esconder os fatos.

NEIVA: Clitemnestra grita sua dor. Suplica que a vida da princesa não seja tirada. Que não a faça, tão jovem, conhecer as tenebrosas trevas do Hades, o subterrâneo mundo dos mortos.

ODELAIR/CLITEMNESTRA: Atende às nossas súplicas Agamenon. É criminoso o que vais fazer. Por tua arrogância estás sendo castigado pela deusa Ártemis. Tenha compaixão, não jogue sobre Ifigênia a punição que só tu mereces receber. Roga à deusa por outro sacrifício que não seja nossa filha. Eu te imploro, desiste de Tróia. Dá a Menelau, teu irmão, o comando do exército. Afinal, essa guerra é pelo resgate de Helena. O que tens com isso? Nossa filha vai ser

sacrificada pela honra de Menelau? Mas que honra tem esse homem fraco? Esse rei sem autoridade? Esse amante insípido que perdeu a mulher para um menino troiano?

Menelau que vá a essa guerra. Que viva, que mate, que morra – ele – por Helena. Pelos deuses Agamenon, voltemos para Micenas. Nosso reino é rico, és um rei poderoso, que queres mais? Não condenes Ifigênia à morte. Um dia vai se casar, será uma grande rainha. Não é isto o que sempre sonhaste para nossa filha? Ouve a minha súplica Agamenon. Não faças o que é irreparável. Agamenon ouve... Agamenon não te retires... Agamenon... Ah!!! Ifigênia...

CLAUDETE: Os gregos não se condoem com as súplicas de Clitemnestra, nem com as lágrimas da princesa. Agora só importa Tróia, suas riquezas, Helena e a honra dos gregos. Em sua vaidade e ambição, Agamenon, como comandante supremo, quer a vitória que há de ser um feito memorável. Preso a esse único objetivo – a tomada de Tróia – ignora a filha, a mulher e seu indizível sofrimento.

GILDA ELIANE: As fiandeiras tecem e tecem. O altar já está preparado. Ifigênia é conduzida à colina para ser sacrificada à Ártemis. Sobe os degraus com passos lentos. Suas lágrimas fazem brilhar seu belo rosto ao sol. Escorrem para o vestido, o mesmo que usaria em suas núpcias com Aquiles. A princesa olha uma única vez para trás. A mãe está lá. Clitemnestra, impotente, acena e beija a filha à distância.

REGINA: O punhal tira a vida da princesa. O sangue de Ifigênia sacode as nuvens. Sopram os fortes ventos de Ártemis. Os navios começam a cortar o azul profundo das águas. Clitemnestra está na colina. Acompanha o navio que leva o estandarte de Agamenon.

ODELAIR/CLITEMNESTRA: Vai maldito! Que os ventos te levem para prestares – mais uma vez – serviços ao teu orgulho, à tua ambição desenfreada. Por tua ganância – mais uma vez – dilaceras minha alma. Não bastava, traidor infame, teres assassinado meu primeiro marido e o filho que

dele tive? Não bastava teres me imposto o casamento? Vivi contigo mas nunca te perdoei nem esqueci.

Agora, arrancas de mim minha amada Ifigênia? Cão asqueroso! Quero que morras em Tróia estrebuchando sob a espada de Heitor. Quero que morras, urrando sem a dignidade de um rei.

Ah, Ifigênia... Ifigênia... Hécate, poderosa lua negra, senhora do mundo oculto, ouve esta suplicante.

Não!!! Não Hécate!!! Não!!! Eu te suplico, faz Agamenon retornar vivo a Micenas. Vitorioso ou derrotado isso pouco me importa. Deusa das encruzilhadas, faz com que eu esteja viva para preparar a recepção.

Ah, Agamenon já que te comprazes em derramar sangue inocente, hás de beber o teu próprio e o gosto será de coisa imunda. Imunda como essa maldita ânsia de poder e fama que te corrompe o espírito. Como destruístes a vida dos que amei, como me causaste esta dor que não vai passar, quando voltares a Micenas – e vais voltar Agamenon – estarei à tua espera.

CLAUDETE: A Rainha mesmo sofrendo com a morte de sua primogênita, reaje. A danadinha vai por no fiofó do safado, uma lança que sairá pela boca. “Tia Cliti” é forte, negras.

(O ensaio para. As meninas riem).

NEIVA: “Voze Aja?” Por favor, criaturas, tomem tento! A água está subindo. Se o espetáculo der em bosta, quero ver quem vai achar graça. As bonitinhas estão aproveitando que Glauco não pôde vir hoje, pra avacalhar o ensaio. Vamos lá povos. Eu continuo. A fala é minha.

Após dez anos de guerra, declarando-se vencidos e em retirada, os gregos ofereceram aos troianos um gigantesco cavalo de madeira. O presente foi recolhido com júbilo dentro das muralhas. A obra da insídia proposta por Odisseo, é letal armadilha.

GILDA ELIANE: A destruição da cidade foi completa.

Sem nenhuma piedade, os homens, as crianças, foram todos aniquilados. O filho de Heitor e Antrômaca, o menino Astianax, foi atirado da muralha. A grande Tróia ardeu em chamas até o seu fim. Entre os mortos estava Polixena, a bela princesa troiana, assassinada em retribuição à morte de Aquiles. Uma flecha, no calcanhar, tirou a vida do grande herói. Único ponto em seu corpo que, se atingido, o levaria ao mundo dos mortos.

REGINA: Os gregos voltaram para casa orgulhosos com o êxito do engodo e com a vitória. Voltaram com as riquezas da cidade, com as mulheres troianas como suas escravas.

Nessa guerra – descrita pelo imortal poeta Homero, em sua magnífica “Ilíada – a natureza humana, nada diversa da natureza dos deuses olímpicos, foi escancarada de modo estarrecedor. Viu-se o rosto da lealdade, da decência, da compaixão. Viu-se, com horror, o rosto do monstro impiedoso sedento de sangue, de ouro, de glória, de poder, a qualquer preço.

CLAUDETE: Hécate, a deusa feiticeira, concedeu o que lhe suplicou Clitemnestra. Agamenon regressa a Micenas. Com ele, a princesa Cassandra, como sua escrava. Filha dos reis de Tróia, era sacerdotisa de Apolo. A profetisa que anunciou a tragédia, à qual ninguém deu ouvidos.

O tempo de espera agigantou o ódio da rainha. Para Clitemnestra, nada é mais importante que sua pretendida vingança. Tudo o que se relaciona com Agamenon lhe é insuportável. Tentar justificar o rei pelo sacrifício de Ifigênia, é abominação.

GILDA ELIANE: Passou a desprezar sua filha Electra, expulsando-a do palácio. A princesa idolatrava o pai. Desejava sua vitória em Tróia. Ansiava por sua volta para casa como um grande herói e – maldição – entendeu como necessário o sacrifício de Ifigênia, no propósito de acalmar Ártemis. Clitemnestra, em seu ódio ordena também, sob

ameaça de morte, o exílio de seu filho Orestes, o sucessor do trono.

No palácio permaneceu a princesa Crisóstemis. Acomodada em seus privilégios não intercedeu pelos irmãos. Submetia-se à mãe em tudo o que a rainha quisesse fazer.

NEIVA: Os fios desenham o dia da chegada a Micenas, do rei vitorioso. Sua entrada no palácio é triunfal. A fiandeira da morte observa atenta a grande cena que Agamenon protagoniza. Estica o fio e prepara o punhal.

Com a ajuda de seu amante Egisto, Clitemnestra divide ao meio a cabeça do rei, enquanto ele se banha. O sangue jorra por todos os que Clitemnestra amou. Ifigênia está vingada.

REGINA: As fiandeiras implacáveis dirigem sua atenção para a rainha e seu amante. Por incitação de Electra, pelas mãos de Orestes que voltou ao palácio, a fiandeira corta o fio. O punhal do príncipe rasga a garganta de Egisto e, em seguida, dilacera as entranhas de sua mãe. A machina fatalis – para Clitemnestra e Agamenon – encerra os movimentos da sua engrenagem e dá início ao rolar das correntes na direção de Electra e Orestes, filhos dos reis de Micenas.

NEIVA: Muito bem!!! Nada como uma boa tragédia grega. No final, danam-se todos (as meninas riem e ficam à vontade no palco). Gurias, meia hora pro café, xixi e papo.

(Odelair senta à mesa com cara de ostra. Claudete vai ao seu encontro).

CLAUDETE: O que há com você Ode? Aconteceu alguma coisa?

ODELAIR: As moiras fiandeiras continuam implacáveis. Com seus teares e novelos, continuam traçando pra cada um de nós, momentos de felicidade e outros tão terríveis, que nos tiram a vontade de viver.

CLAUDETE: Será mesmo Ode, que tudo está escrito? Será mesmo que estamos escravizados ao destino? Será que não temos escapatória?

(As meninas vão se aproximando das duas).

ODELAIR: Essas Moiras, com seus malditos fios, me aproximam de Clitemnestra.

Vejam meninas, nesta peça estamos narrando o sofrimento dessa mulher. Estamos narrando sobre uma menina que teve sua vida ceifada aos 15 anos.

Estamos contando sobre um homem, marido e pai, que cagou pra filha e pra sua mulher, porque só pensou nos interesses de seu umbigo podre.

GILDA ELIANE: É, gente!!!! Os dramaturgos gregos já naqueles tempos disseram tudo sobre a condição humana. Sobre o que temos de bom, sobre o que temos em nós de tenebroso.

REGINA: Meninas, Deus nos deu livre arbítrio. A vida é aprendizado. Quem não presta atenção nas pessoas e nas coisas que acontecem à sua volta, dança sobre chapa fervente.

NEIVA: Credo gurias!!! Mesmo com altos e baixos, a vida é maravilhosa. Todos nós temos qualidades e defeitos. Alguns, têm mais qualidade que defeitos. Outros, mais defeitos que qualidades. Cabe a nós, escolher como queremos viver. Com quem queremos conviver.

ODELAIR: Hoje, mais do que nunca, Eurípedes com sua tragédia “Ifigênia em Aulis”, tocou no mais fundo da minha alma.

Exatamente nesta data, há sete anos, Beatriz morreu.

REGINA: Meu Deus, é verdade! Sinto muitíssimo amiga. Ninguém supera a perda de um filho.

(As meninas abraçam Odelair).

NEIVA: Minha afilhada. Hoje estaria com 22 anos. Beatriz era uma menina do bem.

ODELAIR: Estaria viva não fosse o calhorda do pai – encharcado de cachaça, como sempre – ter exigido levá-la àquela festa. Como eu supliquei pra que ele não insistisse, mas Beatriz – apesar de tudo – adorava o pai e não quis magoá-lo.

GILDA ELIANE: Vocês lembram, bêbado, em alta

velocidade, demoliu o carro contra um muro. Nossa Senhora do Pilar, como foi horrível aquela cena!

CLAUDETE: O cretino saiu ileso e Beatriz com fratura de crânio, morreu no hospital. É inacreditável o que aconteceu!

OELAIR: Minha filha foi e nada a trará de volta, mas não posso perdoar Alexandre. Não pude e não posso esquecer. A dor foi tanta, o ódio tão fervente que depois da missa de 7º dia, vocês sabem, saí de casa e nunca mais quis ver ou saber dele. Nem pra tratar da separação. Ele, também, nunca me procurou. O cretino sabia tudo o que ele iria ouvir.

REGINA: Você teve peito Ode. Sair de casa. Abandonar tudo. Trabalhando como atriz, sem um puto tostão.

OELAIR: Quem não tem amigos está morto. O carinho da minha família, de vocês, foi o que me deu alento.

Um dia cheguei a pressionar uma lâmina no meu pulso. Teatral, eu sei, mas minha vontade era desaparecer deste mundo.

Vocês acreditam que Alexandre telefonou pra mim? Eu até pensei que o assunto seria o divórcio, mas não, era a venda da casa que, aliás, foi presente de casamento de meus pais.

Marcamos no apartamento, hoje, às duas horas. Pra não variar, chegou de porre. Com um aspecto que me fez sentir pregos no estômago. Não sei bulir lucidamente com essa situação. Poupo vocês dos detalhes sórdidos da conversa.

REGINA: Aquele fiofó chupando manga aparece depois de sete anos, na data que a filha morreu, pra discutir negócios? Não falou em Beatriz?

OELAIR: Não tocou no nome da filha. Vocês tinham que ver o tipo, cheio de gás. O dono do "putero".

GILDA ELIANE: Imagino o que você deve ter sentido. Depois de tanto tempo e de tudo que aconteceu, ter que encarar aquele Tiranossauro Rex.

OELAIR: Garanto a vocês que foi um tormento. Sentamos à mesa da cozinha e ele teve a audácia de pedir whisky. Assistindo Alexandre beber, já na terceira dose,

falando enrolado, espumando, meu pensamento voltou pra Beatriz ensanguentada no carro retorcido. Ela no hospital.

Morta no caixão. Gente, entrei em erupção vulcânica. Minha filha morta aos 15 anos – por culpa dele – e o safado ali, vivo, falante, fazendo graça, encharcando o pacová de álcool.

CLAUDETE: Numa hora dessas dá pra entender o que seja a ira bíblica. Ode, como você pôde ficar casada com esse sujeito tanto tempo? Alexandre não valia e não vale nem o que vomita.

ODELAIR: É aquela coisa da paixão. A ilusão idiótica de que um dia o cara mudaria. A debilidade mental da mulher que tenta, que quer ser feliz, apesar de um cotidiano de merda. Foi isso. É aquele velho ditado espanhol: “cria corvos ao teu redor pra que te arranquem os olhos”.

NEIVA: Mulherada, por favor, fiquem espertas! Estudem. Trabalhem. Pensem na vida. Exijam respeito. Ajam. Reajam. A vida é uma só e curta. Sem medo meninas. Vamos à arena. Casamento não é emprego. Casamento não é pra eternidade.

GILDA ELIANE: Deus nos livre da ignorância. Da pasmaceira. Da submissão. De ter que chorar lágrimas de sangue porque não se teve peito pra tomar atitudes, na hora certa.

Perdoe Ode, mas essa é a tragédia de muitas mulheres. Suportar o insuportável.

ODELAIR: É verdade, quando a gente acorda Inês está putrefata. Gurias, chegou um momento que não pude mais aguentar a presença de Alexandre. Se, realmente, ele estivesse prestando atenção em mim, ainda que podre de bêbado, teria percebido o ódio avassalador que sinto.

Gente, eu despiroquei. Levantei da cadeira, peguei uma faca, encostei meu corpo em seu braço direito, puxei sua cabeça pra trás e passei com força a lâmina na garganta. De cabo a rabo. A coisa foi tão rápida que ele me olhou com espanto, gemeu, deu uma tremida e entrou no bico do corvo.

Joguei seu corpo sobre a mesa. Indiferente, fiquei

olhando o sangue escorrer e pingar no chão. Deixei o filho das mil putas na cozinha e fui tomar banho pra vir ao ensaio. Vocês podem não acreditar, mas até cantei no chuveiro.

Clitemnestra ressuscitada, mais sanguinária do que nunca.

REGINA: Despirocou mesmo Ode. Matar Alexandre assim, sem mais aquela? Você podia ter dado umas porradas. Chamar aquele praga de tudo, mas degolar a criatura, você exagerou mulher!

ODELAIR: Se tivesse tempo esquartejava aquilo como carne de açogue.

NEIVA: Ode, que rebuceteio. Estragou sua vida pelo borra bosta do Alexandre.

CLAUDETE: Você percebe, santinha, que indo em cana merdeias com o espetáculo? Não pensou nisso? Não pensou em nós? No dinheiro que já gastamos na produção? Não lembrou, caralho, do tempo que estamos ensaiando esta peça? Se Glauco estivesse aqui, teria um enfarto.

A polícia vem atrás de você. O que vai fazer? O que nós fazemos?

ODELAIR: Coisa nenhuma! Confesso o crime e pronto. Como Medéia pediu a Creonte, eu precisava de "um só dia". "Um dia só" pra executar minha vingança. Vou em cana feliz da vida. Enfim, surgiu a oportunidade que eu esperava. Elisa pode me substituir, sabe todas as falas e todas as marcas. O espetáculo estreia na data marcada. Ninguém será prejudicado!

(Toca o celular de Odelaire que faz um gesto pra Gilda atender).

GILDA ELIANE: Alô! É Gilda. Quem? Quem está falando? (Olha pras outras aturdida) Desculpe, quem é mesmo? Alexandre? (Super clima) Um momento, vou passar pra ela. (Estende o telefone pra Odelaire. As meninas estão de cara! Regina aplaude a convincente performance. Odelaire agradece como uma bailarina. Pega o telefone).

ODELAIR: Fale! Ocorre que esperei por você. Se não pôde ir na hora combinada e não teve a gentileza de me avisar,

imensa pena! Eu disse que tinha ensaio. Não ia ficar coçando a checa esperando Goudot.

Soube que você quer vender a casa. Olha, a casa é importante pra você, estou me lixando. Se quiser vender venda. Morou nela todo esse tempo, sem se tocar que a casa é minha também.

Alexandre, lembra que nesta data, há sete anos, Beatriz morreu no acidente que você provocou? É! Pois é! Acredito!!!

Eu sei que tenho que assinar os papéis. Amanhã, nem pensar. Agora, só depois da estreia do espetáculo. (Faz um gesto pra Claudete, que ficou preocupada com o destino da peça). Não, não, por favor, não telefone nem me procure. Vou falar com minha amiga Taninha que é advogada. Anote, dia 5 de junho, às 10 horas, direto no Cartório. Pode tratar também do divórcio. Fique tranquilo, não quero nada de você. Vamos enterrar definitivamente esse assunto. (Desliga o telefone). Eu, ainda, não matei aquele desgraçado.

REGINA: Pelo amor de Deus Ode, isso é brincadeira que se faça? Cã, quase nos mata de susto!

CLAUDETE: Clitmenestra ressuscitada mais sanguinária do que nunca...

Sanguinária estou eu, com essa sua "brincadeirinha".

NEIVA: Uma atriz jamais perde oportunidades, pra fazer sua performance.

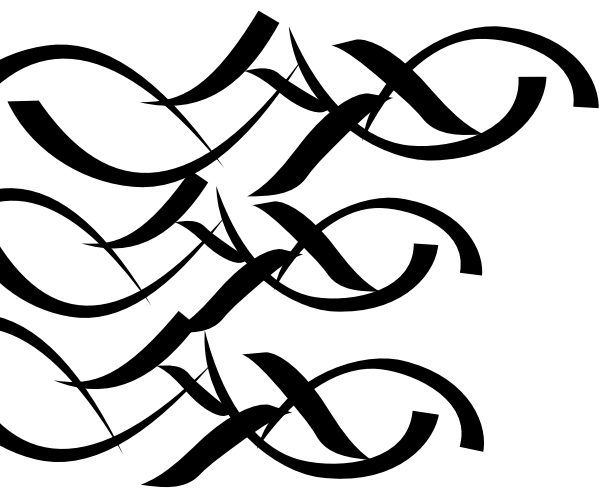
GILDA ELIANE: "Deliciosas", em suas marcas. Vamos recomeçar o ensaio.

(Cai a luz. As meninas brincam entre elas. Abraçam Odclair).

"A Força do Destino" volta a mil. As atrizes colocam-se pro agradecimento.

Luz total no palco.

FIM



CONVITE À REFLEXÃO

A dignidade profissional do artista, técnico e do produtor em espetáculos de diversões e, a consequente reputação positiva/credibilidade da mesma classe junto à sociedade e aos governantes, será resultado do trabalho responsável e competente dos que integram esse segmento.

Desprezar esta importante questão, é contribuir pra visão preconceituosa da sociedade em relação aos profissionais cênicos, aos artistas em geral.

Ignorar este enfoque é contribuir pra continuidade da marginalização da classe artística. Igualmente, pro desrespeito com o qual temos – por muitos e em muitas ocasiões da trajetória da classe – sido tratados.

Cumprir e fazer cumprir a Lei nº 6.533/1978, que regulamenta a nossa profissão, é o primeiro e decisivo passo pra conquistarmos o respeito da sociedade.

O profissional cênico, em sua própria proteção, deve procurar contribuir pra Previdência. Fazer plano de saúde e ter sua própria casa. Pensar nos tempos das vacas magras. Da velhice. Das enfermidades possíveis.

A ARTE – expressão da cultura de um povo – nos ensina a História da Civilização, é a manifestação do espírito, do intelecto. A expressão do que há de melhor, de mais belo, de mais rico no ser humano. Por meio da Arte, tem sido marcado o grau de evolução dos povos.

As “ARTES DA PALAVRA”, por sua vez, em sua fundamental importância, por espelhar a vida em sociedade, nos mostram a dimensão do estágio social, intelectual, político, cultural, dessa sociedade em seus vários períodos.

No trabalho com as “ARTES DA PALAVRA” – neste caso, o teatro, a ópera, o cinema, a teledramaturgia – é nosso papel como profissionais da área, ponderarmos sobre a importância e a repercussão de tais ações artísticas, as quais

tratam – no pensamento expresso pela linguagem – sobre o nosso cotidiano, sobre a condição humana.

Deve-se considerar que a obra a ser criada / encenada, “mexe com a cabeça” do espectador, podendo dar-lhe oportunidades pro autoconhecimento, pro conhecimento, abrindo-lhe portas pra visão de mundo.

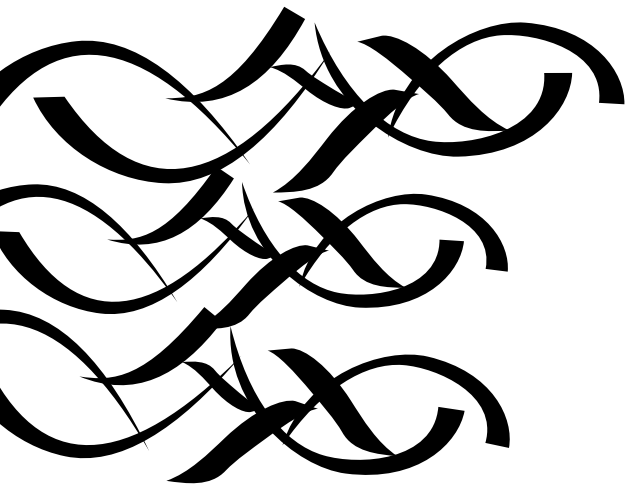
O espetáculo, além de aflorar-lhe emoções / a sensibilidade, certamente, contribui pra reflexão, pra despertar no público senso crítico, pra acender sua consciência política, o que vai impulsioná-lo ao exercício de seus direitos e deveres de cidadania, sem os quais a vida em conjunto torna-se catastrófica.

As “ARTES DA PALAVRA” – sabemos – têm tido, historicamente, o poder de mover a sociedade nas mais diversas direções. Aí está a sua força. Os artistas são também formadores de opinião.

O papel do profissional cênico, sem dúvida, é o de dar sua contribuição pra que a pessoa, ser social / político, no processo de desenvolvimento cultural, seja PROTAGONISTA da obra / mundo que queremos vivenciar: com paz, justiça, dignidade, solidariedade, generosidade, liberdade, segurança, ética, prazer e alegria, o que pode nos direcionar ao alcance da felicidade.

Tudo começa, penso, com o respeito que cada um deve a si mesmo como pessoa e como profissional. Com o respeito que devemos aos outros.

Com o compromisso de respeitarmos o planeta no qual vivemos.



AS FILHAS DE LOT

Os homens que escreveram a Bíblia em suas várias versões, em alguns episódios, fizeram Deus ser conivente com barbáries produzidas por seus prediletos, dos primeiros tempos.

Sara, grávida após séculos de esterilidade, dá à luz Isaac. Abraão, primeiro patriarca, tinha um filho com a escrava egípcia Agar – Ismael.

Sem qualquer compaixão, Sara manda expulsá-los do acampamento pra que, de preferência, estrebuchassem no deserto. Abraão concordou com tal ignomínia.

Agar e o filho, já sofrendo as agruras da vastidão vazia e escaldante, suplicam a Deus que não os deixe morrer. O Plus Ultra tocado pela situação, atende o que Lhe pedem Agar e Ismael. Faz jorrar água e permite que cheguem ao seu lugar de destino.

Isaac será o iniciador do povo judaico. Ismael, do povo árabe.

De Abraão, como arquitetou Deus, descenderiam mais seres humanos que as estrelas que brilham no firmamento. Irmãos, pra viver em paz, com solidariedade e justiça. O Criador deve sentir-se frustrado.

No mesmo acampamento – na terra prometida ao caldeu vindo de Ur – chegam três homens de extraordinária beleza. Anjos, cuja missão era acabar com a esbórnica que rolava em Sodoma.

Abraão, agora cheio de compadecimento, pergunta aos anjos se a cidade seria poupada se lá residissem 50 pessoas do bem. Como não existiam tantas, foi barganhando até chegar a 10.

Muito bem, os anjos toparam o jogo. Ocorreu que não havia nem 10 criaturas, vivendo conforme os preceitos.

Lot, sobrinho de Abraão, morava em Sodoma. O tio

pediu aos celestiais que o procurassem. Uma vez que era homem decente, deveria ser poupado do massacre agendado.

Assim que os anjos chegaram à cidade – resplandescentes – chamaram a atenção da malta, que não perdoava os “países baixos” de ninguém. Com aquelas maravilhas novas em folha, não haveria de ser diferente.

Lot pediu à turba, que seus hóspedes não fossem molestados e no lugar deles – mais uma vez as mulheres jogadas às feras – ofereceu as duas filhas virgens que com ele moravam.

A gentilha enlouquecida, não queria saber de virgem nenhuma. Queria, isso sim, “conhecer” os rapazes recém-chegados. Insistiram tanto e tão violentamente que o chicote foi imediato e implacável. A cegueira baixou geral.

Os anjos pediram que Lot saísse, de imediato, com sua família daquela Sodoma já no bico do corvo.

Lot correu pra avisar seus genros e suas filhas, sobre a hecatombe anunciada. Os antas astecas não acreditaram. Pensaram que o velho estava delirando, estava fubá.

Levando o que puderam, saíram da cidade. Lot, sua mulher e as duas filhas, sob a determinação que seguissem sem olhar pra trás.

A mulher voltou a cabeça no momento momentoso, que Sodoma estava recebendo a resposta de Deus, com muito fogo e muito enxofre. No mesmo instante, transformou-se em estátua de sal. Dizem que está lá até nossos dias.

O desastre foi total, sobrando pra Gomorra, cidade vizinha, o mesmo fogaréu por sua podridão ambiente.

Com medo de se estabelecerem em lugar aberto, abrigaram-se numa caverna. Às meninas pareceu que o mundo tinha acabado, tamanho foi o freje nos arredores. Pensaram que com eles não só acabaria a dinastia de Lot, mas também a raça humana.

Diante desse panorama trágico, decidiu a mais velha

que deveriam dar de beber vinho ao pai e, com ele fazer filhos. Lot – como conta o contador desse episódio, no cuidado de não caracterizar incesto consentido – de porre nocauteador, mas viril e ejaculante, cumpriu seu papel sem dar-se conta do que estava acontecendo.

Moa nasceu da primogênita e deu início ao povo moabita. Da mais nova nasceu Ben-Ami que gerou os amonitas. Claro que mais tarde deu chabu, como gostam os seres humanos.

Raciocinando, vê-se que muitas vezes a Bíblia registra estórias arrepiantes. Em vários episódios, é uma obra de terror.

Nas circunstâncias, a decisão das filhas de Lot em transgredir, foi a salvação. Aplausos às meninas e ao velho que de fubá não tinha nada.

Já que estamos falando em incesto, Caim matou seu irmão Abel por inveja. Deus, atento aos menores detalhes de tudo, perguntou-lhe: “aonde está Abel?” Caim respondeu: “e eu sou o guarda do meu irmão?”

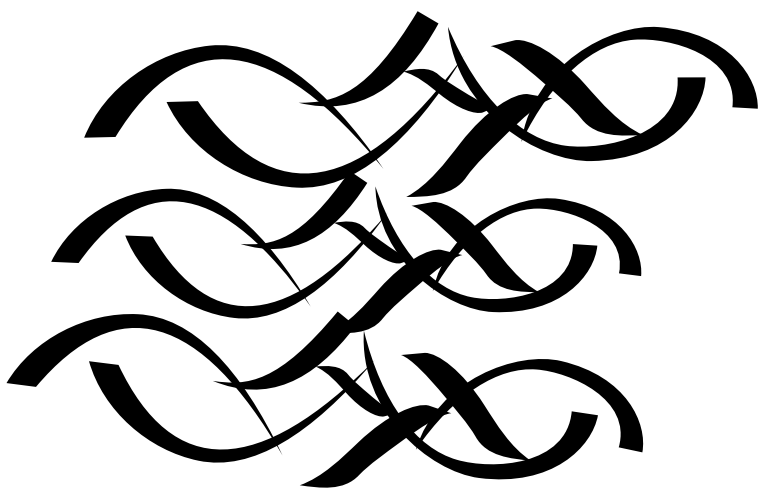
Achando-se o “esperto” tomou na tarraqueta. Foi marcado na testa com o sinal do amaldiçoado. Deus deixou claro que ninguém poderia puni-lo. Caim evadiu-se do local e perambulou pelo deserto. Encontrou mulher e constituiu família.

Cabe a pergunta: que mulher era essa? Com quem fez os filhos que lhe garantiram a posteridade? Voltou pra casa? Copulou com a mãe? Nessa parte do Livro não se fala na existência de irmãs. Entrou num Universo paralelo?

E assim, multiplicou-se a humanidade.

A História das Civilizações não nos deixa ter ilusões idióticas.

O ser humano – na sua essência – é podre. O que “salvou” a espécie e pode continuar a nos proteger uns dos outros, de nós mesmos, foi e é a gloriosa capacidade de raciocínio, de discernimento. Usemos-as com fartura.



SOMOS TODOS ANTAS ASTECAS?

As inovações, os avanços são essenciais pro desenvolvimento pessoal e da sociedade.

O frescor dos novos ventos, nos abre o apetite pra criar, fruir, viver.

Muitos talentos se afirmam, despontam neste tempo, com criações – nas várias áreas artísticas – de primeira qualidade, que contemplam conteúdo e fácil entendimento ao público.

Nas artes - como em tudo - o experimento traz estímulo, conhecimento, crescimento, aprimoramento.

O que não se pode é, misturar A com Z. Ouvir o galo cantar e não saber onde está o puleiro.

Seguir as modas tão somente pra acompanhar a manada – sem ter embasamento pra essa caminhada – não nos leva a lugar nenhum.

Pra tentar o novo é preciso estudar, conhecer o que existia antes. Respeitar as obras artísticas do passado. Muitas delas, magníficas. É necessário aprender com elas, não desprezá-las. Alguns têm consciência disso. Outros fazedores de arte contemporânea, diminuem as criações consagradas.

O Teatro feito com coerência, com começo, meio e fim, com enredo entendível e com conteúdo, com texto porrudo, com direção segura e competente, com belas criações que correspondem à ideia do autor e do diretor, com personagens instigantes que exigem investigação, experiência de vida, assimilação, pra se poder interpretá-los, é chamado – pejorativamente – de "teatrão". Tudo pode ser arte no embalo da contemporaneidade.

O recém-nascido acha-se diretor de espetáculo, diretor de cinema. O borrão, a massa disforme, sem impacto, sem graça, sem apelo ao intelecto, às emoções, é pintura, é

escultura. Algumas das “instalações” ferem a sensibilidade, a inteligência de muitos.

O que não tem voz nem afinação, é cantor / cantora. Porque são bonitinhos e modernosos, a moça, o rapaz, são atores. O som ensurdecedor com letras indescritíveis, é música.

Na área da Dança, alguns coreógrafos levam bailarinos à varrer o chão, à rolar uns sobre os outros e sobre coisas impensáveis. Movimentos que se repetem ao infinito. Uma chatice!

O ator “pelado” em cena, sem dizer palavra por intermináveis minutos, resulta de “criação genial”.

Alguns escritores, poetas, críticos de arte, cineastas, autores teatrais, etc., usam linguagem da Constelação do Cisne, que a maioria dos terráqueos não consegue entender.

Pra alguns, esse nada é tradução das novas técnicas, das novas linguagens. Alguns estão experimentando tanto, desconstruindo tanto, avançando tanto, inovando tanto, que nem os aficionados aguentam.

Não se sabe o que pensar: falta de aprendizado? De bagagem cultural? De talento? Tudo não passa de simples brincadeira?

Alguns, oportunistas, aproveitam o vazio destes tempos, pra pretender que estão fazendo ARTE.

Pra não serem julgados pré-jurássicos, alguns jogam-se no chão louvando o “artista” e sua “obra”.

Refresquemos a memória: os trágicos e cômicos da Grécia Antiga, assim como Shakespeare, apresentavam suas peças teatrais, pro “povão”.

Obras tão formidáveis, que sobreviveram ao passar dos séculos e, hoje, são clássicas.

O grande público, ou seja, o “povão” adorava as peças, e as entendia. Era assíduo aos espetáculos de teatro.

Será que “emburrecemos” com o girar do tempo? Não era pra ser ao contrário?

O Teatro de Pavilhão – tradicional na região sul do país – levou à toda sorte de plateias, obras teatrais clássicas, com seus atores de grande gabarito artístico, que encantavam e continuavam encantando quem as assistem.

Aproveitando o ensejo: as manifestações populares merecem incentivo e difusão, porque mostram o que somos, o que temos de criativo, belo e rico.

Hoje, na cabeça de alguns “militantes” político – partidários, ligados aos órgãos da Cultura, arte popular é sinônimo de coisa “reba”.

Todas as artes – em que degrau estejam – são populares. O artista quer mostrar suas criações, seu trabalho ao grande público, ou seja, ao “povão”.

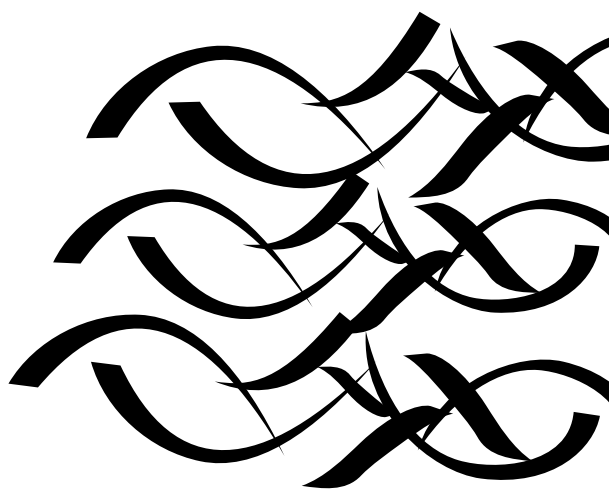
Nos países desenvolvidos, o povo tem acesso – e gosta – de todo tipo de arte. Está educado pra tanto.

Esses “militantes” querem alijar – por “elitista” – a arte fruto de estudo, de elaboração, de trabalho exaustivo, de talento, realizada por profissionais que atuam nessa área.

Infelizmente, vivemos tempos nos quais o erudito, o clássico, o refinado, são uma “afrota” ao povo. Esse “entendimento” – pode-se concluir – parte de pessoas com propósitos outros, que não têm nada a ver com o artístico-cultural.

Se o grande público, ou seja, o “povão” continuar a não ter acesso e não for educado pra apreciar as artes, pra pensar, entender, assimilar o que o artista quer dizer, certamente, permanecerá na indigência intelectual.

Será que é exatamente isso o que pretendem os “Tonantes” da hora?



A SENHORA NO ANDOR

Agosto é o mês da padroeira de Antonina, Nossa Senhora do Pilar. Quinze é o seu dia.

A moça lembra como a cidade se empenhava, pra que os festejos fossem à altura da devoção que os capelistas dedicavam – e dedicam – à sua santa.

As novenas preparatórias eram concorridíssimas, também, pra ouvir o Coro e os instrumentistas – fantásticos – sob a regência da professora de música Nhá Anica (compositora, executante de vários instrumentos), tia avó da moça. O ponto alto era a jaculatória: “Virgem Santa do Pilar, nossa mãe, nosso futuro. Sois a Estrela Polar, brilhando no céu escuro...”.

A melodia, de extrema doçura – valorizando o belo poema de Thiago Peixoto – fazia a emoção explodir. Muitos, sem qualquer constrangimento, deixavam verter cataratas de lágrimas.

No altar, sobre o pedestal de mármore, pequenina, com o menino nos braços, rodeada de flores, velas e anjos – os vivos e os de gesso – a padroeira parecia receber as homenagens com enorme carinho pelo seu povo. O braço estendido como nos chamando ao seu regaço.

Depois das orações, a queima de fogos de artifício. As pessoas reunidas na praça, sentiam a cidade estremecer com o estrondo dos foguetes. Encantavam-se com a chuva de cores. As “lágrimas de prata” eram as protagonistas do show.

Na semana do grande dia, os clubes promoviam bailes de arromba, com importantes orquestras. Na praça, já estavam instaladas barraquinhas de jogos, comes e bebes e tudo o que o comércio pudesse vender.

A praça, à noite, animadíssima, era o ponto de encontro das famílias capelistas e dos inúmeros visitantes. Naqueles dias, os antoninenses residentes em outros

municípios costumavam voltar à cidade. Um deles que nunca perdeu a Festa, Pio Taborda Veiga e sua mulher, Maria Verena.

O dia 15 começava com a alvorada festiva, às seis horas da manhã. Os sinos das igrejas preenchiam o ar. A banda desfilava nas ruas num empolgamento contagiante. Mesmo sendo bem cedo, muita gente ia vê-la passar.

Às 11 horas a missa solene. Imperdível! Todos vestiam roupas novas mandadas fazer, especialmente, pra ocasião. As mulheres luziam-se em seus trajes e com seus penteados preparados com papelotes. Entre outras muitas, minha professora querida, Dorothy Pinheiro Lima – linda como uma estrela de cinema – provocava admiração geral.

Elegantísimas, as irmãs Feres: Juni, Gene e Jane. Também, Olguinha e Therezinha Mussi e Lucinha Corrêa. As mulheres Azim. As Nascimento Pinto, abafavam. Diva e Arailde nos trinques, sempre. Eta tempo bom!!! Que saudades!!!

O padre paramentado em gala, envolto por nuvens de incenso, rezava em latim. O Coro superava-se na beleza da Missa de Galotti. A consagração da hóstia e do vinho – acompanhada com o badalar das campainhas – prostrava os fiéis em enlevo e recolhimento. Naquele momento, o filho de Maria presente na nave, também, reverenciava sua mãe.

Terminada a cerimônia, no outeiro – com aquela esplêndida vista pro mar – as pessoas conversavam animadamente, trocando abraços.

A hora do grande almoço. Serviam-se banquetes dignos dos imperadores chineses. As cozinhas das casas movimentavam-se durante toda a semana. Eram muitos os convidados e na mesa o melhor: linho bordado, porcelana, prata e cristal.

Na casa da moça, depois do variadíssimo cardápio, a sobremesa principal era ambrosia – com a receita secreta de Nhá Anica – sem dúvida, o manjar dos deuses olímpicos.

A procissão saía às 17 horas. A cidade inteira estava

presente. A banda recebia a Senhora no final da escadaria. A vista da imagem fazia o coração acelerar. O fervor das preces, dos cânticos e os contritos pagadores de promessa, testemunhavam o valor da santa.

No trajeto, com sua coroa de ouro, seu manto azul, Jesus no colo, parecia flutuar no andor coberto de flores. As mulheres faziam a ornamentação e o manto pro dia.

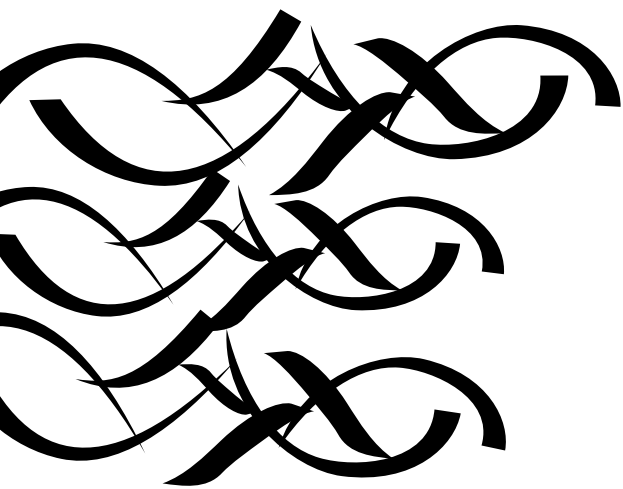
Os homens disputavam a honra de conduzi-la. Nerea, minha mãe, que não abria mão de levar o andor, tinha lugar cativo no trecho Igreja / Rua Ermelino de Leão.

A Senhora percorria as ruas – nós sentíamos – sorrindo docemente. Percebia-se nas pessoas, a certeza da benção poderosa.

A moça lembra, que quando menina, corria à frente do cortejo, emocionada, sem cansar de vê-la passar, majestosa.

De volta à Igreja, a novena de encerramento. Apoteótica. Depois, o derradeiro espetáculo pirotécnico. O gran finale era a Matriz, reverberando em luzes prateadas.

Neste mundo que se torna – pobres de nós! – cada vez mais perverso e insano, é um oásis a presença da santinha em nossas vidas.



BARREADO DE ANTONINA

Prato típico do litoral do Paraná, delicioso com suas carnes variadas e seus mil temperos. Come-se com arroz e / ou farinha de mandioca, de Antonina. Pra quem gosta, com laranja e banana.

Inúmeros foram os almoços na nossa casa, oferecendo-se esse prato com todos os seus rituais.

Minha mãe divulgou o Barreado estadual e nacionalmente, por meio da Revista Claudia, bem como nos vários encontros de profissionais de diversas áreas, os quais ocorreram no Clube Náutico de Antonina, no período em que Nerea foi comodora.

Receita incrementada por Nerea e Maria Souza:

INGREDIENTES:

CARNES: alcatra / coxão mole / peito / toucinho cru.

Quantidade pra 30 pessoas:

6 quilos de ALCATRA

6 quilos de COXÃO MOLE

3 quilos de PEITO

1 quilo de TOUCINHO.

TEMPEROS:

Cominho, alho, cebola, louro, manjerona, vinagre, cheiro verde, pimenta do reino, pimenta de cheiro e sal.

COMO PREPARAR:

Cortar as carnes em cubos, temperar com todos os ingredientes e deixar ficar numa vasilha a noite inteira.

Pela manhã, às 10 horas, colocar a carne com todos os temperos na panela de barro, já curtida. O toucinho deverá ser cortado, uma parte em tiras fininhas pra forrar a panela, outra parte cortar em cubos e colocar junto com as carnes.

Levar ao fogo e quando entrar em fervura, provar. Se

o sabor estiver a gosto, tirar do fogo e cobrir a panela com uma folha de bananeira, devidamente “sapecada”. Amarrar a folha com barbante grosso, bem firme, na borda da panela. Colocar a tampa e lacrar com a seguinte massa:

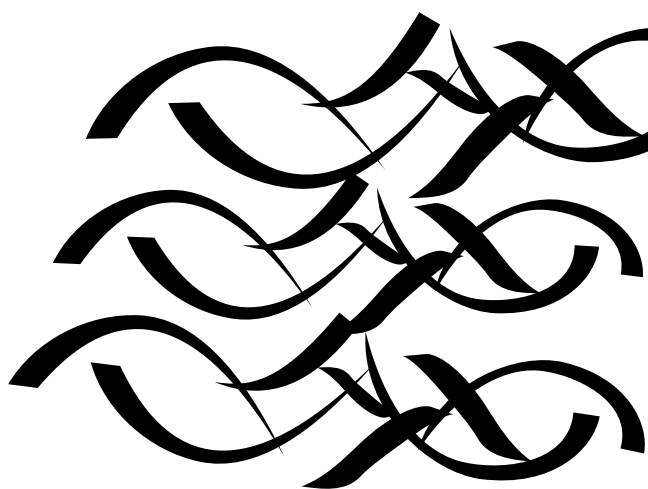
Farinha de mandioca “surui” e cinza, um pouco d’água até o ponto que dê pra barrear-la.

Se durante o cozimento sair “bafo”, barreia-se novamente o lugar do vazamento.

O Barreado deve ser feito, preferencialmente, em fogão à lenha, em fogo brando, das 15 horas em diante e por toda a noite. Por volta das 7 horas até às 11 horas manter em fogo alto. Após, em fogo brando, até a hora de servir.

Nerea, comemorava – e nós da família, continuamos a tradição – a abertura da panela de Barreado com fogos de artifício, toque de sino e cantando o Hino de Antonina.

O BARREADO É UMA FESTA!!!



VIA DOLOROSA

Páscoa, tempo de reflexão sobre os ensinamentos de Jesus.

Lamentavelmente, antes, durante e depois do Nazareno, o ser humano foi e é capaz de tudo pra alcançar o que ambiciona.

É claro que as religiões e as filosofias contribuíram e contribuem pra que seres pensantes, vivessem e vivam com decência.

As mensagens de Jesus, nos três anos que falou ao seu povo e depois registradas nos Evangelhos pra todas as gentes, muitas vezes, são temas de inflamados discursos não levados à ação.

Pra alguns, a pregação teatral e catártica rende montanhas de dinheiro.

Os cristãos celebram na Semana Santa, os últimos dias do Mestre em Jerusalém. O fechar das cortinas de sua missão entre os mortais.

A moça lembra que em Antonina a família participava das cerimônias. A procissão da sexta-feira Maior era o máximo. Multidões acompanhavam o féretro, vestidos adequadamente pra ocasião solene.

A imagem de Jesus em tamanho natural – a escultura, com cabelos verdadeiros, tão perfeita que inspirava medo pelas marcas do flagelo e a expressão do sofrimento – era conduzida num esquife roxo.

Rezas e cantos fúnebres acompanhavam o percurso. As matracas eram batidas de tal forma que arrepiavam geral. Dona Sandra Mussi, toda de preto, fazia Verônica. Em lugares estratégicos cantava e desvendava, aos poucos, o pano com o qual a piedosa mulher enxugou o sangue e o suor do rosto do condenado. Que cena formidável!!!!

No templo do deus Quetzalcoatl Borboleta – “a

serpente emplumada” – em Teotihuacan/México, está escrito “O Tempo Passa Inexoravelmente Ponto.” Muito bem!!! Com o passar do tempo, são inexoráveis as mudanças.

Hoje, a celebração transformou-se em espetáculo. Os atores ao vivo e em cores mostram as Estações, em especial, nos pontos turísticos da cidade. É bonito e emocionante, sem dúvida. Pena que algumas pessoas acompanham a trajetória como se estivessem na farra. Conversando, fazendo piadas, rindo, gritando, tomando cerveja, comendo, berrando palavrões na disputa por melhores lugares pra apreciar a encenação. Mais que tudo, pra ver os artistas que vem de fora.

Os passos derradeiros: a Santa Ceia com os apóstolos (Maria Madalena estava presente?). No Monte das Oliveiras, Jesus sua sangue. Os apóstolos dormem. Com a chegada dos soldados, Pedro tomando a espada de um deles, decepa-lhe a orelha. O Mestre reprova a violência. O beijo de Judas. A prisão. O julgamento de Caifás. A negação de Pedro. Iscariotes recebe as prometidas trinta moedas. Arrepentido, as joga fora. Enforca-se. (Judas, nasceu pro papel. Se não fosse desse modo, a profecia não se teria cumprido. Sua alma, com certeza, não arde no “fogo do inferno”).

A ordem de Pilatos: flagelação. Os açoites. A coroa de espinhos. A humilhação do manto rubro e do cetro de bambu. O pronunciamento do governador romano: ele ou Barrabás? Grita o povo: “Barrabás!!! Barrabás!!!”. Pôncio lava as mãos. Jesus é condenado à cruz.

A caminhada sob insultos. As quedas. Simão de Cirene leva a madeira pesada. Verônica. Com os dois ladrões no Gólgota. A crucificação. Ao bom ladrão Jesus prometeu: “ainda hoje estarás comigo no Paraíso.”

Maria, Madalena, Salomé e João aos pés do moribundo, em desespero. Os outros apóstolos, cheios de medo, estão escondidos. A esponja com vinagre. A morte: “Eli, Eli, lammá sabactáni” – “está tudo consumado. Pai, em

tuas mãos entrego meu espírito”.

Com lugar cativo na Santíssima Trindade, o Filho intercede: "Pai, perdoai-os porque não sabem o que fazem". Jesus, conforme contam as Escrituras, naquela hora extrema "isentou" o ser humano das suas próprias crueldade. O vergonhoso é que sabíamos, sabemos o que fizemos e o que estamos fazendo.

A missão está cumprida. Trevas. Raios. Trovões. Rasga-se o véu do Templo. A terra treme. A lança de Longino perfura o peito de "Jesus de Nazaré, Rei dos Judeus"- INRI, como Pilatos mandou escrever na placa fixada à madeira.

A descida pros braços da mãe. Michelangelo, em sua magnífica "Pietà", registrou pra todo o sempre esse momento de profunda dor. A escultura está na Basílica de São Pedro / Vaticano, em Roma.

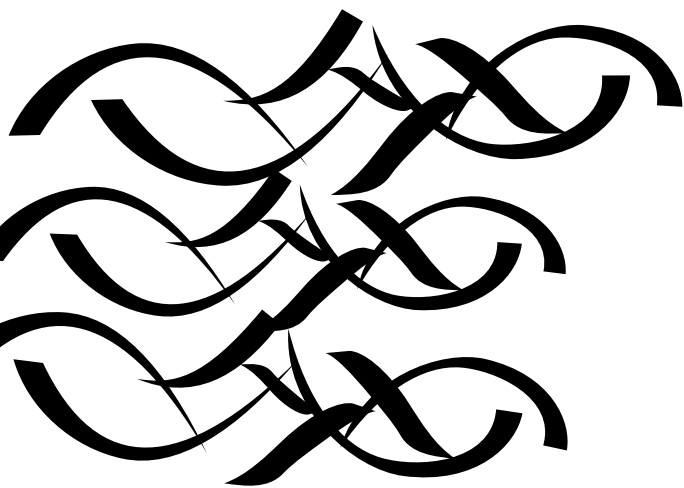
O enterro no túmulo de José de Arimatéia. A ressurreição. Maria Madalena fala com Jesus. Informa aos apóstolos que o Mestre está vivo. Alguns não acreditam.

A ascensão aos céus, na encenação, é feita em moderna tecnologia, com muito gelo seco. Fim do show.

Sem contrição, sem emoção, sem pensar sobre o que se está remembering, muitos aplaudem aos gritos e assovios e vão saindo apressados, empurrando os outros grosseiramente.

O público tem mais o que fazer naquele feriado como outro qualquer.

Passar a Semana Santa em Antonina, apesar do que observo, é sempre chocolate com recheio de marzipã.



DEPOIMENTOS

Adélia Lopes – Jornalista. Ex-assessora de Imprensa da Secretaria de Estado da Cultura.

Yara, guerreira.

Do tempo de trevas brasileiras, Yara Sarmiento é um dos símbolos de resistência cultural. Não temeu a luta. Batalhou, brigou, abraçou o Teatro Guaíra e deu as mãos à classe. Em tempos de luz, hoje, Yara só troca de arma, pois continua atenta ao que acontece nos palcos e seus bastidores. Fui e sou testemunha.

Áldice Lopes – Ator. Diretor. Figurinista. Maquiador. Produtor teatral. Diretor de produção do Centro Cultural Teatro Guaíra – CCTG.

Gostaria de falar de Yara a partir do nosso primeiro encontro, em 1983. Era aluno do Curso Permanente de Teatro (CPT) da então Fundação Teatro Guaíra (coordenado por Ivone Hoffmann). À época não a conhecia, mas já tinha uma grande admiração por ela como excelente atriz, glamourosa, requisitada pelos melhores diretores... Oraci Gemba, Roberto Menghini, Antonio Carlos Kraide, Eddy Franciosi...

Bom, naquela época, em 1983, o curso apesar de ter a grade curricular de 3º grau, não era reconhecido como tal pelo MEC. Nossa luta (alunos) era que esse curso fosse regulamentado. Foi aí que nossos caminhos se cruzaram. Numa das reuniões tempestivas para tratarmos desta questão, Yara como diretora artística e Gemba como superintendente, acolheram o pleito, posicionando-nos, orientando-nos e colocando-nos no caminho racional (éramos todos emocionais demais!). Dessa luta resultou o Curso Superior de Artes Cênicas, em convênio com a

Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUC, o que propiciou a criação do Curso Superior de Artes Cênicas da Faculdade de Artes do Paraná - FAP. E a partir daí a admiração, o carinho, o respeito, o companheirismo foi crescendo e, hoje, me dou ao luxo de ter Yara na minha casa para traçar discussões de editais, de leis e documentos, tudo relacionado com a Cultura. E saber que destas reuniões, sempre com a presença do amigo Isidoro Diniz, resultaram a articulação do Programa de Fomento ao Teatro no Estado do Paraná/2004. Propostas às Leis Municipal e Estadual de Incentivo à Cultura. Implementação das Câmaras Setoriais do Ministério da Cultura. Fundo Estadual de Cultura (FEC) e tantos outros projetos.

Feliz lembrança... e tudo isto, regado numa boa moqueca de camarão.

Ana Elisa Filizola – Assessora do diretor administrativo-financeiro do CCTG.

Yara é toda paixão. Conviver com ela é um privilégio. Suas conversas são muito prazerosas, com colocações muito inteligentes e adequadas; seus conhecimentos e sua erudição me encantam!!!

Muito generosa, está sempre rodeada de amigos e disposta a uma atenção especial a cada um.

Analaura de Souza Pinto – Pianista da Orquestra Sinfônica do Paraná do Centro Cultural Teatro Guaíra.

É com prazer que escrevo sobre Yara Sarmento, uma das mentes mais brilhantes que já conheci aqui no Paraná.

Seu grande talento como atriz, sua personalidade marcante pela alegria de espírito, pela inteligência e pelo talento são as referências do meio artístico sobre esta atriz, que sempre ecoaram em meus ouvidos desde 1985, época

em que passei a integrar a Orquestra Sinfônica do Paraná.

Diretora de artes do Teatro Guaíra, sensível e competente, militante solidária, incansável e imbatível nas ideias e na eloquente forma de expressá-las, sempre com impecável lucidez e destreza invejável, no exemplar domínio da narrativa, da oratória, do discurso.

Em todos estes aspectos, Yara Sarmento tem muito a nos ensinar. Generosa e elegantemente, Yara sempre divide conosco o seu saber, com inteligente e divertida maestria. Desafiadoramente, em conversas ou em debates, levando-nos sempre à profunda reflexão.

A meu ver, Yara Sarmento pertence à uma aristocracia de artistas, em que o refinamento no pensar e no expôr ideias, é a marca registrada. Uma rara elite que cultiva o conhecimento, reverencia e enobrece a arte.

À ela, meu respeito, admiração e carinho.

Angélica Salazar Pessoa Mesquita – Ex-coordenadora da Lei Nacional de Incentivo à Cultura – área de artes cênicas – do Ministério de Estado da Cultura.

Conheci Yara no ano de 1999, quando foi indicada por duas entidades representativas das artes cênicas no Brasil, à época, ANPAC e ANEATE, para compor a Comissão Nacional de Incentivo à Cultura - CNIC, comissão esta responsável pela análise dos projetos que concorriam aos incentivos fiscais instituídos pela Lei Rouanet.

Até então a conhecia apenas de nome. Um nome, por sinal, muito famoso e que me soava forte – Yara Sarmento – pois este não podia ser desconhecido por todos aqueles que trabalhavam com as artes cênicas, devido aos seus trabalhos realizados como atriz e, principalmente, como defensora da regulamentação da profissão não só do artista, como também do técnico em espetáculos de diversões.

Nossa convivência durou até 2001, quando terminou seu mandato junto à CNIC. As reuniões ocorriam

mensalmente e, devido a exaustiva tarefa de análise dos projetos, tínhamos pouco tempo para conversar sobre assuntos que não se referiam ao trabalho. Mas, neste pouco tempo tive a oportunidade de conhecer todas as Yaras: “ser humano”, “filha dedicada e amorosa”, “amiga”, “profissional de caráter ilibado” e principalmente a “Yara mestra” que, com seus argumentos sempre muito sábios e convincentes, me ensinou a entender e a compreender os “bastidores” da produção cultural, e a admirar cada vez mais aqueles que fazem da arte um meio para se dizer a verdade.

Yara, você é um exemplo para aqueles que querem continuar lutando por uma produção artística digna neste país.

Sua amiga e admiradora.

Angelita Faccioli – Bailarina do Teatro Guaira e professora da Escola de Dança Teatro Guaira.

Yara, bem vinda ao “mundo virtual”. Você é o MÁXIMO!

Beijos carinhosos.

Aparecida Damaceno Garcia – Assessora da coordenadora do departamento de Recursos Humanos do CCTG.

Falar de uma pessoa como Yara Sarmiento...

Como encontrar palavras para homenagear essa mulher tão iluminada, amiga e companheira...

Tenho admiração e um imenso carinho por essa pessoa tão querida ...

Beijos.

Ari Moraes – Empresário.

Eu já era seu fã antes de saber sobre sua trajetória de vida. Você abalou e continua abalando, por ser a pessoa

maravilhosa que é. Te gosto muito.

Beijos.

Ary Fontoura – Ator.

O final dos anos cinquenta ainda era de indecisão, numa Curitiba provinciana de pouco mais de trezentos mil habitantes.

Foi nos espetáculos amadores que nos revelamos. Conheci Yara e sua mãe, eternas companheiras, participantes de eventos culturais e sessões do nosso teatro incipiente. Yara acabou optando pelo curso de Direito.

Nos anos sessenta, efervescentes, apesar da ditadura militar, foi quando nos encontramos em pleno Rio de Janeiro. Fizemos a comédia "Onde Canta o Sabiá", de Gastão Tojeiro. Nela demos nossos primeiros passos enfrentando a grande metrópole. Uma grande e inovadora direção de Paulo Afonso Grisolli, com excelente elenco onde se destacavam Marília Pêra e Gracindo Junior, com belas críticas e grande receptividade por parte do público. Com esse espetáculo excursionamos pelo Sul do Brasil, testando nossos talentos, empreendendo esforços no sentido de permanecer. Trabalhamos junto também no show "Carlos Machado's Holiday", na boate Fred's, tendo no elenco Irene Ravache, Claudia Martins, Sueli Franco, Rossana Ghesa e Hugo Sandes.

A TV Globo acabara de inaugurar, Yara envolvida com a mesma e com o teatro carioca. Nossos caminhos mudaram de rumo. Soube então que Yara, flechada pela saudade, cedera aos encantos do "efeito pinheiral". E a volta se deu! Mas, o lugar não importa. A Arte prescinde dele.

Imiscuído com a Vida, onde ela existir, haverá Teatro e pessoas envolvidas nele.

Os pedidos foram atendidos e a Cidade Sorriso abriu-se toda para recebê-la. E Yara seguiu a canção "o artista tem

que ir aonde o povo está!". Foi este o chamado – foi a escolha dela! Voltar às origens com seu nome vinculado definitivamente ao teatro paranaense, conseqüentemente, brasileiro!

Beatriz Barreto Brasileiro Lanza – Economista. Analista organizacional. Especialista em Governo Eletrônico. Mestre em Administração. Editora de blogs sobre artistas cênicos. Editora do blog "Para e Sobre Yara Sarmiento" (2007) e do livro digital "Na Espuma das Ondas (2010).

Yara é um ser humano apaixonante! Conhecê-la foi um privilégio. Trabalhar com ela foi e está sendo um aprendizado profissional e pessoal sem medida. Além de muito prazeroso.

Mulher de coragem, de conteúdo, de perseverança, culta e educada.

Não poderia deixar de registrar a cena hilária no Hotel Mabú, onde trabalhávamos no livro digital – Vitória, você e eu. Você, com muita paciência e tolerância observava a nossa "interpretação", quando sem dó e nem piedade execrou a nossa "veia artística". Foi um dos momentos mais espontâneos e hilários que vivi. A dor abdominal da crise de riso só nós sabemos....Valeu viver este e tantos outros momentos!

Bia Reiner – Diretora de produção do CCTG. Diretora e produtora teatral.

Confesso que as primeiras vezes que vi Yara fiquei um pouco nervosa, era muita informação, muita experiência, muita justiça e muita graça em uma pessoa só.

Mas nada disso passou à medida que fomos nos conhecendo melhor, agora tinha que lidar com muita

generosidade, muita inteligência, muita simpatia e muita luz (hehehehe).

Yara me ensina um pouco a cada dia, com seus deslizes (hehehehe) e principalmente com seus acertos e conselhos. Vai sempre me encaminhando na vida e na profissão. Só de pensar que daqui há alguns meses ela estará se aposentando, me dá um frio enorme na barriga. Ela é nosso porto seguro. Sou muito grata por desfrutar da sua companhia, mas principalmente por Deus tê-la colocado no meu caminho...

Celia Regina Polydoro – Socióloga. Assessora da diretora artística e ex-assessora da diretoria administrativo-financeiro do CCTG. Ex-chefe de gabinete do secretário de Estado da Cultura, doutor Renê Ariel Dotti. Ex-coordenadora de Ação Cultural da secretaria de Estado da Cultura. Ex-secretária executiva do Troféu Galha Azul.

Falar de Yara Sarmiento é muito fácil e ao mesmo tempo difícil... teria laudas e laudas para falar sobre ela... mas vou tentar resumir um pouco do que sinto.

Admiro a profissional brilhante, militante incansável em defesa das artes e da cultura do Paraná, amiga leal, sensível, dedicada e justa, dona de um caráter ímpar, um exemplo de dignidade e ética acima de tudo, uma jóia rara nos dias de hoje.

Esses anos todos de nossa convivência... e tendo a felicidade de compartilhar muitos momentos de vida com ela, me sinto uma pessoa privilegiada por ter sua amizade, que não sei bem definir o que é... só sei que é um misto de admiração, carinho, cuidados, aprendizado, e um amor difícil de decifrar.

Cesar Almeida – Ator. Diretor e produtor teatral. Dramaturgo.

Uma atriz. Uma amiga. Um exemplo de integridade

pessoal, que se dedicou à militância pelos direitos dos trabalhadores nas artes cênicas do Paraná, conseguindo implantar várias conquistas. Creio que a trajetória de nossas vidas teria sido completamente diferente, se não tivéssemos contado com a sua clareza e força para nos guiar nessas trilhas da política cultural.

Cesar da Fonseca – Assessor de comunicação do CCTG e diretor de espetáculos.

Ainda adolescente, vi pela primeira vez na rua aquela moça linda que dançava, representava e apresentava comerciais na televisão, que recém engatinhava no Paraná. Ver Yara Sarmiento pessoalmente, na rua, fez com que meus jovens joelhos virassem “geleia”. Ao longo do tempo, me apaixonei pelo teatro e tive a oportunidade de assistir a grande atriz, em excelentes performances, nas peças dirigidas pelo saudoso Oraci Gemba. Com o tempo, a vida nos aproximou e nos tornamos colegas e principalmente amigos. Além da atriz, tive o privilégio de conhecer uma figura humana incrível: solidária, profissional das mais sérias e competentes. Amiga de todas as ocasiões. Hoje, quando conto para ela a estória dos meus joelhos que viraram “geleia”, Yara ri e me chama de exagerado. Nada! Pura modéstia desta atriz e pessoa humana da melhor qualidade.

Christine V. Baptista – Formada em História (UFPR). Pós-graduada em História da Arte (EMBAP). Funcionária da Fundação Cultural de Curitiba, onde exerceu os cargos de Coordenadora da Lei de Incentivo (1997-2001). Coordenadora da Cinemateca de Curitiba (2002-2004). Diretora do Patrimônio Cultural (2005-2008).

Yara Sarmiento possui um virtuosismo que transcende o talento que a consagrou, como uma das mais

importantes atrizes de sua geração. Notável pela beleza e inspiração, ela deixou marcas indelévels na história do teatro paranaense do século XX.

Para além das qualidades e da alma de artista, são as virtudes intelectuais e morais que dão à Yara a dimensão extraordinária de sua pessoa. Ela se impõe, aos nossos olhos, com toda a presença monumental de sua sabedoria prática e realista, inteiramente absorvida pela incontornável postura ética, autônoma, crítica, justa e extremamente polida.

Yara tem sido uma lutadora incansável em prol dos ajustes e acertos político-culturais, e à ela devemos grandes passos conquistados naquela direção. Ela é um exemplo para quem, nos dias que correm, confunde experiência com eloquência. Yara não é prolixa, nem lacônica. É o olhar lúcido e frontal, a atitude ousada e firme, que dão a medida do seu valor e do seu conhecimento. Essa grande militante – de quem admiro sobretudo a tenacidade e sensatez – representa, em vários momentos, e para muita gente, um porto seguro, uma referência. Também para mim. Entre debates e batalhas, no trabalho e na vida, construímos uma amizade sólida, fundada em afinidade, respeito e admiração.

Na revista eletrônica “Sobre e Para Yara Sarmiento”, é nítida a sobreposição de duas imagens-referência: a textual, que revela o seu perfil humano, atuante e racional; e a da trilha sonora que, dos acordes e versos de “Beatriz” (na voz de Milton Nascimento), nos permite vislumbrar, com encantamento, o seu ser mais íntimo e intrigante, a atriz. Isoladas, são chão e céu, em contraponto. Associadas, são indistinguíveis, pois compartilham a mesma natureza.

Da Yara, talvez seja a sua melhor tradução.

Christo Dikoff – Ator. Diretor teatral. Ex-chefe de gabinete da superintendência da FTG – Gestão Oraci Gemba. Professor do Curso Superior de Artes Cênicas da Faculdade de Artes do Paraná – FAP. Presidente do Sindicato dos Artistas e

Técnicos em Espetáculos de Diversões no Estado do Paraná
- SATED/PR.

Conheço Yara há 25 anos, desde 1983, quando a substituí na função de chefe de gabinete de Oraci Gemba, na época superintendente do Teatro Guaíra, pois ela assumia o cargo de diretora de artes daquele órgão.

Trabalhamos juntos no Teatro Guaíra e no SATED/PR, no qual Yara era presidente e, eu, secretário.

Convivi com ela momentos marcantes da história do nosso teatro. A relação profissional e a militância política assumiu uma proporção de companheirismo e grande amizade.

Minha admiração por esta grande mulher, está concentrada em características sólidas de sua personalidade: transparência, dignidade, ética, respeito, inteligência, sensibilidade, discernimento, capacidade e acima de tudo, **COMPETÊNCIA!**

Deveriam existir mais "YARAS" por aí...

Claudia Martins – Atriz. Bailarina. Dubladora.

Hugo Sandes – Ator. Diretor e produtor teatral. Dramaturgo.

Claudia trabalhou com Yara no ano da fundação da TV Globo e logo se tornaram amigas. Depois, na peça "Flor de Cactus" no Teatro Copacabana. Trabalhamos os três juntos no show da boate Fred's "Carlos Machado's Holliday" e vimos Yara no palco em "Onde Canta o Sabiá" no Teatro do Rio (hoje Teatro Cacilda Becker). Conhecemos o talento dela.

É portanto, fácil escrever sobre Yara Sarmiento, uma amiga querida a quem só podemos elogiar. Não elogio de amigos comprometidos, mas daqueles que julgam com justiça. É uma **ATRIZ DAS BOAS!**

Se nos fosse possível abstrair as qualidades de inteligência, de artista, de profissional, ainda assim, sobraria o

matiz mais forte da personalidade dela: o ser humano lindo que é.

Cleverson Cavalheiro – Ator. Diretor teatral. Cenógrafo. Iluminador. Coordenador dos Espaços Cênicos do CCTG (Equipe Técnica).

Eu lembro, quando entrei no teatro nos anos oitenta. Participava daquelas manifestações de apoio aos artistas e funcionários do Teatro. Vários manifestos e discussões calorosas surgiram naquele período. Eram tempos de mudanças. A presença daquela mulher à frente de tudo, gigante e de voz firme, liderando estes debates, chegava a me dar medo. Quando a conheci nos bastidores do Teatro, percebi que ela era baixinha, menor que eu, e olha que não sou dos maiores. E com o passar do tempo, aquela voz tornou-se leve, aveludada e cativante, como de uma mãe. Yara, muito obrigado por me fazer acreditar no teatro.

Cloris de Souza Ferreira – Graduada pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Ex-professora de piano. Ex-diretora dos Corpos Estáveis e Ex-coordenadora do Departamento de Música e Projetos Especiais do Centro Cultural Teatro Guaíra. Ex-diretora do Museu da Imagem e do Som do Paraná. Produtora cultural. Diretora presidente da Araucária Produções Artísticas. Realizadora do Festival de Cinema, Vídeo e Cine de Curitiba. Consultora para projetos relativos às Leis de Incentivo à Cultura.

Um ser humano incomparável, com uma sensibilidade e uma retidão só vistas em pessoas únicas, como ela.

Usando sua criatividade e sabedoria, sempre levou à frente vários assuntos de extrema importância.

Responsável por brilhantes conquistas na área de

teatro, como por exemplo a idealização e realização do Troféu Gralha Azul.

Nossa afinidade é tão grande que, sem ela, muito difícil seria superar as adversidades do dia a dia, no tempo em que convivemos exaustivamente com as regras da cultura em nosso Estado.

Durante a gestão de Constantino Viaro, tivemos um comprometimento importantíssimo com os Corpos Estáveis do Teatro Guaíra. Juntas realizamos a revisão da planilha para a equivalência dos salários, até então defasados, dos músicos e bailarinos que eram os funcionários que pertenciam ao setor por mim dirigido. Como sempre, a minha profunda admiração e agradecimento à Yara, pela competência demonstrada na assessoria que me prestou.

A luta continua, a cultura ainda é a última coisa em que o país pensa, mas lá estamos nós, lutando sempre...

Yara é um exemplo de garra, determinação e vontade.

Yara, uma atriz com talento nato, uma legítima representante da arte no Paraná.

Yara, profissional competente, correta e sempre disposta a colaborar com o que é certo.

Yara, companheira de lutas no Teatro Guaíra, polêmica, jamais se curvando às ideias com as quais não compactue, mas ao mesmo tempo sabendo ser suave e amável.

Yara, a sua força me impulsiona sempre!

Constantino Batista Viaro – Advogado. Ex-superintendente da então Fundação Teatro Guaíra.

Foi uma grande honra conhecer e conviver no Teatro Guaíra com Yara Sarmento. Boa atriz, excelente administradora e companheira confiável. Mantém um elo profundo com o teatro do Paraná. Está sempre disposta a

ajudar a classe teatral, as produções, e os sonhos de nossos sofridos realizadores. Sempre atenta ao que acontece nas artes cênicas do Paraná e do Brasil, é uma referência em todas as administrações do Centro Cultural Teatro Guaira. Sua vida é o amor e a paixão pelo teatro.

Danilo Avelleda – Ator. Diretor. Produtor teatral. Cenógrafo e dramaturgo.

Falar de Yara Sarmiento é falar de amizade, dedicação, carinho, compreensão, eficiência e, de mais uma infinidade de virtudes que se mesclam e se confundem com a que eu considero nela a maior de todas, ou seja, sua sensibilidade. Grande amiga, extraordinária atriz com quem há mais de quarenta anos, tenho tido a sorte de conviver e privar de sua amizade e companheirismo. Yara, quero deixar registrado neste pequeno depoimento, a minha gratidão à você e a mais profunda admiração.

Dinah Ribas Pinheiro – Jornalista. Ex-assessora de Imprensa da Fundação Cultural de Curitiba.

Penso que a primeira vez que vi Yara Sarmiento foi no Guairinha, nos idos de 1970. A peça era “A Casa de Bernarda Alba”, de Garcia Lorca, com direção de Oraci Gemba. Fiquei impressionada com a força dramática que ela deu à sua personagem. Depois disso, vieram outros espetáculos no mesmo Guairinha, a maioria com a direção do mesmo Gemba. Mais tarde nos encontramos muitas vezes, quando eu trabalhava na assessoria de Imprensa da Fundação Cultural de Curitiba, e acompanhei o seu vigoroso trabalho no Sindicato dos Artistas; na elaboração da Lei Municipal de Incentivo à Cultura (inicialmente batizada de Lei Vanhoni); na formação do Fórum das Entidades Culturais. Nossa maior aproximação, no entanto, se deu quando fiz parte da comissão julgadora do Troféu Gralha Azul e aí, nos tornamos

amigas. Sua inteligência e sentimento colocados a serviço das causas justas, do teatro, das pessoas, tornam Yara um ser humano rico e profundo. Tenho maior orgulho em pertencer ao seu círculo de amigos.

Dirce Leny Massolin Pacheco – Assistente social. Ex-assessora para assuntos penitenciários da secretária de Estado da Justiça.

É natural que o tempo apague o frescor e a beleza da juventude, mas é verdade também que para você o tempo confirmou e embelezou ainda mais sua relação corpo e alma!

Quanta sensibilidade e doçura para as artes!

Quanta beleza e nobreza nos seus procedimentos profissionais!

Que facilidade para adaptar-se às mais diversas situações que a vida lhe imprimiu – ora ribalta, luzes, frenesi, ora na contramão dessa história, participou com muito amor e competência de trabalhos árduos, junto daqueles que estavam confinados, pegos pelo lado "escuro" da vida. E nesta fase, você deixou muitas marcas na minha vida profissional, como coragem e lealdade (pois enfrentamos um "motim" na Penitenciária de Piraquara, numa noite de Natal. Só você teve essa coragem e despreendimento).

Yara, a sua essência é luminosa; a sua alma adorna um coração grandioso. A sua conduta sempre pautada pela lealdade, caracterizam a YARA que eu tanto admiro e respeito. Sou agradecida a Deus por ser sua amiga. Que Deus a abençoe!

Edlamar Zanquettin – Produtora e artista circense. Militante cultural. Membro da diretoria do SATED/PR.

Erimeide Zanquettin – Artista circense. Cantora. Militante cultural.

Yara, são tantas as lutas em que estivemos juntas!

Foram tantas as ajudas que recebemos! Erimeide e eu devemos nosso aprendizado à você.

Lembramo-nos dos projetos que nos ensinou fazer. Tinham detalhes que nos davam frio no estômago. Lembramos da palavra "adolescente". Escrevemos "adolecente", e você corrigiu. Como a colocação de "esta", "essa" e "aquela". As formas de tratamento: "senhoria", "excelência", "mui digno", "digníssimo". Tantos milhares de apoios, até financeiros, como para comprarmos a primeira máquina de soldar manualmente a lona do nosso Circo. Com dinheiro de seu próprio bolso, pudemos ir a Brasília para defender questões circenses, no Ministério da Cultura e no Congresso Nacional.

Recentemente, você e Lu Rufalco oportunizaram a continuidade de Projeto de Lei, oferecendo condições para que pudéssemos lutar na Capital Federal, pelos circos brasileiros. Está sempre pronta para nos atender quando recorreremos à você. Ouvimos sempre palavras de incentivo, de força.

Sentimos-nos honradas em fazermos parte de seu livro digital.

Não esqueceremos das muitas alegrias que nos deu, com as homenagens prestadas à mamãe. Mais uma vez, obrigada por tudo. Beijos com carinho à você e à Lu.

Edson Bueno – Ator. Diretor e produtor teatral. Dramaturgo.

SUAVE MITO!

Nunca trabalhei com Yara Sarmiento. Uma pena! Nunca pude dividir a criação artística com o mito. Mas, se nas palavras e cenas do teatro, não aprendi com ela, pude, nos acertos e erros, pontuar meus anos de teatro com seu exemplo de resistência, força, fidelidade e caráter no trato com as coisas que fazem dessa nossa arte, uma coisa importantíssima! Yara marcou, e tem marcado com

profundidade, a estrada pela qual estamos seguindo. Todos nós, profissionais de teatro do Paraná.

Construiu os caminhos e pavimentou-os com convicção tão absoluta, que todos devemos muito a ela e ainda mais, temos o compromisso de honrar o seu trabalho idealista e que por vezes, quase atingiu o utópico. Contam as palavras e a história confirma, que é uma grande atriz e fez coisas maravilhosas no palco. Eu só a vi uma vez. Em “Cinderela do Petróleo” e lembro com incrível clareza, todos os seus passos no palco do Guairinha. Não é pouco.

Devo muito a ela, e se discordamos algumas vezes, mais por amor às coisas importantes do teatro, do que por opiniões pessoais inocentes, podemos sempre, de espírito aberto, cruzar nossos olhares.

E eu, nesses momentos, ao mesmo tempo em que reverencio sua pessoa e sua história, agradeço, porque nós dois sabemos que meus 25 anos de teatro, em coisas pequenas, médias e grandes, devem (e muito!) a seus pequenos, médios e grandes gestos. Ah! E nunca é tarde para coroar este meu agradecimento, com um espetáculo. Dirigido por mim e interpretado por ela. Valeria mais que mil galhas azuis!!!

Eduardo Nascimento – Artista plástico. Fotógrafo. Professor universitário. Ex-coordenador – pela Universidade Federal do Paraná – do Festival de Inverno de Antonina.

Falar sobre Yara Sarmiento é como se referir à irmã mais velha, que todo mundo gostaria de ter. Yara me viu nascer e acompanhou todo o meu crescimento. Foi ela que se tornou uma referência nessa caminhada. Enquanto criança, lembro muito bem, na casa da tia Luizinha, quando ela chegava de Curitiba e me deixava extasiado com sua dança flamenca aos sons das cadenciadas castanholas.

Pensar Yara é ir ao encontro de vários signos. Ela me remete à

Nerea e Mario, tia Luízinha, a casa com uma grande sala e pé direito enorme. Lembra Dudu Barreto Leite. Ieda Siedslag. “Barreado”. O Clube Náutico de Antonina. Às crônicas pontuais no “Antoninense”. Aroma de teatro. Oraci Gemba. Teatro Guaíra. SATED/PR e os movimentos classistas em defesa dos artistas, da arte e da cidadania.

Yara é competente, verdadeira, coerente, lutadora e... amiga.

Eleonora Greca – Bailarina do Teatro Guaíra.

Sempre, ao me encontrar com Yara, a impressão que eu tenho é de estar ao lado de um sábio. Cada palavra dita por ela significam muitas coisas. Porém, vale destacar que a mais importante, para mim, foi o significado da palavra “Integridade”.

Yara nos ensina que a profissão do artista vai além da própria arte, ela nos mostra que precisamos ter respeito pela profissão e dignidade enquanto seres humanos. Yara Sarmiento é uma referência para muitas gerações de artistas, que nos orgulha com suas palavras, que nos mostra os caminhos, que nos ilumina sempre, eternamente.

Eliane Berger – Diretora teatral. Atriz. Arte educadora. Ex-coordenadora geral e ex-coordenadora adjunta do Fórum das Entidades Culturais – Curitiba/PR. Membro da diretoria do SATED/PR.

Falar de Yara Sarmiento é falar de caráter, inteligência, lucidez, generosidade, força e sensibilidade dosadas de maneira exata.

Tudo que aprendi sobre política cultural foi com ela, que sempre teve comigo e com outras pessoas que entraram na luta pela classe artística, toda paciência do mundo.

É uma amiga ímpar. Em todos os momentos da minha

vida pude contar com ela, e espero ser sempre merecedora de participar de seu convívio.

Tenho um sonho que é contracenar com ela, pois é uma grande atriz. Quem sabe ela resolve me dar mais este presente.

Elisa Gonçalves Martins – Pedagoga. Mestre em Educação. Professora aposentada da Universidade Federal do Paraná e da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Ex-professora da Universidade Estadual de Londrina. Ex-assessora dos ministros de Estado da Educação e Cultura, Ney Braga e Euro Brandão. Fundadora e ex-diretora do PROCON – Brasília/DF. Representante para o Paraná, do Serviço Nacional de Teatro – SNT/MEC – Primeira coordenadora dos Cursos Superiores de Artes Cênicas e Dança, da então Fundação Teatro Guaíra, em convênio com a Pontifícia Universidade Católica. Ex-secretária geral adjunta do Ministério da Cultura – gestão José Aparecido de Oliveira. Coordenadora geral de Planejamento Setorial do Ministério de Estado da Educação – governo Itamar Franco. Diretora do Programa Nacional de Desburocratização – governo Fernando Henrique Cardoso. Diretora do Depar – governo Itamar Franco. Primeira presidente do Conselho da Mulher do Distrito Federal. Medalha do Mérito do Rio Branco, concedida pelo presidente da República, Fernando Henrique Cardoso. Cidadã Honorária de Brasília/DF.

Uma grande atriz, YARA SARMENTO, não se limitou a sua paixão de vida às artes cênicas.

Yara, com sua erudição, honradez, profunda sensibilidade, inteligência rara, caráter ético, seu trabalho dedicado e profícuo, em sua brilhante carreira artística e, como profissional da Cultura, nos inspira sempre a continuarmos a luta pela cidadania.

Sua forte atuação na Assembléia Nacional

Constituinte (1987/1988), pela Cultura, pelas artes, pelos direitos dos trabalhadores brasileiros, é marca de grandes conquistas. Sou muito orgulhosa de ter o privilégio de conviver com Yara, que adoro, ao longo de 30 anos.

Emanuel Martinez – Músico. Maestro adjunto da Orquestra Sinfônica do Paraná. Maestro do Coral Philharmonia.

Yara Sarmiento, uma pessoa especial. Adorável, meiga, com um coração enorme, super competente, educada e acima de tudo gente – muito gente. Só quem a conhece sabe sobre o que eu estou falando. Adoraria ver novamente Yara dirigir esta Casa de Arte, com toda a sua competência artística e administrativa.

Yara, te amo muito. Adoro você de coração. Seu amigo para sempre.

Fátima Ortiz – Dramaturga. Diretora e produtora teatral. Professora de interpretação. Arte educadora. Atriz. Diretora do “Pé no Palco”.

Enéas Lour – Diretor. Dramaturgo. Ator e produtor teatral. Ex-diretor artístico do Centro Cultural Teatro Guaíra.

Yara é uma mulher de teatro cujo nome se escreve com “a” de amiga. Uma pessoa maravilhosa que todos reconhecem pelo “m” de amiga. Inteligente, como poucas pessoas que trazem na testa o “i” de amiga. Tem um grande coração, desses com “g” de amiga.

E é Altiva com “A” maiúsculo de amiga, até o fim e para sempre.

Gilberto J. D. Carbonar – Assessor do diretor administrativo-financeiro do CCTG.

Ao longo desses 30 e poucos anos que trabalho e

convivo com Yara Sarmiento, sinto-me um privilegiado por aprender e partilhar de sua elevada sabedoria, honrada franqueza, inesgotável generosidade, de suas opiniões sempre tão pertinentes, e do seu supremo senso de justiça.

Quisera houvessem mais pessoas com a nobreza do caráter de Yara Sarmiento. Certamente, tornaria esse mundo um lugar melhor e mais digno para se viver.

Longa vida à você minha amiga!

Gilberto Tuyuty – Diretor de produção. Coordenador do Teatro José Maria Santos, do Centro Cultural Teatro Guaíra.

Referência como mulher, profissional na concepção da palavra, amiga sempre...

Lembro-me quando cheguei ao Teatro Guaíra, 1983, Yara Sarmiento era algo inatingível, para um estagiário deslumbrado com aquela efervecência dos corredores desta Casa. Foi nossa diretora, conselheira, mãezona até, mestra na arte de conciliar, de fomentar entre nós o desejo de sempre seguir em frente e acreditar. Eu acreditei e hoje vejo que valeu a pena, pois temos a alegria de tê-la ao nosso lado.

Atingível sim, aberta sempre ao diálogo e a ministrar seu vasto conhecimento, principalmente na arte de viver.

Obrigado Yaríssima pela sua bondade e sabedoria e, porque não dizer, pela sua existência. Amém...

Gilda Elisa – Atriz. Dramaturga. Produtora e diretora teatral.

Impossível falar de Yara Sarmiento em poucas linhas. Necessário seria, por baixo, uma brochura tipo Bíblia, sem exagero. Ética, cultura, generosidade, amor ao próximo são sua marca registrada. Tenho orgulho de tê-la em minha família, e em minha vida desde sempre. Amo-a e respeito-a no mais alto, largo e profundo que meu ser alcança.

Gilmarise Gulicz – Assessora da diretora artística do CCTG. Ex-secretária da Assessoria Jurídica da referida instituição.

Obrigada por compartilhar, por todos esses anos, com suas sugestões inteligentes, generosidade, paciência e compreensão.

Nem tudo foi glamour, mas nas horas difíceis, obrigada pela sua firmeza, retidão e orientação.

"Ao mestre com carinho" ... com todo meu respeito.

Glauco Souza Lobo – Promotor cultural. Ex-presidente do Instituto de Cultura Afro-brasileira. Ator circense. Militante cultural. Presidente do Grupo de Trabalho Clóvis Moura. Ex-diretor executivo da Fundação Cultural de Curitiba. Coordenador de Incentivo à Cultura da secretaria de Estado da Cultura.

Mulher, atriz, líder... DOCE AMIGA!

Sempre firme em suas posições e na defesa de seus ideais; atua intensamente mas sem perder a dimensão humana da amizade, do carinho, do respeito a todos, sendo sempre, mesmo quando adversária circunstancial, a voz, a mão forte e amiga que procura amparar, impedir injustiças e violências.

Grazianni Canalli – Bailarino do Teatro Guaíra. Coordenador da G2 Cia. de Dança do Centro Cultural Teatro Guaíra. Ex-presidente do SATED/PR.

Yara Sarmiento é um ícone no cenário artístico paranaense. Sua importância se destaca tanto na história do Teatro do Paraná como fora dele, quer com sua arte primorosa ou através de sua militância política, em defesa dos direitos e deveres de sua categoria em âmbito estadual e

federal.

Além de tudo uma amiga ímpar, exemplo de honestidade, sensatez, inteligência, competência. Conquistando o carinho e o respeito de todos que a cercam. Para mim é uma honra fazer parte do rol de suas amizades. Só em tê-la por perto já é um acalanto.

É um ser no qual tento me espelhar, e confesso a minha dificuldade em tentar gerenciar tantas habilidades. Enfim, uma pessoa que sempre amarei, esteja ela onde estiver.

Isidoro Diniz – Produtor cultural. Diretor. Ator. Ex-vice presidente do SEPED/PR e militante cultural. Assessor para os assuntos de incentivo cultural da secretária de Estado da Cultura, professora Vera Maria Haj Mussi Augusto.

Parabéns a todos nós por termos acesso à história dessa Mulher, encantadora e generosa que é a nossa Yarinha! Beijo emocionado.

Jane D'Avila – Jornalista. Atriz. Diretora de produção. Vice-presidente do SATED/PR.

Yara Sarmiento, nome único e respeitável.

Lembro-me na minha infância, algo em torno dos oito anos, quando frequentava as assembleias de classe junto com meus pais. Ali, naquele lugar mágico, existiam três mulheres pelas quais me apaixonara. Pela força, dignidade, honestidade e inteligência, é claro que Yara Sarmiento estava entre elas.

Não tenho como não citar a amizade e os laços de carinho, entre ela e minha mãe. Não esqueço das reuniões de militância cultural na nossa casa, as quais iam noite adentro.

Quando minha mãe se foi, deixou em meu caminho o amor e o carinho de Yara, que hoje, tenho como porto seguro

para clarear meus passos com grandes canhões de luz, quando necessito de conselhos. E cá entre nós, ainda vou precisar por muito tempo.

Obrigada por existir, e por ceder parte de seus momentos comigo.

Amo-te!

Janet Dequech – Advogada. Pintora. Jornalista.

Minha amiga Yara... a parte da sua vida no Rio eu acompanhei pessoalmente, inclusive o show de Carlos Machado que ainda tenho na minha mente. AUGURI!

Lauro Hanke – Ator.

Yara querida, seu trabalho e dedicação são admiráveis. Que maravilhosa e frutífera passagem pela vida! Sinto-me, por um lado, honrado em termos contracenado em “Via Crucis” e “Electra”. Por outro lado, orgulhoso pelos resultados do nosso trabalho na fundação e direção do Grupo Momento de Teatro. Receba os parabéns e um abraço carinhoso.

Lu Rufalco – Produtora de Cinema e Vídeo. Ex-tesoureira do SATED/PR. Ex-diretora de produção da TV Educativa do Paraná. Diretora artística do Centro Cultural Teatro Guaira.

Falar de dignidade, honestidade, lealdade, generosidade e tantas outras qualidades é introdução obrigatória, em qualquer opinião que se emita sobre Yara Sarmiento. Pra mim, Yara sempre foi o meu google artístico e profissional, mesmo quando não existia internet. A paixão e a fidelidade com que ela transmite experiência e conhecimento é bagagem cultural certa e preciosa, para quem ama e quer amar as artes cênicas e o bom e velho cinema.

Lucia Camargo – Jornalista. Professora Universitária. Produtora cultural. Ex-coordenadora do Curso Permanente de Teatro da Fundação Teatro Guaíra – FTG. Ex-diretora de artes da FTG. Ex-secretária de Estado da Cultura. Ex-presidente da Fundação Cultural de Curitiba. Ex-diretora artística do Teatro Municipal de São Paulo. Presidente do Palácio das Artes de Minas Gerais.

Falar de Yara Sarmento é falar das artes cênicas do Paraná e do Brasil. Como artista Yara iniciou-se na dança flamenca, dando volteios, gritando “olés” e “machucando” as castanholas com amor e carinho. Tivemos sorte de vê-la em inúmeros espetáculos da Cia. de Bárbara Grand, com sede em Curitiba, nos anos 50. Com o advento da TV Paraná, Canal 6, Yara já foi convocada para protagonizar, com Joel de Oliveira, incríveis estórias de amor, com direito ao primeiro beijo na boca, na telinha destas bandas! Peça atrás de peça, e lá ia Yara, a esta altura já famosíssima, desfilando sua saia justíssima, sua meia de risca e saltos altíssimos – no maior chic da moda – pelas calçadas curitibanas, tendo no dedo um rubi, que dizia que era também advogada.

Um belo dia seu talento levou-a à cena paulistana e carioca. Teatro, tv, tudo lindo! Mas não por acaso, seu amor pela justiça também desabrochou na ocupação de cargos, como o de diretora de artes e programação da então Fundação Teatro Guaíra, na presidência do SATED/PR e na Assembléia Constituinte do Congresso Nacional. Guerreira insaciável, ia e vinha de Brasília, semana sim e a outra também. Muitas conquistas na área das artes cênicas se deve ao trabalho anônimo e incansável de Yara.

Respeito é algo que se conquista respeitando. Yara o tem por todos. Muito querida! É difícil encontrar alguém da área artística, que não tenha se achegado a ela para uma “consulta” ou para tirar dúvidas.

Como amiga, é uma doce criatura que todos querem perto, mesmo que diferenças possam existir, mas se tem a certeza, que injusta ela jamais será. Sua busca é rica.

Luciana Cherobim – Advogada. Professora. Militante cultural. Ex-integrante da comissão de Direitos Autorais do Ministério de Estado da Cultura – gestão José Aparecido de Oliveira. Ex-secretária do SATED/PR.

Aluizio Cherobim – Dentista. Ator. Diretor teatral. Ex-presidente do SATED/PR. Militante cultural. Integrante da Câmara Setorial de Teatro do Ministério de Estado da Cultura – gestões Gilberto Gil e Juca Ferreira.

Pronunciarmo-nos sobre Yara Sarmento, é tarefa fácil pelas qualidades que a mesma é detentora.

Difícil, porque não sabemos enumerá-las em poucas linhas. Sabemos, entretanto, que sua dedicação ao trabalho, sua lealdade aos amigos e sua luta pelo processo cultural paranaense, fazem dela uma pessoa respeitada e admirada por todos que com ela convivem.

Pequeno nome, Yara, mas imensurável nas suas atitudes.

É grato podermos estar no rol de seus amigos e, admirá-la cada vez mais.

Lucymar Nicastro – Cantora e agente cultural.

A luz da sensibilidade é registrar o trabalho de pessoas, que realmente formam o patrimônio cultural de nosso estado.

Minha amada Carmem Costa disse em uma letra sua, no samba “Tombamento”: “senhor ministro da Cultura, porque não se tomba uma criatura quando ela é patrimônio nacional?”

Assim é Yara: orgulho como artista, privilégio em ser sua amiga.

Mara Moron – Atriz. Dramaturga. Ex-diretora artística do CCTG. Ex-assessora da secretária de Estado da Cultura, Mônica Rischbieter. Diretora artística do CCTG.

Auditório Salvador de Ferrante - década de 70.

Eu e mais alguns iniciantes formávamos o coro grego do espetáculo “Electra” de Sófocles, direção de Oraci Gemba. No proscênio Yara Sarmento, de vestes brancas, cabelos arranjados com fitas douradas, era a dona absoluta do palco. O coro, lá do fundo, espiava a graça, a técnica, a dramaticidade da grande atriz. Ali, se deu meu primeiro encantamento.

Ao longo destes anos, tive a sorte de conviver com Yara. Trabalhamos juntas em várias ocasiões em grande harmonia. Às vezes, na defesa de pontos de vistas diferentes é preciso também que se diga, exaltávamo-nos, bradando nossos argumentos. Aí, uma vez mais, encantei-me por ela, que se mantinha fiel a seus princípios, aceitando ou rechaçando novas ideias.

Yara transita por seus amigos e companheiros de trabalho sempre atenta: que não se descuidem das normas da ética. Que se procure fazer justiça, que mantenham a elegância e digam o que tem que ser dito. Que não deixem a vida passar em branco, que sejam solidários.

Yara, minha querida amiga, para mim é uma honra poder conviver com você. É encantamento, sem dúvida!

Margareth Nascimento Pinto – Administradora de empresas.

Antes de brilhar nos palcos brasileiro e paranaense, já brilhava no corredor da casa da tia Luizinha, em sua terra natal, Antonina.

Prendendo a atenção da meninada que ficava a ouvir suas histórias fascinantes, com heróis e heroínas que criava em sua mente já privilegiada, por grande imaginação e inteligência. Por vezes a fantasia era tamanha que chegava a receber reprimenda carinhosa da prima Diva, dizendo: "Já está!!!!".

Queridíssima Yara, como é bom poder fazer parte do seu círculo de amigos e privar da sua encantadora companhia.

Tive ainda o privilégio de compartilhar viagens com ela, e ouvir as narrativas sobre os lugares, os quais descrevia com singular propriedade e sapiência.

Minha querida, você sabe o quanto esta família a admira, e o amor que dedica à você.

Esteja sempre perto de nós.

Com carinho, Mag.

Maria da Graça Kindermann – Economista.

Yara é cativante. Nesse tempo que convivo com ela, e são três décadas, pude admirá-la sempre como amiga querida que é, e como a profissional que sempre demonstrou ser.

Sem separar uma coisa e outra, por suas posturas, ponderações, proposições, calcadas na busca do que acreditasse mais correto e justo, jamais prescindiu da dignidade e, sobretudo, do respeito às pessoas.

As atitudes, na colocação de seus pontos de vista, são pautadas na honestidade e sinceridade, próprias da firmeza de seu caráter, junto à habitual delicadeza e cuidado na colocação de palavras que entenda necessárias.

Em sua companhia, sempre se desfrutam bons momentos, alegres e também os tristes, há sempre aspectos culturais a discutir, aspectos humanos a tentar compreender, um objetivo a alcançar que, por pequeno que seja, é revestido

da importância de sua realização.

Há conhecidos ditados antigos que falam de verdadeiros amigos como tesouros. São sábios. A amizade que encontrei na Yara e que dela recebo, é assim.

Marilú Silveira – Jornalista.

Yara Sarmiento. Nome forte, atriz talentosa, mulher combativa, inteligente e com o poder da palavra. Seu nome está presente em todos os momentos das artes cênicas, no palco e na luta pelos direitos da classe artística. E há pouco descobri uma nova faceta em Yara: talento para o conto. E quando a conheci, talento para a dança. Conversar com Yara é aprender muito. Sabe tanto, é bem humorada, sensível, engraçada. Uma atriz que domina qualquer papel.

Marisa Maibon – Assessora do diretor administrativo-financeiro do CCTG.

Falar de Yara Sarmiento, que tarefa difícil!!!!

Yara, referência no teatro paranaense, cujo currículo revela o quilate da atriz que atuou em grandes palcos e emissoras de tv pelo Brasil afora.

Mas prefiro falar de Yara da maneira que mais entendo, como colega de trabalho, como ser humano. Yara, amiga de uma generosidade sem limites, consegue ser prestativa sem medir esforços, irmã, conselheira. Sua presença faz a diferença em encontros quer sejam de trabalho ou reuniões festivas. Nós, que temos o privilégio de conhecê-la de perto, reservamos para ela um lugar especial em nossos corações.

Com carinho.

Marisa Villela – Jornalista. Diretora-presidente do Centro

Cultural Teatro Guaíra.

Reitero o que sempre digo em voz alta e clara: é um privilégio ter Yara Sarmiento no meu círculo. E sou grata à vida que me levou até ela.

Comparo-a ao diamante multifacetado que, à medida da luz incidente, mostra-se em cores diferentes. A cada um que a conhece, Yara irradia uma cor, ou duas, ou três. Adjetivos não lhe faltam. Seus méritos são conhecidos. Seus defeitos também.

Mas, o que me fascina sobremaneira, é o seu jeito de ser. Empresto de Nietzsche a síntese de como a vejo: Yara Sarmiento é humana, demasiadamente humana.

Marlene Montenegro – Ex-diretora artística do CCTG. Ex-diretora do Teatro Avenida do, à época, Banco Bamerindus.

Fácil falar da minha amiga querida, e difícil porque um livro inteiro não conta o muito dessa mulher maravilhosa. Conheço Yara há muitos anos. Sempre a admirei como atriz, não imaginando que um dia íamos trabalhar juntas. Fui sua assessora no Teatro Guaíra. Para mim foi um prêmio, aprendi muito, e cada vez mais agradeço o privilégio.

Em determinado momento de nossas vidas, os papéis se inverteram. Yara me assessorou quando assumi a diretoria artística do Teatro.

Yara é forte, justa, competente, delicada, sensível e muito mais...

O supérfluo para ela nunca existiu, sempre repartiu tudo que tem.

Sua única extravagância é viajar, pois seu coração, como o livro de Nélide Piñon, é "Andarilho".

Obrigada por existir amiga, para você meu aplauso e meu carinho.

Marly Garcia Correia – Jornalista. Escritora e pesquisadora

histórica. Ex-diretora do Museu da Imagem e do Som do Paraná.

O ano era 1970. O mês não lembro.

Mas foi nesta época que conheci a grande atriz paranaense Yara Sarmento, nascida na bucólica Antonina, uma capelista que sempre teve muito orgulho da sua terra.

Por contingências da vida, telefonei para ela, marcamos encontro e falamos muito sobre as artes em geral, mas especialmente sobre o teatro. Eu não era da área teatral, mas trabalhava naquela ocasião na secretaria de Estado da Cultura. Tínhamos muito em comum e a nossa prosa foi prolongada. Papo gostoso, pois Yara é inteligente, comunicativa, simples e muito culta.

Logo conheci Nerea, sua mãe, que com seu carisma e simpatia me convidou para passar alguns fins de semana em sua casa em Antonina. Foi com ela que aprendi a fazer “Barreado”, prato típico paranaense. Deste conhecimento resolvi realizar um filme sobre o assunto, em Super 8. O filme todo rodado em Antonina ficou lindo, mas o toque foi a impecável locução feita por Yara.

Foi este filme, o ponto de partida para uma parceria de trabalhos que fizemos juntas, que marcaram a história da nossa amizade. São mais de três décadas que acompanho o trabalho sério desta artista que sempre marca a presença do Paraná, no cenário artístico nacional.

Mirian Pojda – Professora.

Talento, inteligência, caráter e carisma. Yara é uma pessoa de tanta importância para nosso teatro e, de importância fundamental para nosso círculo de amizade.

Que Deus a ilumine sempre, e lhe dê muita força pra continuar fazendo seu trabalho em prol de nossa cultura.

Mônica Drummond – Produtora cultural.

No último Natal eu deixei um pacotinho na portaria do prédio da Yara, com a seguinte dedicatória: "Para minha Leila". Ela não abriu, pensando que fosse uma entrega errada. Era a biografia de Leila Diniz que eu tentava entregar para uma mulher que, verdadeiramente, é "a minha Leila".

Yara é capaz de estar à frente de seu tempo, como Leila, mas consegue ir ainda mais além: transforma este tempo num mix de ética e dignidade, companheirismo, dedicação, respeito. Fica mais fácil viver num mundo com uma Yara Sarmiento por perto.

Mônica Rischbieter – Produtora cultural. Ex-presidente do Centro Cultural Teatro Guaíra. Ex-secretária de Estado da Cultura. Diretora Presidente do Centro Cultural Teatro Guaíra.

Uma semana depois de assumir a presidência do Centro Cultural Teatro Guaíra, numa reunião com os chefes de departamento, conheci Yara Sarmiento. Quando a reunião acabou ela perguntou se podia falar um pouco comigo. Entrou na minha sala, sentou-se à minha frente e, com uma honestidade quase assustadora, fez uma avaliação da reunião, e me deu a maior "bronca" de toda a minha vida.

Apreendi muita coisa com ela. Além de ser um pessoa inteligente, corajosa, competente e doce, Yara simboliza a brava luta da classe artística do Paraná. Devo muito a ela, acho que todos devemos.

Neiva Camargo Iovanovitchi – Atriz. Produtora teatral. Diretora. Dramaturga.

Cláudio Domingos Iovanovitchi – Ator. Produtor teatral. Presidente da Associação de Preservação da Cultura Cigana – APRECI.

Yara Sarmento: lucidez, capacidade, competência, companheirismo, solidariedade, enfim, AMIGA.

Um porto seguro e alegre.

A convivência e a amizade com Yara, só nos fizeram crescer.

Beijos da família Iovanovitchi

Nena Inoue – Atriz. Produtora cultural. Diretora teatral. Responsável pelo Ateliê de Criação Teatral - ACT. Ex-diretora artística do CCTG.

Fácil e difícil escrever sobre Yara Sarmento. Uma responsabilidade, a de reduzir em palavras uma mulher em constante prática de seu discurso, além de que seu nome (constato neste exato momento em que escrevo), é possivelmente o mais respeitado no teatro paranaense. Por aqueles que a amam e pelos que a temem. Eu, me incluo nos primeiros.

Conheço-a ao cubo: como militante, como profissional, como pessoa. Três vezes ética.

Como militante, uma leoa nos direitos das “cênicas” (como ela gosta de dizer). Já falei inúmeras vezes pra largar mão, que a vida ao redor vale mais à pena. E até já me disse, algumas vezes, que tenho razão... mas continua firme nessa vida de “assembleias”, “fóruns” e “gralhas”. Afinal, alguém tem que fazer. E ela tem feito, sempre e tanto que a trajetória de Yara, é a própria história da militância das artes cênicas.

Uma vez ela me disse que a diretoria artística é a alma do Teatro Guaíra. É verdade. E no período em que diretora ali estive, a alma da “Casa”, atesto aqui sem desmerecer outros excelentes funcionários, foi a incansável Yara Sarmento.

Como pessoa, inteligente, educada, culta, agradável, simpática, etc, etc, etc... Se é verdade que a caligrafia traduz mesmo a personalidade, vamos pois aos fatos incontestáveis: sua letrinha miúda, quase ilegível de tão

pequena, denuncia sua delicadíssima natureza (não uso superlativos, mas neste caso, necessário se faz) pois quem a conhece, sabe.

Mas essa Yara de superlativos vários, não é perfeita: não se cuida como cuida dos outros. Não se olha como olha por todos. Não se movimenta como se movimenta pela classe. Se ela direcionasse a si própria um pequeno percentual dessa sua dedicação coletiva, certamente estaria muito, muito mais bem cuidada.

Mas já que sua vocação é a do coletivo, de minha parte, como cidadã, só me resta reconhecer o que esta mulher tem feito e continua fazendo por esta classe de artistas. E como amiga, dizer que a amo (e como ela sabe, digo isso a poucos, muito poucos).

Paulo Damasceno Ferreira – Assessor Jurídico do CCTG.

Yara Sarmiento é um espelho de alma na medida em que reflete todas aquelas qualidades e dons que gostaríamos de possuir. Bondosa, seriamente responsável, de posicionamentos firmes, companheira de bons e maus momentos. Yara é fonte inesgotável de alegrias e segurança para os que a conhecem, como eu.

Enfim, Yara é, para todos nós, uma lenda, felizmente viva e real.

Regina Bastos – Atriz.

De todas as coisas que a Yara fez para o teatro, só houve uma que eu não gostei: ela abandonou o palco. Não a perdoou porque ela era minha referência.

Comecei profissionalmente em 1974, no Grupo Momento. Foi com Yara que tratei meu primeiro contrato. Fizemos “Maria Bueno” e “A Casa de Bernarda Alba”, as duas com direção de Oraci Gemba. Yara era o meu “norte”, assim

que eu como atriz peço: Yara querida, nos dê um presente: volte!!!!

Regina Vogue – Atriz. Produtora teatral. Militante cultural. E, por mérito, proprietária do espaço Teatro Regina Vogue.

Há 29 anos vivo em Curitiba. Fazendo um balanço de minha vida artística e pessoal, de tudo que me aconteceu de bom e de ruim, você Yara certamente foi uma das pessoas mais importantes na minha vida. Sempre foi minha amiga e conselheira, tanto na política cultural quanto na vida particular. Orientando, fortalecendo e sendo companheira. Seu respeito e reconhecimento pelo meu trabalho é notório e gratificante.

Independente de seus futuros planos, seria bom que você não saísse da ativa nunca, embora, por merecimento, uma aposentadoria lhe fosse bem-vinda. Com toda sua história, você continua sendo uma militante imprescindível para a classe artística paranaense. Que você continue tão forte quanto nos ensinou a ser. Você me fez um bem incrível durante a vida toda. Sou grata e devo muito do que sou a você. Não esqueça nunca: A FAMÍLIA VOGUE TE ADORA! Obrigada por existir.

Renê Ariel Dotti – Advogado. Professor de Direito Penal da Universidade Federal do Paraná. Ex-secretário de Estado da Cultura.

Seria indelicado dizer que conheço Yara Sarmento há muito tempo. Direi que a conheço há algum tempo. Principalmente quando, na condição de secretário de Estado da Cultura (1987-1991), pude avaliar a sua imensa vocação para liderar movimentos em favor do teatro paranaense. A dinâmica líder estava substituindo a talentosa atriz. E interpretando muito bem esse novo papel com um grande

número de personagens, quer dizer, de liderados.

Mas, para muito além de uma atividade meramente corporativa, Yara representou sempre o que havia de melhor como caráter, dedicação e pessoa humana.

Um depoimento sumário a respeito da vida iluminada e do trabalho fecundo de Yara Sarmento, jamais poderia omitir a sua envolvente personalidade e a sua aprimorada educação.

Com carinho.

Rosirene Gemael – Jornalista.

Yara Sarmento, vida de artista.

A guerreira Yara Sarmento começou sua luta aos cinco, seis anos de idade. Aprendeu a preencher a ausência dos pais inventando causos, para uma bolinha que corria o corredor da casa onde vivia.

Aquela era a Antonina dos casarões cheios de histórias e fantasmas. Corredores enormes a separar quartos e a conduzir da sala à cozinha, e desta ao quintal, terreno de sonhos, terreno de pensar coisas da vida. O certo, o errado, a equanimidade.

Yara semeou estórias que mais tarde se transformaram em contos. E ao sabor da busca pela justiça, viraram textos e discursos a exigir direitos. Direitos. Direitos.

Yara continuou a batalha quando meninas que debutavam no Clube Curitibano como ela, estudavam balé apenas para serem finas, jamais para se tornarem bailarinas. Exibições cabiam às “profissionais”, moças que não tinham família...

Aos 15 anos escancarava a paixão pela dança. Não o balé clássico, como previa a etiqueta, mas a sensual dança espanhola, com a qual passou a se apresentar publicamente. As armas, agora, eram as castanholas, passos e movimentos de saias. Com eles Yara enfrentava Curitiba.

Bonita, articulada, perfeita dicção, logo Yara foi descoberta pela televisão. Atuou como garota propaganda, fez o programa “Colégio de Brotos”, dirigido por Sival Martins, ao lado de jovens atores e músicos em nada parecidos com a tia que cantava no coro da Igreja de Antonina, e estrelava saraus familiares. Participou de um programa sobre óperas e operetas comandado por Cícero Camargo de Oliveira, e em teleteatro sob a direção do poeta e dramaturgo Glauco Flores de Sá Britto.

Nessa condição, Yara quebrou outro tabu: deu o primeiro beijo na boca, no vídeo, contracenando com Joel de Oliveira. Ah, a guerreira se viu enredada em verdadeiro escândalo. A moral e os bons costumes não perdoavam. Mas ela seguia em frente.

Assim que acabou o curso de Direito na UFPR, guardou o diploma e foi para o Rio, em busca de horizontes mais amplos. Para a vida e para a arte. Não sem antes frequentar a noite curitibana.

Na época, nossa cidade tinha casas noturnas luxuosas, palcos de belos shows, só permitidas aos homens. Acompanhada pelos amigos da televisão, Yara frequentava as boates. Adorava assistir aos espetáculos. Foi uma das raras curitibanas a conhecer essa Curitiba da boemia. Também foi uma das raríssimas curitibanas, a assumir o homossexualismo naqueles idos tão hipócritas, tão preconceituosos.

No Rio e depois em São Paulo fez teatro, dublagem de filmes e até musical do Carlos Machado. Na televisão, contratada pela Globo, atuou em teleteatro, telenovelas e telejornalismo.

Durante o período brabo da revolução, Operação Bandeirantes, DOPS, Presídio Tiradentes, comendo soltos, Yara começou a usar o diploma de advogada, para dar assistência à amigas presas. Depois, como convinha à época, passou por um período de recolhimento em Antonina.

Abandonou temporariamente o palco e abriu um restaurante no Clube Náutico com Dudu Barreto Leite. E o tal restaurante virou ponto de encontro de artistas. Uma vitrine para os regionais que ali cantavam e expunham seus quadros.

De lá Yara veio a Curitiba e participou da criação do Grupo Momento de Teatro, iniciando parceria com um dos mais importantes diretores teatrais paranaenses: Oraci Gemba. Com ele ajudou a escrever um dos mais importantes capítulos da história de nossas artes cênicas.

Yara contracenou com as melhores atrizes: Marília Pêra, Irene Ravache... Foi dirigida por Gemba, Sérgio Brito... Paulo Afonso Grisolli... Recebeu lista de prêmios como melhor atriz. Ajudou a construir a história da nossa dança, a história da televisão. E ajudou a divulgar os grupos de teatro paranaenses.

Assinando coluna no jornal "O Estado do Paraná", dava ênfase ao trabalho de grupos teatrais importantes mas considerados menores na época, como o Margem, de Manoel Carlos Karam, só reconhecidos bem mais tarde. Yara também exerceu política cultural. Quando Oraci Gemba assumiu a superintendência do Guaíra e ela a direção de artes, atuou na implantação da Orquestra Sinfônica do Paraná, na criação dos Cursos Superiores de Artes Cênicas e de Dança, em convênio com a Pontifícia Universidade Católica do Paraná....

Também pagou preço alto, altíssimo, por acreditar que é possível para um órgão público implementar uma política cultural. Nesse e em outros episódios, Yara brigava usando propostas, ideias, a oratória, enquanto os donos do poder serviam-se de expedientes muito mais poderosos. Gemba, por exemplo, acabou seus dias como funcionário burocrático do IPE - Instituto Paranaense de Previdência.

Funcionária do Centro Cultural Teatro Guaíra, desde 1983 Yara sabe qual a importância atribuída à cultura pelos

nossos governantes. Conhece de perto a praga da descontinuidade, as ervas daninhas da ignorância e da vaidade. E também conhece a fundo a falta de união da classe artística.

Yara viveu a vida de artista no palco, na imprensa, nos bastidores, nos órgãos públicos e nas entidades de classe – outro capítulo importantíssimo na vida da artista ativista.

Há 37 anos na militância cultural, através da APATEDEP e do SATED/PR, Yara se fez presente em todos os momentos que tinham por objetivo conceder dignidade e justiça à vida do técnico e do artista.

Desde a criação do Troféu Gralha Azul, ao anteprojeto da Lei que regulamenta a profissão de artista e técnico em espetáculos e diversão. Desde a criação do Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões no Estado do Paraná - SATED/PR em 1981, do qual foi presidente de 1988 a 1991, à criação, em 1997, do Fórum das Entidades Culturais - Curitiba/PR.

Desde a participação em equipes elaboradoras dos anteprojetos das Leis de Incentivo à Cultura Municipal e Estadual, até o acompanhamento dia a dia, durante um ano e meio em Brasília, como olhos e ouvidos dos trabalhadores junto à Assembleia Nacional Constituinte, em favor do nosso direito à cultura e à arte.

A vida de artista que de longe parece transpirar glamour e charme ainda é muito difícil. Já foi bem pior, é verdade, Yara que o diga.

Histórias quase de terror se amontoam na lembrança de atrizes e atores. Ora recebiam cachês absolutamente mínimos, ora não recebiam nada, abandonados que eram por produtores em final de temporadas, em outras cidades, sem dinheiro nem para voltar para casa.

No início da Globo, os atores bancavam o próprio figurino, fosse em telejornais ou em novela. Isso já não ocorre mais. Mas, volta e meia os espetáculos em cartaz nos teatros da cidade, doam um dia de bilheteria para auxiliar o

tratamento de saúde de uma atriz ou um ator.

Aconteceu com Mário Shoemberger. Aconteceu com Lala Schneider, quando teve aneurisma. Acontece sempre.

E é para dar dignidade aos personagens dessa história, que Yara não parou nunca sua louca batalha.

Rozana Fátima dos Santos – Diretora de produção. Ex-secretária do superintendente Oswaldo Loureiro. Ex-assessora e ex-diretora de produção da secretaria executiva do Troféu Gralha Azul. Diretora de produção da Orquestra Sinfônica do Paraná.

O que falar de Yara, além de tudo que já foi dito, da amiga ímpar, dona de uma ética sem igual. A batalhadora pela classe, a mãe de todos, a defensora de todos. A amiga para todas as horas.

Como esquecer do maravilhoso tempo de trabalho juntas, dos grandes conselhos, das boas risadas e mesmo das horas não tão boas. A pessoa mais maravilhosa que eu já conheci.

Eu só posso falar que te amo muito.

Sidne Jeferson Gaspar – Ator. Dramaturgo. Diretor de produção. Administrador da Escola de Dança Teatro Guaíra.

"UM DIA A MERDA FLOTA, SIDNE". Essa frase, dita pela amiga Yara, num momento de uma discussão calorosa porém carinhosa, "bateu" a 300 km/h em meu cérebro e nunca mais saiu. Digo que naquele momento, Yara me deu a maior consciência de meus atos quando de alguma tomada de decisão. Isso é verdade. Uma atriz que passei a admirar ainda quando aluno do Curso Permanente de Teatro do Teatro Guaíra. Eu assisti quase toda a temporada de "Cinderela do Petróleo" só para ouvir a última palavra do espetáculo antes de fechar a cortina: "porra!". O público gargalhava e a

aplaudida de pé.

Essa é minha amiga. Trabalho com Yara no Teatro Guaíra há mais de 28 anos e posso dizer de boca cheia que é a pessoa mais generosa, inteligente, justa e sempre correta em suas colocações. Em meus momentos tristes e alegres me aconselhava.

Sempre lembrou dos meus últimos 28 aniversários. Uma vez de volta de sua viagem ao Egito, me presenteou não só com uma, mas com quatro esculturas em alabastro embrulhadas em algodão, para não quebrar. Que amigo faz isso? Andar com esse peso nas mãos e com o rosto iluminado te oferecer e dizer "lembrei de você". Você faz falta naquela sala. Falta luz. Chaplin um dia disse: "Nós colhemos o que semeamos".

Valderez de Macedo Pacheco – Advogada na Defensoria Pública do Paraná.

Escrever ou falar sobre Yara é tarefa prazerosa, porque se trata de pessoa especial em nossos corações e vida.

Amiga de todas as horas e ocasiões, inspira e transmite seu carinho a todos que a procuram como conselheira nas questões existenciais e conflitos dos relacionamentos humanos. Perfeita em tudo que se dedica a executar ou desempenhar.

Pessoa forte e sensível, dispensa maiores comentários sobre sua riqueza espiritual e retidão de caráter. Ouvinte irrepreensível quando se trata de auxiliar nas dúvidas suscitadas.

Enfim, agradeço muitíssimo à Yara por ter encontrado o sincero e verdadeiro sentido da reciprocidade de uma amizade.

Abraços e beijos.

Vera Andrade – Ex-diretora administrativo-financeiro do CCTG.

Ela é o máximo. É uma privilégio ter uma amiga como Yara.

Verrinha Walfloor – Empresária cultural.

Quando minha irmã e eu éramos crianças, tínhamos como vizinhos a família da Yarinha, na cidade de Antonina. Ela tinha mais ou menos oito aninhos de idade. Era uma criança também. Meus pais contam que sempre nos carregava no colo, brincava, cuidava de nós duas, nos protegia. Imagine uma criança brincando de cuidar de duas crianças! Ela já era o que é até hoje: MÃEZONA!

Houve um hiato no tempo. Aos 20 e poucos anos comecei a trabalhar com ela. Que criatura maravilhosa, observava. Minha admiração era tanta que procurava, já na época, pesquisar o verdadeiro significado da palavra ética e chegava a conclusão que a palavra refletia a pessoa de Yara Sarmiento. Não precisava de mais nada.

Que riqueza que herdei em tê-la como amiga. Quanto orgulho em saber que faço parte desse seu imenso amor.

Vitoria Arabela Sahão – Administradora de empresa. Assistente social. Ex-professora da Universidade Estadual de Londrina. Ex-coordenadora da Pró-Reitoria de Extensão e Ação Comunitária da Universidade Norte do Paraná. Ex-chefe de gabinete da diretora-presidente do Centro Cultural Teatro Guaíra – gestão Nitis Jacon. Ex-relações institucionais / captação de recursos para projetos do CCTG.

Expressões com as quais Yarinha costuma brincar comigo, são lembranças de momentos hilários e outros mais

sérios, de nossas tantas conversas: “mãe do Sultão”, “me escuta, cã”, “favorita do harém”, “princesa fenícia”, “Vic de Samotrácia”.

Imagino que de todos que registraram suas lembranças e depoimentos, eu seja uma das amigas mais recentes, mas com a intensidade de sentimento e respeito que transcendem ao tempo que esta amizade tem.

Quando recém cheguei ao Teatro Guaíra, convidada a trabalhar no gabinete da presidência, eu, uma “pé vermelho” de Londrina, instalada num ambiente totalmente diferente às minhas convivências até então, Yara recebeu-me com atenção, e se dispôs a apresentar-me às questões da Casa. A partir daí fui descobrindo a “pessoinha” fumante, culta, humorada, chatinha também, sem ser incomodativa e dona de uma irreverência aguçada de extrema polidez (paradoxal, mas é verdade).

Assim, você foi apresentando-se para mim! Descobri-a também combativa nas questões da militância cultural, até hoje engajada nas discussões e ações que fortalecem a classe artística! Seu arrojo e sua coragem merecem registros por viver além de seu tempo! A vida concedeu-lhe graça e você a desfrutou! Com toda esta multiplicidade de vida e ainda protagonista de sua história, nada mais justo que esses fatos sejam registrados. Yara é múltipla! Ela se reinventa e se enfrenta todos os dias.

Brinco, chamando-a de “Egiptóloga de Antonina”, por conhecer seu encantamento pelo Egito.

Zeca Corrêa Leite – Jornalista. Contista. Dramaturgo. Poeta. Escritor. Ex-assessor de Imprensa do CCTG.

Acho por bem falar de Yara Sarmento assim: sem rascunho, sem pensar duas vezes, sem ficar pensando e pensando. Desse jeito espontâneo porque Yara – conforme meu olhar – é uma pessoa de uma clareza, de uma

transparência como poucas no mundo. Ela tem uma coisa de coragem, de honestidade, integridade, bondade que chega a ser quase desumana – está além das amarras dos seres comuns. Com esse jeito doce e muitas vezes turrão, desenha-se uma alma de entrega, de luz. Assim eu vejo Yara Sarmiento, sempre por inteira, plena, toda sentimento que se alimenta da sua verdade. Sem rascunho, sem definição, tão somente Yara. Ela é.

Yara Chaves – Assessora do diretor administrativo-financeiro do CCTG. Chefe de gabinete da presidência do CCTG – gestão Mônica Rischbieter. Chefe de gabinete da secretária de Estado da Cultura, Mônica Rischbieter.

Yara Sarmiento é um exemplo a ser seguido pela nova geração do teatro paranaense.

Os artistas paranaenses devem muito à Yara Sarmiento, pelo seu incessante trabalho em prol dos profissionais ligados às artes cênicas do Estado do Paraná.

Waltraud Sékula – Artista plástica. Ex-coordenadora geral do Fórum das Entidades Culturais – Curitiba/PR. Militante cultural. Ex-presidente da Associação dos Artistas Plásticos do Paraná.

Falar de ti – pura ousadia!

Vejo em ti duas mulheres vitoriosas que se complementam: a MULHER ATRIZ – dos palcos, telas, aplausos e glamour; e a MULHER CABEÇA – informada, centrada, engajada nas lutas de classe, pelo coletivo, pela cultura.

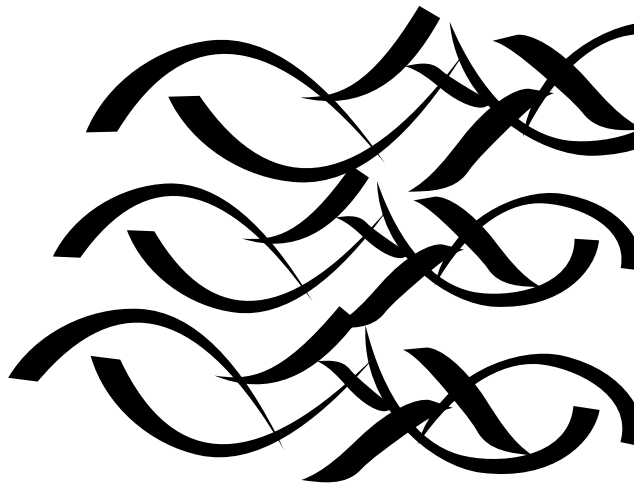
Em ti o cultivo do conhecimento ultrapassa o cultivo das vaidades – conquista dos sábios. Musa inspiradora – me dás a escola, és meu espelho...

Yara: "Aplaudo sempre e de pé você DIVA, você exemplo de ser humano".



Com este delicioso blood mary, brindo e agradeço com
emoção, com carinho a generosidade dos amigos que
fizeram seu depoimento
(EXAGERADOS!!!).

Abraços / beijos
YARA



HISTÓRICO

Uma das frases que Yara destaca: “Prefiro servi-los como eu entendo a ser participe do comando como eles entendem” – “Coriolano” de Shakespeare.

Natural de Antonina - Paraná, Yara Moreira de Moraes Sarmiento nasceu no dia 7 de junho de 1940.

Filha de Nerea Gomes Moreira de Moraes Sarmiento, antoninense, que foi vereadora na mencionada cidade. Nerea recebeu o título de Cidadã Honorária de Curitiba, por proposição do então vereador Neivo Beraldin e título de Vulto Emérito de Antonina, uma homenagem da, à época, vereadora Marigel Machado. Yara é filha também do curitibano Mário Miranda de Moraes Sarmiento, advogado, filho do Coronel Joaquim Antonio de Moraes de Sarmiento, herói da História do Paraná, Patrono da Polícia Militar do Estado, nome de rua em Curitiba em razão de ter sido um dos militares com atuação decisiva na Guerra do Contestado.

Morou em Antonina com sua avó Alice Gomes Moreira e seus tios Luizinha e Francisco “Chico Barulho” Picanço. Veio residir, permanentemente, com seus pais em Curitiba no ano de 1950.

Estudou no Grupo Escolar Brasília Machado, em Antonina, e nos Colégios Divina Providência e São José, em Curitiba. Em todas as apresentações artísticas montadas pelas instituições de ensino, Yara participou.

Cursou Direito na Universidade Federal do Paraná - 1958/1962.

Iniciou sua carreira artística na Academia de Danças Espanholas – Sociedade Thalia e Círculo Militar do Paraná – da professora Bárbara Grand e de sua filha Beatriz Di Paolo Torres, em 1955. Dançou pela mesma Academia até 1964.

Em 1963/1964 atuou como bailarina no programa “Postais de Operetas”, na TV Paranaense, dirigido por Cícero Camargo de Oliveira. Participações: Claudete Rufino, João da

Glória, Adolar Zandoná, Airton Müller e outros.

Estreou como atriz na TV Paraná no programa "Colégio de Brotos", dirigido por Sinval Martins. Trabalhou no programa semanal "Teatro de Equipe", dirigido por Glauco Flores de Sá Britto. Faziam parte do elenco: Lala Schneider, Claudete Barone, Irene Moraes, Aristeu Berger, Joel de Oliveira, Luiz Hilário e outros. Participou também do humorístico "Telstar Festival" da TV Paraná, dirigido por Maurício Távora. Ainda como bailarina, no "Big Gincana Duchen" apresentado por Acidália Chen.

Em 1964 foi para o Rio de Janeiro. Sob o comando de Janet Dequech, trabalhou no Posto para Informações aos Turistas. Também, como recepcionista no Festival Internacional de Cinema. Ambas as atividades em 1965.

Participou como atriz na TV Tupi dos teleteatros: "Clube do Morcego" dirigido por João Loredó e "Teatro de Comédia", sob o comando de Odair Marzano. Fez teste seletivo por ocasião da inauguração da TV Globo. Aprovada, trabalhou nos programas: "Festa em Casa", "4 no Teatro", "Presença", "Capitão Furacão", "Quando a Vida é Uma Canção", "Encontro às 4".

Participou das novelas: "Rosinha do Sobrado", "A Moreninha" e "Padre Tião", sob a direção de Otávio Graça Melo. Em "Um Rosto de Mulher", direção de Sérgio Britto. Ainda na TV Globo, apresentou o noticiário "Tele-Jornal das 13 Horas".

No início de sua carreira no Rio de Janeiro, Yara teve o apoio de Janet Dequech, Lucy Castelo Branco, João Loredó, Odair Marzano, Graça Melo, Paulinho Graça Melo, Ivan Leroux, Joel Vaz, Claudia Martins, Marília Pêra, Gracindo Júnior, Sergio Britto, Nestor Montemar, Edna Savaget e Maria da Glória.

No Rio trabalhou ainda na TV Continental em "Bombom e Fiapo", direção de Dudu Barreto Leite, ao lado de Vera Barreto Leite. Vera foi manequim em Paris, de Dior, Chanel e outros estilistas internacionalmente famosos. Yara apresentou os programas: "Sessão das 9:30" e "Coral 2/4".

No Teatro, participou das peças: "Flor de Cactus", no

Teatro Copacabana, produção de Oscar Ornstein, por indicação de Claudinha Martins. Em “Onde Canta O Sabiá”, no Teatro do Rio, sob direção de Paulo Afonso Grisolli. Este foi o primeiro espetáculo pop do Brasil, estrelado por Marília Pêra e Gracindo Júnior. O convite para integrar tal elenco partiu de Marília, Gracindo e Nestor Montemar.

A convite de Carlos Machado fez parte do elenco da revista musical “Carlos Machado's Holliday”, na Boate Fred's, ao lado de Irene Ravache, Cláudia Martins, Sueli Franco, Rossana Ghesa, Ari Fontoura e Hugo Sandes.

Fez dublagens para filmes de televisão e de cinema, nos estúdios Herbert Richers e Peri Filmes.

Mudou-se para São Paulo em 1967, participando na TV Globo, do teleteatro “Processo 68”, produção de Valêncio Xavier. No Teatro, das peças: “Receita de Vinícius”, direção de Sady Cabral no Teatro das Nações e “A Raposa e as Uvas”, direção de Nydia Lícia no Teatro Bela Vista, e em temporada popular nos espaços cênicos dos bairros paulistanos. O ator Sergio Cardoso, ex-marido de Nydia, amigo de Glauco Flores de Sá Britto, apresentou Yara à citada atriz e produtora.

Ainda atuou no Programa Silvio Santos, no quadro “A Justiça dos Homens”, produzido por Valêncio Xavier, como membro da Promotoria Pública. Paralelamente, foi professora no Instituto São Paulo, escola para crianças surdas e com problemas de comunicação verbal, lecionando Estruturação de Linguagem e Psicomotricidade, por recomendação de Dudu Barreto Leite e Maria Conceição Conte - 1968/1970.

Nesse período participou dos cursos: “Sistema Universal Verbotonal Guberina de Reabilitação Auditiva e Fonética” – Center Zá Rehabilitaciju Sluha I Govera – Zagreb/Iugoslávia. Psicomotricidade sobre o Método “Le BonDepart” – Professora Yolanda Bianco/PUC-SP.

Voltou ao Paraná em 1970. Em Antonina abriu restaurante no Clube Náutico, com Dudu Barreto Leite e Maria Conceição Conte, o qual se transformou em local de encontro de litorâneos e curitibanos. Nos finais de semana promoveram atividades artístico-culturais, em especial, com os talentos

capelistas.

De 1971 à 1974, colaborou com colunas para os jornais O Antoninense de Admaro Santos, O Estado do Paraná, com a coluna "Papeando", apoiada por Mussa José Assis. Na revista "Quatro Estações", escrevendo sobre Turismo, a convite do jornalista Nelson Faria de Barros.

Em 1972, retoma sua carreira de atriz, em Curitiba, participando de "Via Crucis", com texto e direção de Oraci Gemba. Produção de Paulo Sá, no Auditório Salvador de Ferrante, do Teatro Guaíra.

Foi diretora do Grupo Momento de Teatro, criado juntamente com Gemba, Angela Wogel, Lauro Hanke e outros, tendo na produção executiva Verrinha Walflor - 1972/1977.

Montagens realizadas pelo Grupo Momento: "Electra", "Marat-Sade", "Maria Bueno", "A Casa de Bernarda Alba", "O Cerco da Lapa", "Carla, Gigi e Margot", no Auditório Salvador de Ferrante do Teatro Guaíra. "Momento de Natal" e "Auto de Natal" para a Fundação Cultural de Curitiba, espetáculos apresentados nos bairros da cidade. O show "Funeral para Um Rei Negro" (1975), com Lápis e Evanira, no Teatro Paiol e no Auditório Bento Munhoz da Rocha Netto do Teatro Guaíra, com textos de Gemba e Yara. Todos os espetáculos dirigidos por Gemba.

Integrou também o elenco da produção "A Torre em Concurso", do Teatro de Comédia do Paraná - TCP, da então Fundação Teatro Guaíra, sob direção de Oraci Gemba - 1976.

Yara participou de narrações, locuções e entrevistas no Museu da Imagem e do Som, quando o órgão foi dirigido pela jornalista Marly Garcia Correia, inclusive no documentário em Super 8, sobre o "Barreado de Antonina".

Fez parte da equipe paranaense que elaborou o anteprojeto da Lei nº 6.533/1978, a qual regulamenta a profissão de Artista e Técnico em Espetáculos de Diversões, com destaque para o trabalho de Luciana e Aluizio Cherobim, Delcy e Edson D'Avila, entre outros.

Com a peça "Carla, Gigi e Margot", recebeu o Troféu Gralha Azul de Melhor Atriz na edição 1976/1977. No ano

seguinte, recebeu o mesmo Troféu de Melhor Atriz Coadjuvante por seu trabalho na peça dirigida por Menghini, "Cinderela do Petróleo". Montagem que comemorou os 10 anos da Companhia Roberto Menghini.

Os jornais O Estado do Paraná e Tribuna do Paraná concedem-lhe, em 1978, o Diploma de Melhor do Ano/1977, como Melhor Atriz de Teleteatro.

Em 1975, em cargo comissionado, trabalha na gestão do doutor Túlio Vargas, recomendada pela poeta Vera Vargas, amiga e colega da Faculdade de Direito, na Secretaria de Estado da Justiça. Integrou a equipe da assistente social, senhora Dirce Pacheco – assessora para Assuntos Penitenciários – com quem aprendeu sobre a importância da dedicação ao serviço público e da ética profissional. Na mesma equipe, além de estagiários, trabalharam Olga e Caíque Sá de Ferrante, e Marilyn Miranda. Permaneceu no citado órgão até 1983, cursando no período, a Faculdade de Direito de Curitiba, "Habilitação Específica em Direito Penal e Criminologia".

Sob a orientação de Ermelino de Leão Neto, em 1979, faz teste seletivo para ingresso no quadro efetivo de pessoal da supra referida Secretaria da Justiça. Em 1978 recebe "Placa de Prata - Honra ao Mérito", na gestão do doutor José Maria Azevedo.

É transferida para a então Fundação Teatro Guaíra, em 1983, prestando serviços de assessoria ao recém nomeado superintendente, Oraci Gemba.

Na edição 1985/1986, recebeu junto com Delcy e Edson D´Avila e Waldir Manfredini, Menção Honrosa pela criação do Troféu Gralha Azul. Em 1985, a Comenda Dama Rouge.

Para os Festivais de Música Popular Brasileira da Fundação Copel, produzido por Maria Alice Trégliá Moreira, Yara escreveu os textos de apresentação das músicas inscritas, sem nenhum ônus para o órgão – 1981 a 1985.

Na edição 1988/1989, volta a ser homenageada com o Trófeu acima citado pela Fundação Teatro Guaíra – hoje, Centro Cultural Teatro Guaíra – CCTG - e pela classe artística

paranaense, pelo trabalho que desenvolveu em Brasília junto à Assembléia Nacional Constituinte, em favor das artes e das culturas brasileiras. Igualmente, pelos legítimos interesses dos trabalhadores de um modo geral. Nesse trabalho, representou as entidades nacionais de artistas, técnicos e de produtores em espetáculos de diversões.

Participaram também desse trabalho (1987/1988): Beth Casé – SATED/Espírito Santo, Eduardo Cabus – APAC/Bahia, Lígia de Paula Souza – SATED/São Paulo, Alice Vergueiro e Sérgio Sanz – SATED/Rio de Janeiro. Foi decisivo a esse trabalho o apoio de Elisa Gonçalves Martins, diretora do PROCON/DF à época, bem como de Guilherme Cabral, representante do Instituto Nacional de Artes Cênicas – INACEN, no Distrito Federal. Importantíssima foi, igualmente, a participação dos representantes do SATED e da APAC/Minas Gerais.

Essencial foi o suporte oferecido por Luciana Cherobim.

Maurício Fruet e Nelton Miguel Friedrich, deputados federais na ocasião, colocaram à disposição de Yara seus gabinetes para tal trabalho. Também no inestimável apoio com vistas ao encaminhamento de emendas ao anteprojeto da Constituição Federal.

Em Belo Horizonte, 1989, é homenageada pelo SATED/MG e APAC/MG por seu trabalho junto à Assembléia Nacional Constituinte. No mesmo ano foi convidada pelas secretarias de Estado da Cultura do Pará e do Piauí para dar palestras sobre Cultura na Constituição de 1988. Também em Londrina/Paraná.

Falou no Curso Superior de Artes Cênicas em Curitiba, e em inúmeras reuniões com a classe artística paranaense.

Em 1991, a Câmara Municipal de Curitiba concede-lhe Diploma de Reconhecimento por sua atuação em favor da área cultural.

Por escolha da classe cênica nacional, representa as entidades ANEATE e ANPAC no período de 1999 a 2001, como conselheira na Comissão Nacional de Incentivo à Cultura -

CNIC, Lei Rouanet, junto ao Ministério de Estado da Cultura em Brasília, na área das artes cênicas. Essa, coordenada com dedicação e competência por Angélica Salazar Pessoa Mesquita.

Recebe a Orden Del Merito Andaluz concedida pelo Centro Andaluz de Flamenco y Peña Montoya, em 1994, por seu dedicado culto à dança flamenca.

Em 1996 é homenageada com o Prêmio Especial do Troféu Espaço da Criança, promoção de Giovani Cesconetto/Mara Rangel. Também pelo Conselho Estadual da Mulher, por sua contribuição à Cultura e, por ser artista pioneira e premiada do Estado do Paraná.

Fez a locução dos textos que acompanharam o espetáculo "Bastidores da Alma", 1996, produzido pela Escola Danjô Corpodança de Neiva e Jô Braska Negrão, no Auditório Bento Munhoz da Rocha Netto/CCTG.

O Consulado da Grécia no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, por meio dos professores Constantino e Maria Comninos, concede-lhe Diploma de Mérito Thalia, por ser uma das idealizadoras do Troféu Gralha Azul - 2004.

Com Delcy e Edson D'Avila, Celso Toniolo e outros, fundou a Associação Profissional dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões no Estado do Paraná - APATEDEP, em 1973. Fez parte da diretoria até a fundação do SATED/PR.

Ao lado de Luciana e Aluizio Cherobim, Delcy e Edson D'Ávila, Celso Toniolo, Lúcio "Gabirola" Togo Mange e outros, funda em 1981 o Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões no Estado do Paraná - SATED/PR, participando da diretoria até fevereiro de 2011.

Assumiu a presidência do mesmo Sindicato no período de 1988 a 1991.

Juntamente com Oraci Gemba, Aramis Millarchi e outros, no início dos anos 70, reivindica a restauração e equipamento do Paiol como espaço artístico-cultural para a cidade.

Foi diretora de artes e programação da então Fundação Teatro Guaíra na gestão de Oraci Gemba, no período de

novembro de 1983 a maio de 1985. Principais realizações: reunião com a classe cênica para elaboração do Plano de Ação da Gestão Gemba. Reestudo do Regulamento da Fundação Teatro Guaíra. Elaboração do Plano de Cargos e Salários. Implantação da Orquestra Sinfônica do Paraná, com a decisiva participação de Eleni Bettles, Ivo Lessa e do Maestro Alceo Bocchino. Criação dos Cursos Superiores de Artes Cênicas e de Dança, em convênio com a Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUC, graças ao inestimável apoio da vice-reitora Ivete Cardoso de Almeida e da professora Elisa Gonçalves Martins, à época assessora do secretário de Estado da Cultura e Esporte, Fernando Ghignone. Assim como, da dedicação das servidoras Carla Reinecke e Carmem Hoffmann. Publicação de revista sobre o centenário da instituição de espaço cênico oficial: Teatro São Theodoro - Teatro Guayra - Teatro Guaíra - 1884/1984, contando sobre a então Fundação Teatro Guaíra, suas Unidades e as ações artístico-culturais desenvolvidos pela Casa. Nesse trabalho destaca-se o empenho e a competência do jornalista Nelson Faria de Barros e o talento em diagramação e arte de José Victor Cit. Criação da Carreta Popular, contando com o especial empenho dos servidores Lílian Fleury Dória e Laerte Ortega. Instituição do Setor de Circo, com o trabalho dedicado e competente de Laerte Ortega. Reativação do Teatro de Comédia do Paraná - TCP, contando com a preciosa experiência de produção do servidor Warly Martins Ribeiro. Depois, com a dedicação de Eros Merlin Trevisan. Retomada da Ópera. Reativação do Setor de Teatro Amador, sob a responsabilidade da servidora Aparecida Damásio. Implantação de Informativo Mensal sobre a Programação dos Auditórios da Casa. Lançamento de editais de apoio à montagem teatral independente, em co-produção com o TCP. Articulações para a instituição do Segundo Grau junto à Escola de Dança Clássica do Teatro Guaíra. Circulação dos espetáculos do TCP e do Balé Teatro Guaíra, inclusive a Portugal, com o espetáculo "O Grande Circo Místico". Implantação do Setor de Preservação e Memória. Institucionalização do Troféu Gralha Azul. Realização do

Projeto “Caixa Estante”, desenvolvido pela servidora Cida Damásio – textos teatrais para os interessados da Capital e municípios do estado, entre outras ações.

Malu Willumsen, assessora jurídica na gestão Gemba, com sua enorme capacidade de trabalho, orientou a diretoria no caminho da Justiça.

Sob a coordenação da diretora artística Loraci Setragni, em 1994, participou da equipe que elaborou revista referente à Fundação Teatro Guaíra, da qual participaram também Vera Andrade, Elenice José Macedo, o jornalista Zeca Correa Leite, Mara Moron e outros. Projeto gráfico de José Victor Cit.

Ocupou o cargo de vice-presidente do SATED/PR, em segundo mandato até 2008, permanecendo na diretoria. Desenvolveu inúmeras ações voltadas às políticas públicas para a área das artes cênicas, juntamente com Christo Dikoff, presidente, Luciana e Aluizio Cherobim, Delcy e Edson D’Avila, Grazianni Branco da Costa, Isidoro Diniz, João Luiz Fiani, Cláudio Iovanovitchi, Regina Vogue, Eliane Berger, Neiva Camargo Iovanovitchi, Giovani Cesconetto, Geraldo Kleina, Jewan Antunes e outros.

Em 1992 assume a secretaria executiva do Troféu Gralha Azul junto ao CCTG, tendo como assessora e produtora a servidora Rozana Fátima dos Santos. Promoveu pesquisa sobre a trajetória do mesmo prêmio, com base em trabalho anterior realizado por Enéas Lour e Mario Schoemberger. A partir de 2000, assessora a secretária executiva do referido Troféu, Celia Regina Polydoro, até 10 de março de 2009.

Atuou na assessoria das diretoras artísticas: Loraci Setragni, Mara Lucia Moron, Débora Tadra, Marlene Montenegro, Marila Vellozo, Nena Inoue, Lu Rufalco e do diretor Enéas Lour.

No Teatro Guaíra, ao lado do servidor Gilberto Carbonar, elabora minutas dos editais lançados pela Autarquia. Procederam o reestudo – com referência no trabalho realizado por César Fonseca – pertinente ao Regulamento do Centro Cultural Teatro Guaíra - 2005/2006. Integrou a equipe de servidores dessa Casa, composta por Vera Andrade, Eliane

Hess, Mara Moron, Paulo Damasceno, Gilberto Carbonar e outros, com vistas às articulações para a implantação da Gratificação por Espetáculo no percentual de 100% (cem por cento) sobre o salário-base dos funcionários dessa Instituição – gestão Oswaldo Loureiro – em razão de que o salário da imensa maioria deixava a desejar. A Lei que instituiu a supracitada Gratificação – em 50% sobre o salário-base dos funcionários – foi iniciativa do secretário de Estado da Cultura doutor René Ariel Dotti e do superintendente Constantino Viaro, atendendo ao pleito da Associação dos Funcionários.

Sob a coordenação de Cloris Ferreira, trabalha na elaboração de proposta ao quadro de salários para os Corpos Estáveis da instituição.

Presta depoimento sobre sua carreira artística, em 1996, ao Setor de Preservação e Memória do Teatro Guaíra, entrevistada por César Fonseca.

Em 1997 foi uma das criadoras do Fórum das Entidades Culturais - Curitiba/PR, ao lado de Berenice Mendes, Glauco Souza Lobo, Eliane Berger, Waltraud Sékula, Luiz Arthur Montes Ribeiro, Marcelo Miguel, Luciano Lacerda, Cláudio Ribeiro e Oswaldo Aranha, entre outros. Uma das mais importantes iniciativas desse grupo foi a implantação do Programa Conta Cultura – 2001, proposto à classe artística e à secretária de Estado da Cultura, Mônica Rischbieter, por Berenice Mendes. Yara fez parte da coordenação do mencionado Fórum até março de 2010. Na fase inicial foi significativa a participação de Ragnhild Borgomanero.

Participou das equipes elaboradoras dos anteprojetos das Leis Municipal e Estadual de Incentivo à Cultura. Projetos de Lei do então vereador e deputado estadual Ângelo Vanhoni.

No primeiro mandato Beto Richa, integrou a equipe elaboradora do anteprojeto referente à revisão da Lei Municipal de Incentivo à Cultura, representando o Fórum das Entidades Culturais - Curitiba/PR. Participaram também, Waltraud Sékula, Ulisses Galeto e Paulo Munhoz. Da Fundação Cultural de Curitiba – FCC: Paulino Viapiana, Marcelo Cattani, Heliomar Dutra, Christine Baptista, Reinaldo Lima e Guilmar

Silva. Incentivadores da iniciativa privada: Sérgio Gielow e José Luiz Casela. Vereadores: Julieta Reis, Nely Almeida, André Passos e Ângelo Batista.

Igualmente, da equipe elaboradora do Decreto Regulamentador, representando o mencionado Fórum, com Waltraud Sékula, Paulo Munhoz e Antonio Carlos Domingues. Da FCC: Ana Maria Hladczuk, Reinaldo Lima, Heliomar Dutra, Sérgio Mahlmann Malheiros – presidente Paulino Viapiana – 2005/2006. Sem esquecer a inestimável colaboração de Zilá Walenga Santos e Maria Inês Barreto. Participou da equipe elaboradora do anteprojeto da Lei Estadual de Incentivo à Cultura/Decreto Regulamentador, junto à secretaria de Estado da Cultura – gestão de Mônica Rischbieter – equipe composta por Berenice Mendes, Glauco Souza Lobo, Christine Baptista, Cláudio Ribeiro e André Galvão, de Londrina - 2001. Foi decisiva a participação de Claudio Iovanovitchi em todo esse processo. Foi escolhida pela classe para representar a área das artes cênicas nas Comissões do Mecenato da Lei Municipal de Incentivo à Cultura - Fundação Cultural de Curitiba, nos períodos de 1992/1993 e 1998/2001.

Yara está na militância política cultural, há 37 (trinta e sete) anos, como representante das entidades APATEDEP, SATED/PR e do mencionado Fórum, integrando equipes de trabalho e de articulação, sobre questões de interesse da classe artística.

Participou do grupo que elaborou o anteprojeto da Lei/Decreto Regulamentador com vistas ao Fomento ao Teatro – Projeto de Lei do deputado Ângelo Vanhoni – com o apoio da secretária de Estado da Cultura, professora Vera Maria Haj Mussi Augusto. Destaque para o trabalho de Isidoro Diniz, Geraldo Kleina, Cláudio Iovanovitchi, Giovanni Cesconetto, Regina Vogue, Márcia Moraes, Sueli Araujo, Jewan Antunes e outros. Da secretaria: Glauco Souza Lobo, Lia Amaral, doutor Aloísio Miecznikowski, Maristela Gavelak e Andréia Barberena.

Ao lado de Isidoro Diniz, elaborou proposta de anteprojeto de Lei relativo ao Fundo Estadual de Cultura, com vistas à apreciação da secretária de Estado da Cultura e sua

equipe.

A Comissão Estadual de Artes Cênicas - CEAC foi instituída em 1981, no governo Ney Braga, por força da articulação e da participação da classe cênica na elaboração do regulamento dessa Comissão. Da equipe participaram: Elisa Gonçalves Martins, representante do Serviço Nacional de Teatro-SNT/ministério da Educação e Cultura-MEC, no Paraná; Oraci Gemba, Luciana e Aluizio Cherobim, Delcy e Edson D'Ávila, José Basso, Eloá Teixeira, Loraci Setragini, Dudu Barreto Leite, Sérgio Zanquettin e outros. Yara integrou a CEAC, na elaboração de editais e na seleção dos projetos inscritos aos mesmos. Na gestão do doutor Renê Ariel Dotti frente à Secretaria de Estado da Cultura, fez-se a revisão do citado Regulamento. A CEAC, à época, tomou caráter deliberativo por vontade política do então titular da Pasta da Cultura.

Yara representando o SATED/PR, José Basso representando a APAC/PR e Elisa Gonçalves Martins representando o SNT / MEC, gestionaram junto ao presidente do SNT, Orlando Miranda e do secretário de Estado, no propósito da conclusão e equipamento do Teatro da Classe, hoje Teatro José Maria Santos, Unidade do Centro Cultural Teatro Guaira.

No Curso Superior de Artes Cênicas - CCTG/PUC, foi responsável pela disciplina de Legislação Teatral - 1993/1994. Lecionou a mesma disciplina nos cursos para diretor de produção promovidos pelo SATED/PR, assim como no Curso de Interpretação realizado pelo Teatro Lala Schneider, espaço cênico comandado por João Luiz Fiani.

Yara propôs, em 2006, à Fundação Cultural de Curitiba - FCC, a institucionalização anual do Concurso de Dramaturgia Oraci Gemba. Sugestão acolhida graças ao empenho dos servidores Christine Baptista, Zilá Walenga Santos, Beto Lança, Clóvis Severo, do diretor da FCC Marcelo Cattani e do jornalista Dante Mendonça.

Deu continuidade à sua carreira como atriz, em 1977, na Rede CNT com Roberto Menghini no teleteatro "Histórias Que A Vida Conta", juntamente com Gilda Elisa, Delcy e Edson

D'Ávila, Odelaire Rodrigues, Marilyn Miranda, Maria Helena Moura, Araci Pedroso, Airton Muller, José Basso, Clóvis Aquino, Feliciano Macan, Lúcio "Gabirola" Togo Mange, Paulo Cardoso e outros.

Em 1996 participou de episódios no teleteatro "Pista Dupla" - Rede CNT - sob a direção de Atilio Riccò e roteiro de Lílian Fleury Dória, ao lado de Delcy e Edson D'Ávila, Tadeu Perrone, os gêmeos Willy e Werner Schumann, Adriana Lima, Áurea Leminski, Ênio Carvalho, Simone Klein, Clóvis Aquino, Maria Helena Hornung, Surian Barone, Enéas Lour, Mário Schoemberger, João Luiz Fiani, Florival Gomes, Jana Mundana, Kátia Drumond, Áldice Lopes e outros.

Em 2007 lança o Blog - editora Beatriz Barreto Brasileiro "Biazinha" Lanza - "Sobre e Para Yara Sarmiento", por proposta de Vitoria Sahão e com o apoio das diretoras Lu Rufalco e Marisa Villela, para o acervo do Setor de Preservação e Memória do CCTG.

Em março de 2008 recebe em Curitiba, do Shopping Novo Bate - Teatro Fernanda Montenegro - em parceria com o Conselho da Mulher Executiva da Associação Comercial do Paraná e Associação de Mulheres de Negócios e Profissionais de Curitiba - BPW, homenagem como "Mulheres de Destaque 2007", na área da Cultura.

Em abril do mesmo ano, concede entrevista ao programa "Persona" da UFPRTV, conduzido por Nelson Zucchi.

Em setembro de 2009, faz a apresentação do espetáculo "PIXAIN", no Programa dessa montagem da Cia. Nossa Senhora do Teatro Contemporâneo, sob a responsabilidade de Isidoro Diniz. Essa peça comemorou os 30 anos de carreira do mencionado artista e produtor.

Convidada por Christine Baptista e Zilá W. Santos da Diretoria de Patrimônio da Fundação Cultural de Curitiba, participou do projeto "Hora da Prosa" em 30.10.2008, ao lado de Jaime Lerner, Lucia Camargo, Paulo Vítola, Luci Daros, João Egashira e Silvio de Tarso, ocasião na qual comemorou-se os 37 anos do Teatro Paiol.

Recebeu homenagem do Balé Teatro Guaira, na

ocasião das comemorações dos 40 anos de existência da Companhia - 2009.

O jornalista Dante Mendonça, do Jornal O Estado do Paraná, entrevista Yara para sua coluna "Porque Hoje é Sábado", em setembro de 2009.

Lança o Livro Digital "NA ESPUMA DAS ONDAS" – novembro de 2009 – o qual apresenta: monólogos, monólogo com narração, conto para ser dramatizado, peça teatral, roteiro / texto para curta-metragem ou teleteatro, crônicas, histórico, entrevistas e depoimentos.

Nesse trabalho foram decisivas as participações de: Mônica Drummond, Beatriz Barreto Brasileiro "Biazinha" Lanza, Vitoria Arabela Sahão, Bia Reiner, Marisa Villela, Rosirene Gemael, Jane D'Avila, Celia Polydoro, Frederico Bittencourt, Cristiano Maingue, Evelise Maria Sydney Silva, Valderez Pacheco, Maria da Graça Kinderman, Áldice Lopes, Malu Willunsen. Fotografia de Marcos Borges.

Em janeiro / 2010, participa da equipe – SATED/PR, SEPED/PR e CCTG – que elabora o Edital pertinente ao Troféu Galha Azul / 31ª Edição/2010. Equipe integrada por Jane D'Avila, Bia Reiner, Mario Trojan e Paulo Damasceno, sob a coordenação da diretora artística do Teatro Guaíra, Lu Rufalco.

Integra a Equipe responsável pela preparação e realização das Assembléias Gerais Conjuntas e Abertas do SATED/PR e SEPED/PR, às Pré-Conferências Setoriais de Cultura – Teatro e Circo – a serem promovidas pela FUNARTE/Ministério de Estado da Cultura, em Brasília.

Dessa equipe participaram: Regina Vogue, Isidoro Diniz, César Almeida e Aluizio Cherobim - 2010.

Representando o SATED / PR, juntamente com João Luiz Fiani, presidente do SEPED / PR, participou de reunião com o presidente da Fundação Cultural de Curitiba, Paulino Viapiana e equipe, sobre a revisão da Lei Municipal de Incentivo à Cultura-Mecenato, maio de 2010.

Por ocasião de sua aposentadoria, em junho de 2010, recebe homenagem do Centro Cultural Teatro Guaíra, com placa afixada no Auditório Salvador de Ferrante.

A partir de setembro de 2010, colabora com o Jornal Nosso Bairro. Editora jornalista Jane D'Avila.

Entrevistada em outubro 2010 – em atenção a pedido de Vitoria Arabela Sahão – pela jornalista Letéia Silva, para a revista BPW From Curitiba, publicada pela Associação de Mulheres de Negócios e Profissionais, sendo a presidente Maria Inês Borges da Silveira.

Presta depoimento, em dezembro/2010, sobre os hinos de Antonina para o filme “Quatro Hinos de Uma Antonina Só”, da diretora Tânia Regina da Silva. Projeto Revelando os Brasis.

Em janeiro de 2011, participa da equipe que elabora propostas básicas às políticas públicas, do Fórum das Entidades Culturais – Curitiba/PR e do SATED/PR e SEPED/PR, para encaminhamento ao secretário de Estado da Cultura, Paulino Viapiana, à presidente da Fundação Cultural de Curitiba, Maria Christina de Andrade Vieira, e à diretora-presidente do Centro Cultural Teatro Guaíra, Mônica Rischbieter.



Autora de As Marés
Yara Sarmento
Apresentadora do livro
Rosirene Gemael
Revisora do texto
Evelise Sydnei Silva
Produtora executiva
Beatriz Barreto Brasileiro Lanza
Projeto gráfico
Adriana Alegria
Assessora de imprensa
Marialda Gonçalves Pereira
Coordenadora geral do projeto
Mônica Drummond

Contato com a autora
yarasarmento.blogspot.com
y.sarmento@gmail.com.br



Dados internacionais de catalogação na publicação
Bibliotecária responsável: Mara Rejane Vicente Teixeira

Sarmento, Yara.
As marés / Yara Sarmento. Curitiba, PR :
Cultural Office, 2011.
240 p. ; 13 x 21 cm.

1. Literatura brasileira– Miscelânea. I. Título.

CDD (22ª ed.)
B869.85



Esse livro foi impresso em março de 2011,
em papel offset 120 g, na Maxigráfica.
Tiragem de 1.000 exemplares.





ISBN 978-85-912009-0-0

